



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBa  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL - PPGLB

RENAN PIRES AZEVEDO

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo  
sociolinguístico de variação lexical

BACABAL  
2025

RENAN PIRES AZEVEDO

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo  
sociolinguístico de variação lexical

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

BACABAL  
2025

RENAN PIRES AZEVEDO

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo  
sociolinguístico de variação lexical

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB), do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Wendel Santos

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos (UFMA)

Orientador/Presidente

---

Prof. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues (UNESP)

Examinador Externo

---

Prof. Dra. Shisleny Machado Lopes (UFPI)

Examinador Externo

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Azevedo, Renan Pires.

A Língua Brasileira de Sinais na ilha de São Luís: : um estudo sociolinguístico de variação lexical / Renan Pires Azevedo. - 2025.

264 p.

Orientador(a): Wendel Silva dos Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2025.

1. Libras. 2. Variação Lexical. 3. Sociolinguística.  
4. São Luís. I. Santos, Wendel Silva dos. II. Título.

“A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais.”

J.Schuyler Long  
Diretor da Iowa School for the Deaf  
*The sign language* (1910)

A Deus, minha família, professor orientador, amigos, surdos e à UFMA.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, que me concede a vida e a oportunidade de desfrutar de dias coloridos, apesar dos dias cinzas. A Ele devo tudo que sei, sou e tenho.

À minha família, por me motivar e acreditar que posso ir longe. Meu pai, Nilton Azevedo, que me motivar a ser melhor e a nunca desistir dos sonhos. Pai, você é aquele que eu sinto alegria em contar alguma conquista porque o sr vibra comigo. Minha mãe, Sheila Pires, que faz de tudo e um pouco mais para que eu esteja bem, mesmo quando é ela que precisa de cuidados. Obrigado pelas madrugadas em claro apoiando o sonho do mestrado. Ao meu irmão, Ruan Pires, que dedicou dias para editar meus vídeos e sempre é um apoiador dos meus projetos de vida. À todos vocês, meu amor incondicional!

Ao Wendel Santos, meu professor orientador, a quem tenho infinita gratidão por acreditar no objeto de estudo, mesmo sendo um desafio. Meu carinho e admiração inenarrável pela maneira de conduzir, orientar, acompanhar e pela brilhante percepção em tornar o diferente em algo relevante. O sr é inspirador. Obrigado pelo acolhimento e hospitalidade em me receber no Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GEPeS) e, por despertar em mim, um profissional e pesquisador melhor, além da vontade de ser parecido com o sr. Por sua competência em ler meu texto, extraindo o melhor, e tendo uma visão como ninguém. Obrigado, professor! Se eu for parecido com sua sombra, já muito me alegra.

Aos meus professores do mestrado. Ao professor Luís Henrique Serra, por ser tão competente e acreditar em seus alunos. Suas aulas e orientações são sensacionais! Às professoras Glória e Tyara, por conhecer minha trajetória e me fazer pensar “fora da caixa”. À professora Heloísa Curvelo, por tão humana, simpática, dividir conquistas e acreditar que posso ir mais longe do que imagino. Dividimos uma viagem juntos e foi inspirador. Me apresentou a toponímia e me fez pesquisar a toponímia na Libras. Gratidão, profa! Aos professores Herodoto, por dividir almoços, risos e sonhos juntos, e ao professor José Antônio Vieira, pelas riquíssimas orientações. E, por fim, a professora Kátia, que muito nos ajudou na disciplina ministrada.

À professora Angélica Rodrigues, minha gratidão pelas orientações e visão fantástica na leitura do meu texto. Comecei a lhe acompanhar e a admiração irradia pela competência e sensibilidade que tens.

Aos meus amigos do GEPeS: Isaque, João Vitor e Laine. Obrigado pelos dias compartilhados em estudos e apresentações. Foram motivadores e parceiros nesta jornada.

À Isabella Severiano, que me acompanha desde a graduação. Obrigado por tornar meus dias mais leves, esperançosos e felizes. Gratidão por tanto cuidado e apoio incondicional.

Aos amigos de turma: Michelle Oliveira, Carliane Miranda, Thyago Sampaio, Cleyse Siebra, Vitória Pires, Ynnara Reis, Erika Gonçalves, Maria Kelcilene e Maria Maiane. Dividimos os nossos cafés da manhã e almoços, tornando nossa jornada no mestrado mais tranquila.

À profa Manuela Viana, muito obrigado por me acompanhar desde a graduação. Me acolheu como um filho e devo muito a ela as experiências que tenho hoje. Muito obrigado por acreditar no potencial, e pelas motivações. Você é inspiradora!

À Danielle Bezerra, pelas conversas e pelo apoio de sempre.

Aos amigos, Andriolli Araújo e José Bayma, por me ajudar com as fotos e vídeos. Vocês são excelentes! Ao Yuri, por ser um grande motivador neste processo de produção.

Aos amigos Januário Máximo, Etã Almeida e Rodrigo Serra, por sempre acreditarem no potencial. Gratidão!

Obrigado dona Terezinha, Alexandre, Fernando, Felipe e Fábio por me acolherem em Bacabal quando precisei. Obrigado por tanto!

À Suzana, por me acolher tão bem no dormitório da UFMA. Apesar de, a priori, não conhecer ninguém, você tornou possível outras amizades e, por ser uma companheira de UFMA, tornou meus dias menos solitários e mais alegres.

Aos meus amigos do Clube de Desbravadores que tanto me apoiam e entendem minhas ausências, em especial a Perla, Waléria, Enoque, Emerson e Marcelo.

Aos informantes surdos participantes da pesquisa, minha gratidão. Este estudo só foi possível porque vocês acreditaram na pesquisa. Aos demais amigos surdos, esta pesquisa é para ampliar a compreensão da sociedade quanto à língua de sinais.

E, por fim, mas não menos importante, a Universidade Pública Brasileira, em especial à UFMA, campus Bacabal, por me acolherem tão bem e ser um “divisor de águas” para voar mais alto. Gratidão!

À todos, muito obrigado!

## RESUMO

Compreendendo que as línguas de sinais atravessam processos de variação e mudança linguística, assim como as demais línguas naturais, este trabalho analisa a variação na sinalização de itens lexicais para os campos semânticos referentes animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios, por indivíduos surdos residentes na ilha de São Luís, no Maranhão. O estudo que aqui se desenvolveu, considerou as características sociais dos participantes, ao buscar verificar se há variação na sinalização nos campos semânticos acima mencionados, de modo a permitir a observação de que se há distintas maneiras de sinalização para o mesmo referente, de maneira que configure como um fenômeno de variação lexical, de fato, como variante de uma mesma variável, ou, se ao contrário, devam ser compreendidos como sinal ou classificador. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas realizadas com surdos que frequentam Centro de Ensino de Apoio à Pessoa com Surdez Professora Maria da Glória Costa Arcangeli – CAS, a fim de que se discutisse o fato de que essa comunidade se organiza em torno o debate que Eckert (2000) levanta sobre comunidades de práticas, já que compartilham repertórios de práticas, incluindo as linguísticas. Seriam, como se propõe neste estudo, uma comunidade de práticas surda. O aparato teórico-metodológico é o da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), e dos estudos sobre a língua de sinais (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). Neste estudo, verificou-se que os grupo de homens foram mais inovadores, enquanto as mulheres foram mais conservadoras. Para os itens que possuem registro no dicionário, os informantes do ensino superior, em sua maioria, tiveram maior recorrência no uso destes sinais. Informantes com ensino médio e informantes da faixa etária 2 utilizaram formas mais icônicas na produção dos itens. Este trabalho contribui, portanto, teoricamente, porque traz para o centro do interesse a discussão em torno de variante de uma mesma variável em Libras, e critérios para se estabelecer se é uma variação lexical, variante de uma mesma variável, ou classificador, além de contribuir com a noção de comunidade para estudos sociolinguísticos de línguas sinalizadas e, metodologicamente, propõe-se um desenho para se estudar descrição sociolinguística de dados oriundos de línguas de sinais em comunidades surdas.

**Palavras-chave:** Libras. Variação Lexical. Sociolinguística. São Luís.

## ABSTRACT

Understanding that sign languages undergo processes of variation and linguistic change, just like other natural languages, this study analyzes variation in the signing of lexical items within the semantic fields of animals, food, social interaction, colors, the human body, fruits, professions, and clothing and accessories by deaf individuals residing on the island of São Luís, in Maranhão. This research takes into account the social characteristics of the participants, aiming to verify whether variation exists in the signing of the aforementioned semantic fields, allowing for the observation of whether different ways of signing the same referent constitute a phenomenon of lexical variation—indeed, as variants of the same variable—or whether, on the contrary, they should be understood as a sign or classifier. The data were collected through interviews with deaf individuals who attend the Center for Education and Support for Deaf Individuals Maria da Glória Costa Arcangeli – CAS, in order to discuss how this community aligns with Eckert's (2000) concept of communities of practice, as they share repertoires of practices, including linguistic ones. As proposed in this study, they would constitute a deaf community of practice. The theoretical-methodological framework is based on Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]) and studies on sign language (Stokoe, 1960; Quadros & Karnopp, 2004). This study found that men were more innovative, while women were more conservative. For items that have dictionary records, higher education informants mostly exhibited greater recurrence in the use of these signs. Informants with a high school education and those in age group 2 used more iconic forms in their production of the items. This study contributes theoretically by bringing to the forefront discussions on variants of the same variable in Brazilian Sign Language (Libras) and criteria for determining whether a variation is lexical, a variant of the same variable, or a classifier. Additionally, it contributes to the concept of community in sociolinguistic studies of signed languages. Methodologically, it proposes a framework for sociolinguistic description of data from sign languages in deaf communities.

Keywords: Brazilian Sign Language. Lexical Variation. Sociolinguistics. São Luís.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	29
<b>2 SOCIOLINGUÍSTICA</b> .....	34
<b>2.1 Breve histórico da Sociolinguística</b> .....	34
<b>2.2 A teoria da variação linguística</b> .....	36
<b>2.3 Comunidade de fala</b> .....	40
<b>2.4 Comunidade de prática</b> .....	42
<b>2.5 Comunidade surda</b> .....	43
<b>3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS</b> .....	46
<b>3.1 As línguas de sinais</b> .....	46
3.1.1 A estrutura linguística das línguas de sinais .....	47
3.1.2 A estrutura lexical da Libras .....	70
<b>3.2 Variação e mudança na Libras</b> .....	76
3.2.1 Variação fonológica na Libras .....	79
3.2.2 Variação lexical da Libras .....	82
<b>4 DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	87
<b>4.1 A metodologia laboviana aplicada a uma amostra de língua de sinais</b> .....	88
<b>4.2 O <i>corpus</i> da pesquisa</b> .....	90
4.2.1 O CAS .....	94
<b>4.3 A seleção e organização dos dados</b> .....	95
<b>4.4 Perfil e caracterização dos informantes</b> .....	98
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	101
<b>5.1 Descrição dos dados</b> .....	101
5.1.1 Variação lexical .....	103
5.1.2 Variação fonológica .....	134
5.1.3 Classificadores .....	163
<b>5.2 Análise sociolinguística</b> .....	193

5.2.1 Considerações sobre aquisição e uso linguístico dos informantes .....	193
5.2.2 Considerações sobre a comunidade de prática surda analisada .....	194
5.2.3 Variantes dicionarizadas e mais recorrentes dos itens coletados .....	195
5.2.4 Resultados para a variável Sexo/gênero .....	202
5.2.4.1 Gráficos para variação lexical .....	202
5.2.4.2 Gráficos para variação fonológica.....	208
5.2.4.3 Gráfico para classificadores .....	216
5.2.5 Resultados para a variável escolaridade.....	217
5.2.5.1 Gráfico para variação lexical.....	217
5.2.5.2 Gráficos para variação fonológica.....	224
5.2.5.3 Gráfico para classificadores .....	232
5.2.6 Resultados para a variável faixa etária .....	233
5.2.6.1 Gráficos para variação lexical .....	233
5.2.6.2 Gráficos para variação fonológica.....	240
5.2.6.3 Gráfico para classificadores .....	248
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>250</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>253</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>257</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ASL	Língua de Sinais Americana
CAS	Centro de Apoio à Pessoa com Surdez
CM	Configuração de Mão
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sinal MARACUJÁ – Os três parâmetros primários de Stokoe .....	49
Figura 2: Sinal BURITI – Os cinco parâmetros linguísticos da Libras.....	49
Figura 3: Quadro de CM do INES .....	50
Figura 4: Sinal AMARELO.....	51
Figura 5: Sinal PRETO.....	51
Figura 6: Sinal BEIJU .....	52
Figura 7: Sinal JUÇARA.....	52
Figura 8: Sinal CUPUAÇU .....	53
Figura 9: Espaço de realização dos sinais .....	54
Figura 10: Sinal BEIJU .....	55
Figura 11: Sinal MARACUJÁ .....	55
Figura 12: Sinal PÃO .....	56
Figura 13: Sinal PRETO.....	57
Figura 14: Sinal SEIO .....	57
Figura 15: Tipos de movimento .....	58
Figura 16: Sinal BACURI .....	58
Figura 17: Sinal CAMALEÃO.....	59
Figura 18: Sinal PERA .....	59
Figura 19: Sinal BEIJU .....	60
Figura 20: Sinal ATA .....	60
Figura 21: Sinal TATU.....	61
Figura 22: Orientações da palma da mão .....	62
Figura 23: Sinal BEIJU .....	63
Figura 24: Sinal ATA .....	63
Figura 25: Sinal MARACUJÁ .....	63
Figura 26: Sinal SUTIÃ.....	64
Figura 27: Sinal AMARELO.....	64
Figura 28: Ilustração dos pontos de expressão facial .....	66
Figura 29: Sinal BURITI.....	66
Figura 30: Sinal PITOMBA .....	67
Figura 31: Sinal SEXO (ato sexual) .....	67
Figura 32: Sinal MARACUJÁ .....	69

Figura 33: Sinal BACURI .....	69
Figura 34: Sinal CORONAVÍRUS .....	70
Figura 35: Léxico das línguas de sinais.....	71
Figura 36: Sinal ENCONTRAR.....	72
Figura 37: Sinal PORTA .....	72
Figura 38: Sinal AZUL.....	74
Figura 39: Estrangeirismos na Libras .....	75
Figura 40: Item CADEIRA em Libras .....	77
Figura 41: Item LEITE em Libras .....	77
Figura 42: Item COMER em Libras .....	78
Figura 43: Item PÃO em Libras .....	78
Figura 44: Variações do sinal de PESSOA e CANCELAR em Libras.....	79
Figura 45: Variação do sinal ALÍVIO e ENTENDER em Libras.....	80
Figura 46: Variação do sinal de GORDO(A) em Libras .....	80
Figura 47: Variação da LETRA A em Libras.....	81
Figura 48: Variação do sinal de ESTADOS UNIDOS em Libras.....	81
Figura 49: Variação nos sinais de PIZZA e BANANA em ASL .....	84
Figura 50: Variação nos sinais PAI.....	84
Figura 51: Variação nos sinais MÃE.....	85
Figura 52: Estúdio de entrevistas.....	93
Figura 53: Campos semânticos e itens lexicais .....	97
Figura 54: Sinal ATA – Variante 1 .....	104
Figura 55: Sinal ATA – Variante 2 .....	104
Figura 56: Sinal ATA – Variante 3 .....	105
Figura 57: Sinal ATA – Variante 4 .....	105
Figura 58: Sinal ATA – Variante 5 .....	105
Figura 59: Sinal BURITI – Variante 1 .....	107
Figura 60: Sinal BURITI – Variante 2 .....	108
Figura 61: Sinal MARACUJÁ – Variante 1.....	109
Figura 62: Sinal MARACUJÁ – Variante 2.....	109
Figura 63: Sinal MARACUJÁ – Variante 3.....	110
Figura 64: Sinal MARACUJÁ – Variante 4.....	110
Figura 65: Sinal CUPUAÇU – Variante 1.....	112
Figura 66: Sinal CUPUAÇU – Variante 2.....	112

Figura 67: Sinal BEIJU – Variante 1 .....	113
Figura 68: Sinal BEIJU – Variante 2.....	114
Figura 69: Sinal BEIJU – Variante 3.....	114
Figura 70: Sinal BEIJU – Variante 4.....	115
Figura 71: Sinal CAMALEÃO – Variante 1 .....	115
Figura 72: Sinal CAMALEÃO – Variante 2.....	116
Figura 73: Sinal CAMALEÃO – Variante 3.....	116
Figura 74: Sinal CAMALEÃO – Variante 4.....	117
Figura 75: Sinal JUÇARA – Variante 1 .....	118
Figura 76: Sinal JUÇARA – Variante 2 .....	118
Figura 77: Sinal JUÇARA – Variante 3 .....	118
Figura 78: Sinal PÃO GROSSA – Variante 1 .....	119
Figura 79: Sinal PÃO GROSSA – Variante 2.....	120
Figura 80: Sinal PÃO GROSSA – Variante 3.....	120
Figura 81: Sinal PÉ – Variante 1 .....	121
Figura 82: Sinal PÉ – Variante 2.....	121
Figura 83: Sinal PÉ – Variante 3 .....	121
Figura 84: Sinal PÉ – Variante 4.....	122
Figura 85: Sinal PÉ – Variante 5 .....	122
Figura 86: Sinal PÉ – Variante 6.....	123
Figura 87: Sinal PÉ – Variante 7 .....	123
Figura 88: Sinal PÉ – Variante 8.....	124
Figura 89: Sinal PÉ – Variante 9.....	124
Figura 90: Sinal PÉ – Variante 10.....	125
Figura 91: Sinal PEDREIRO – Variante 1 .....	125
Figura 92: Sinal PEDREIRO – Variante 2 .....	126
Figura 93: Sinal SEIO – Variante 1.....	127
Figura 94: Sinal SEIO – Variante 2.....	127
Figura 95: Sinal SEIO – Variante 3.....	127
Figura 96: Sinal SEIO – Variante 4.....	128
Figura 97: Sinal TATU – Variante 1 .....	129
Figura 98: Sinal TATU – Variante 2.....	129
Figura 99: Sinal SEXO – Variante 1 .....	130
Figura 100: Sinal SEXO – Variante 2 .....	130

Figura 101: Sinal SEXO – Variante 3 .....	131
Figura 102: Sinal SEXO – Variante 4 .....	131
Figura 103: Sinal SEXO – Variante 5 .....	132
Figura 104: Sinal SEXO – Variante 6 .....	132
Figura 105: Sinal SEXO – Variante 7 .....	133
Figura 106: Sinal SEXO – Variante 8 .....	133
Figura 107: Sinal SEXO – Variante 9 .....	134
Figura 108: Sinal BURITI – Variante 1 .....	135
Figura 109: Sinal BURITI – Variante 2 .....	135
Figura 110: Sinal CUPUAÇU – Variante 1.....	136
Figura 111: Sinal CUPUAÇU – Variante 2.....	137
Figura 112: Sinal MARACUJÁ – Variante 1.....	138
Figura 113: Sinal MARACUJÁ – Variante 2.....	138
Figura 114: Sinal MARACUJÁ – Variante 3.....	139
Figura 115: Sinal MARACUJÁ – Variante 4.....	139
Figura 116: Sinal AMARELO – Variante 1 .....	140
Figura 117: Sinal AMARELO – Variante 2.....	140
Figura 118: Sinal PRETO – Variante 1 .....	141
Figura 119: Sinal PRETO – Variante 2 .....	142
Figura 120: Sinal PRETO – Variante 3 .....	142
Figura 121: Sinal PRETO – Variante 4 .....	143
Figura 122: Sinal PRETO – Variante 5 .....	143
Figura 123: Sinal BEIJU – Variante 1 .....	144
Figura 124: Sinal BEIJU – Variante 2.....	145
Figura 125: Sinal BEIJU – Variante 3.....	145
Figura 126: Sinal CAMALEÃO – Variante 1 .....	146
Figura 127: Sinal CAMALEÃO – Variante 2 .....	147
Figura 128: Sinal JUÇARA – Variante 1 .....	148
Figura 129: Sinal JUÇARA – Variante 2 .....	148
Figura 130: Sinal JUÇARA – Variante 3 .....	149
Figura 131: Sinal JUÇARA – Variante 4 .....	149
Figura 132: Sinal PÃO FINA – Variante 1 .....	150
Figura 133: Sinal PÃO FINA – Variante 2 .....	150
Figura 134: Sinal PÃO FINA – Variante 3 .....	150

Figura 135: Sinal PÃO FINA – Variante 4 .....	151
Figura 136: Sinal PÃO GROSSA – Variante 1 .....	152
Figura 137: Sinal PÃO GROSSA – Variante 2 .....	152
Figura 138: Sinal PÃO GROSSA – Variante 3 .....	152
Figura 139: Sinal PÃO GROSSA – Variante 4 .....	152
Figura 140: Sinal PÃO GROSSA – Variante 5 .....	153
Figura 141: Sinal PEDREIRO – Variante 1 .....	154
Figura 142: Sinal PEDREIRO – Variante 2 .....	154
Figura 143: Sinal PEDREIRO – Variante 3 .....	154
Figura 144: Sinal PEDREIRO – Variante 4 .....	155
Figura 145: Sinal PEDREIRO – Variante 5 .....	155
Figura 146: Sinal SEIO – Variante 1 .....	156
Figura 147: Sinal SEIO – Variante 2 .....	157
Figura 148: Sinal SUTIÃ – Variante 1 .....	157
Figura 149: Sinal SUTIÃ – Variante 2 .....	158
Figura 150: Sinal TATU – Variante 1 .....	159
Figura 151: Sinal TATU – Variante 2 .....	159
Figura 152: Sinal TATU – Variante 3 .....	159
Figura 153: Sinal SEXO – Variante 1 .....	160
Figura 154: Sinal SEXO – Variante 2 .....	161
Figura 155: Sinal SEXO – Variante 3 .....	161
Figura 156: Sinal SEXO – Variante 4 .....	161
Figura 157: Sinal SEXO – Variante 5 .....	162
Figura 158: Sinal SEXO – Variante 6 .....	162
Figura 159: Sinal SEXO – Variante 7 .....	163
Figura 160: ATA – Classificador 1 .....	164
Figura 161: ATA – Classificador 2 .....	164
Figura 162: ATA – Classificador 3 .....	165
Figura 163: ATA – Classificador 4 .....	165
Figura 164: ATA – Classificador 5 .....	165
Figura 165: COCO BABAÇU – Classificador 1 .....	167
Figura 166: COCO BABAÇU – Classificador 2 .....	167
Figura 167: COCO BABAÇU – Classificador 3 .....	168
Figura 168: COCO BABAÇU – Classificador 4 .....	168

Figura 169: COCO BABAÇU – Classificador 5.....	169
Figura 170: COCO BABAÇU – Classificador 6.....	169
Figura 171: COCO BABAÇU – Classificador 7.....	169
Figura 172: COCO BABAÇU – Classificador 8.....	170
Figura 173: COCO BABAÇU – Classificador 9.....	170
Figura 174: COCO BABAÇU – Classificador 10.....	171
Figura 175: SAPOTI – Classificador 1 .....	174
Figura 176: SAPOTI – Classificador 2 .....	174
Figura 177: SAPOTI – Classificador 3 .....	175
Figura 178: BURITI – Classificador 1 .....	176
Figura 179: BURITI – Classificador 2 .....	177
Figura 180: BURITI – Classificador 3 .....	177
Figura 181: CUPUAÇU – Classificador 1 .....	178
Figura 182: CUPUAÇU – Classificador 2 .....	179
Figura 183: MARACUJÁ – Classificador 1 .....	180
Figura 184: MARACUJÁ – Classificador 2 .....	180
Figura 185: BEIJU – Classificador 1.....	182
Figura 186: BEIJU – Classificador 2.....	182
Figura 187: CAMALEÃO – Classificador 1.....	183
Figura 188: CAMALEÃO – Classificador 2.....	183
Figura 189: CAMALEÃO – Classificador 3.....	184
Figura 190: CAMALEÃO - Classificador 4.....	184
Figura 191: CAMALEÃO – Classificador 5.....	185
Figura 192: JUÇARA – Classificador 1.....	185
Figura 193: PÃO GROSSA – Classificador 1.....	186
Figura 194: PÃO GROSSA – Classificador 2.....	186
Figura 195: PÉ – Classificador 1.....	187
Figura 196: SUTIÃ – Classificador 1.....	188
Figura 197: SUTIÃ – Classificador 2.....	188
Figura 198: SUTIÃ – Classificador 3.....	189
Figura 199: SUTIÃ – Classificador 4.....	189
Figura 200: TATU – Classificador 1.....	190
Figura 201: TATU – Classificador 2.....	190
Figura 202: SEXO – Classificador 1.....	191

Figura 203: SEXO – Classificador 2 .....	191
Figura 204: SEXO – Classificador 3 .....	191
Figura 205: SEXO – Classificador 4 .....	192
Figura 206: SEXO – Classificador 5 .....	192
Figura 207: Sinal ATA, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	195
Figura 208: Item MARACUJÁ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	195
Figura 209: Sinal AMARELO, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	196
Figura 210: Sinal PRETO, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	196
Figura 211: Sinal CUPUAÇU, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	196
Figura 212: Sinal BEIJU, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	196
Figura 213: Sinal JUÇARA, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	197
Figura 214: Sinal PEDREIRO, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	197
Figura 215: Sinal PÉ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017).....	197
Figura 216: Sinal SEXO, usado no CE e PB, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	197
Figura 217: Sinal SEIO, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	198
Figura 218: Sinal SUTIÃ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	198
Figura 219: Sinal TATU, usado no PE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla <i>et al.</i> (2017) .....	198
Figura 220: Sinal COCO BABAÇU, conforme informantes da pesquisa.....	198
Figura 221: Sinal BURITI, conforme informantes da pesquisa .....	199
Figura 222: Sinal CAMALEÃO, conforme informantes da pesquisa.....	199
Figura 223: Sinal PÃO FINA, conforme informantes da pesquisa .....	199
Figura 224: Sinal PÃO GROSSA, conforme informantes da pesquisa.....	200

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado quantitativo do item ATA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	202
Gráfico 2: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	202
Gráfico 3: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	203
Gráfico 4: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	204
Gráfico 5: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	204
Gráfico 6: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	205
Gráfico 7: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	205
Gráfico 8: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	206
Gráfico 9: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	206
Gráfico 10: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	206
Gráfico 11: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	207
Gráfico 12: Resultado quantitativo do item TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	207
Gráfico 13: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	208
Gráfico 14: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	208
Gráfico 15: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	209
Gráfico 16: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	210

Gráfico 17: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	210
Gráfico 18: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	211
Gráfico 19: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	211
Gráfico 20: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	212
Gráfico 21: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	212
Gráfico 22: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	213
Gráfico 23: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	213
Gráfico 24: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	214
Gráfico 25: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	214
Gráfico 26: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	215
Gráfico 27: Resultado quantitativo do item TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	215
Gráfico 28: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	216
Gráfico 29: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes .....	216
Gráfico 30: Resultado quantitativo do item ATA, conforme escolaridade dos informantes .....	217
Gráfico 31: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme escolaridade dos informantes .....	218
Gráfico 32: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme escolaridade dos informantes .....	219

Gráfico 33: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme escolaridade dos informantes .....	219
Gráfico 34: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme escolaridade dos informantes .....	220
Gráfico 35: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme escolaridade dos informantes .....	220
Gráfico 36: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme escolaridade dos informantes .....	220
Gráfico 37: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme escolaridade dos informantes .....	221
Gráfico 38: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme escolaridade dos informantes .....	221
Gráfico 39: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme escolaridade dos informantes .....	222
Gráfico 40: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme escolaridade dos informantes .....	222
Gráfico 41: Resultado quantitativo do item TATU, conforme escolaridade dos informantes .....	223
Gráfico 42: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme escolaridade dos informantes .....	223
Gráfico 43: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme escolaridade dos informantes .....	224
Gráfico 44: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme escolaridade dos informantes .....	224
Gráfico 45: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme escolaridade dos informantes .....	225
Gráfico 46: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme escolaridade dos informantes .....	226
Gráfico 47: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme escolaridade dos informantes .....	226
Gráfico 48: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme escolaridade dos informantes .....	227
Gráfico 49: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme escolaridade dos informantes .....	228

Gráfico 50: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme escolaridade dos informantes .....	228
Gráfico 51: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme escolaridade dos informantes .....	228
Gráfico 52: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme escolaridade dos informantes .....	229
Gráfico 53: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme escolaridade dos informantes .....	229
Gráfico 54: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme escolaridade dos informantes .....	230
Gráfico 55: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme escolaridade dos informantes .....	230
Gráfico 56: Resultado quantitativo do item TATU, conforme escolaridade dos informantes .....	231
Gráfico 57: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme escolaridade dos informantes .....	231
Gráfico 58: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme escolaridade dos informantes .....	232
Gráfico 59: Resultado quantitativo do item ATA, conforme faixa etária dos informantes .....	233
Gráfico 60: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme faixa etária dos informantes .....	233
Gráfico 61: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme faixa etária dos informantes .....	234
Gráfico 62: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme faixa etária dos informantes .....	235
Gráfico 63: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme faixa etária dos informantes .....	235
Gráfico 64: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme faixa etária dos informantes .....	236
Gráfico 65: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme faixa etária dos informantes .....	236

Gráfico 66: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme faixa etária dos informantes .....	237
Gráfico 67: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme faixa etária dos informantes .....	237
Gráfico 68: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme faixa etária dos informantes .....	238
Gráfico 69: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme faixa etária dos informantes .....	238
Gráfico 70: Resultado quantitativo do item TATU, conforme faixa etária dos informantes .....	239
Gráfico 71: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme faixa etária dos informantes .....	239
Gráfico 72: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme faixa etária dos informantes .....	240
Gráfico 73: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme faixa etária dos informantes .....	241
Gráfico 74: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme faixa etária dos informantes .....	241
Gráfico 75: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme faixa etária dos informantes .....	242
Gráfico 76: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme faixa etária dos informantes .....	242
Gráfico 77: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme faixa etária dos informantes .....	243
Gráfico 78: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme faixa etária dos informantes .....	244
Gráfico 79: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme faixa etária dos informantes .....	244
Gráfico 80: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme faixa etária dos informantes .....	244
Gráfico 81: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme faixa etária dos informantes .....	245
Gráfico 82: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme faixa etária dos informantes .....	245

Gráfico 83: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme faixa etária dos informantes .....	246
Gráfico 84: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme faixa etária dos informantes .....	246
Gráfico 85: Resultado quantitativo do item TATU, conforme faixa etária dos informantes .....	247
Gráfico 86: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme faixa etária dos informantes .....	247
Gráfico 87: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme faixa etária dos informantes .....	248

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Itens e quantidade de variantes .....	101
Tabela 2: Variantes padrão .....	200

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pontos de articulação .....	54
Quadro 2: Categorias do parâmetro movimento na Libras.....	61
Quadro 3: Expressão não-manual na Libras.....	65
Quadro 4: Campos semânticos e itens lexicais analisados .....	98
Quadro 5: Caracterização dos informantes.....	99

## 1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre variação lexical em Língua Brasileira de Sinais (daqui em diante Libras)<sup>1</sup>. Este é, também, um estudo sobre o entendimento de que a Libras é um sistema linguístico complexo, tal qual qualquer outro sistema linguístico reconhecido, que passa por processos, também sistemáticos, de variação e mudança linguística, fruto da intrínseca relação entre os sujeitos socialmente localizados, que a utilizam como forma primária de comunicação. Acrescenta-se, este é um estudo que advoga a favor de que o sistema linguístico considerado nas páginas que se seguem seja analisado com o devido rigor pela ciência linguística, notadamente, aqui, pela sociolinguística variacionista, área dos estudos da denominada macrolinguística (Weedwood, 2002), que se ocupa em estudar “a língua como um fenômeno social e cultural” (Trudgill, 2000, p. 21)<sup>2</sup>. Assim, a variação lexical em Libras, como o estudo que se propõe aqui, é um exemplo do tipo de trabalho realizado sob o rótulo de sociolinguística variacionista.

O reconhecimento da Libras como um sistema linguístico é fruto das mudanças pelas quais vêm passando a sociedade, que abandona a percepção equivocada de que pessoas que convivem com surdez não são capazes de se comunicar de maneira eficaz. Essa percepção levava a restrições sofridas não apenas pelas pessoas que convivem com surdez, mas também aquelas que utilizam principalmente a Libras como meio de comunicação. Destaca-se a discussão levantada por Honora e Frizanco (2009), que explicam que essa atribuição negativa à forma de comunicação por sinais persistiu devido à predominância da comunicação oral como principal ferramenta para a percepção do mundo, prática que remonta a pensadores como Aristóteles, que conferiam à fala o poder de cognição e articulação do pensamento humano, movimento contrário ao feito por pensadores, como Charles L'Épée, que já entendiam a necessidade de se reconhecer a forma de comunicação surda como possível, e antecipavam que a adoção de uma linguagem baseada em sinais poderia facilitar o ensino de pessoas com surdez, promovendo, assim, seu desenvolvimento cognitivo e comunicativo. Santos e Azevedo (2024) acrescentam que a partir da promulgação da Lei nº 10.436/2002, que advoga sobre a Libras, houve uma grande mudança na percepção da língua de sinais, pois efetivou-se

---

<sup>1</sup> Submetido para apreciação junto à Plataforma Brasil, CAEE 78532924.0.0000.5087. Aprovado pelo parecer nº 7.108.698.

<sup>2</sup> Proposta de tradução para o trecho original: “Sociolinguistics, then, is that part of linguistics which is concerned with language as a social and cultural phenomenon”.

o reconhecimento legal da forma de comunicação da comunidade surda. Essas medidas contribuem sobremaneira para a promoção e disseminação do uso da Libras. A promulgação e regulamentação da lei da Libras conduziram a uma compreensão mais ampla da língua de sinais como uma língua viva e dinâmica.

Assim como em todas as línguas naturais, a Libras passa por processos de variação, uma característica intrínseca aos sistemas linguísticos, tratando-se, portanto, de heterogeneidade estruturada, ainda que as diferenças entre as línguas orais e as línguas de sinais sejam evidentes, especialmente no que diz respeito ao canal de comunicação e recepção, no sentido de que, enquanto as línguas orais são percebidas pelos ouvidos e produzidas pelo aparelho fonador (oral-auditivo), as línguas de sinais são visualmente percebidas e manualmente produzidas (visual-motor; visual-espacial ou gestual-visual).

O estudo da variação em uma língua como a Libras se impõe como um desafio significativo devido à ausência de uma tradição consolidada em estudos linguísticos para esse sistema, conforme destacado por Quadros (2012). Além disso, como salientado por Xavier e Barbosa (2017, p. 987), o desafio de se descrever uma língua como a Libras é ampliada quando se pensa que “há uma evidente falta de clareza quanto a natureza dessa variação [...]: idioletal, estilística, socioletal, dialetal”. Considerando que o tratamento científico das línguas de sinais no campo da linguística é recente, ainda se observa uma relativa escassez de pesquisas que abordem as características específicas dessas línguas.

A investigação linguística sobre línguas de sinais teve início nos Estados Unidos, com a descrição da Língua de Sinais Americana (doravante ASL), pelo linguista William Stokoe, em torno de 1960 (cf. Lucas *et al.*, 2002), mais de meio século após o estabelecimento da linguística como ciência. Uma das principais contribuições trazidas por Stokoe foi a de que a análise do sistema linguístico das línguas de sinais deveria se pautar em seus parâmetros formacionais, a saber Configuração de Mão, Ponto de Articulação e Movimento. O impacto da proposta de Stokoe é que faz com que as línguas de sinais passem a ser consideradas como sistemas linguísticos complexos, uma vez que, até então, eram vistas como forma de comunicação rudimentar instrumentalizadas por meio de mímica.

Kusters e Lucas (2022) mostram que, a partir do movimento iniciado por Stokoe, ainda na década de 60, as línguas de sinais passaram a ser entendidas como línguas que não vivem em um vácuo sociolinguístico, carecendo de ampla descrição. Esses autores

mostram que a sociolinguística das línguas de sinais têm descrito uma ampla gama de variedades linguísticas<sup>3</sup>.

No contexto brasileiro, os estudos acerca da análise sociolinguística das línguas de sinais se estabelecem pelas pioneiras pesquisas desenvolvidas por Ferreira Brito (1984), que analisou a língua de sinais utilizada por surdos paulistanos, comparativamente à língua de sinais utilizada pelos indígenas da comunidade Urubu-Kaapor, na Amazônia Maranhense. Mais recentemente, diversos pesquisadores vêm se dedicando à descrição da Libras (cf. as pesquisas desenvolvidas por Ferreira Brito, 1995, Quadros, 2004, Xavier, 2006, Rodrigues, 2019; Rodrigues e Souza, 2019; Carneiro *et al*, 2023; Santos e Lopes, 2024). No entanto, mais escassos são estudos que considerem os usos linguísticos por surdos residentes da grande ilha de São Luís.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é analisar a variação na sinalização para os campos semânticos referentes a animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões, vestuário e acessórios, por indivíduos surdos residentes na ilha de São Luís, no Maranhão. Para investigar essa variação na sinalização, toma-se por base a teoria da Sociolinguística Variacionista (Labov, (2008)1972), que entende que não se pode compreender o desenvolvimento da variação e da mudança linguísticas sem levar em consideração as características sociais da comunidade, apresentando-se, assim, como um campo promissor de investigação para os estudos com indivíduos surdos e a língua de sinais, língua inerentemente heterogênea, e cuja variação pode ser observada e sistematizada, tomando-se, para isso, a interação entre fatores linguísticos e extralinguísticos.

O estudo que se vai desenvolver vai considerar as características sociais dos participantes, ao buscar verificar se há variação na sinalização nos campos semânticos acima mencionados, de modo a permitir a observação de que se há distintas maneiras de sinalização para o mesmo referente, de maneira que configure como um fenômeno de variação lexical, de fato, como variante de uma mesma variável, ou, se ao contrário, devam ser compreendidos como sinal ou classificador. Santos e Azevedo (2024) se ocuparam em analisar a variação lexical para o item camaleão, tomando como base a

---

<sup>3</sup> Para uma linha temporal dos estudos sociolinguísticos aplicados à descrição das línguas de sinais, conferir Lucas (2002) e Palfreyman (2019). O primeiro se dedica à elaboração de um manual para o estudo sociolinguístico das línguas de sinais, enquanto o segundo ocupa-se em descrever, pioneiramente, a língua indiana de sinais (BISINDO). Ainda que aparentemente específicos em seus objetivos, ambos os autores elaboram uma apresentação de pesquisas que vêm se dedicando ao estudo da produção das línguas de sinais em diferentes partes do mundo.

sinalização feita por sujeitos sinalizantes (um homem e uma mulher de cada uma das localidades investigadas) nas cidades que compõem a grande ilha de São Luís, a saber: São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Esses autores observaram que houve um alto grau de variabilidade nas sinalizações apresentadas, o que os levou a não estabelecerem um padrão de variação para o item em questão, não possibilitando, portanto, afirmar se os itens levantados funcionariam como variantes de uma mesma variável, nos termos labovianos. Tal indefinição, explicam os autores, poderia estar associada à baixa quantidade de participantes, já que analisaram os dados a partir da sinalização de apenas oito informantes. Não é trivial pensar que, para os estudos sociolinguísticos, a quantidade de informantes importa para a definição de padrões de uso.

O trabalho que aqui se propõe pretende, assim, ampliar a discussão levantada por Santos e Azevedo (2024) ao se propor a analisar a variação na sinalização para os campos semânticos referentes animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios, realizada por indivíduos surdos residentes na ilha de São Luís, no Maranhão. Especificamente, busca verificar se há, entre surdos dessa ilha, diferenças na sinalização para os itens lexicais, selecionados a partir dos campos semânticos citados, na grande ilha de São Luís. Aventa-se a hipótese de que há variação na produção dos sinais para os itens lexicais em questão, entre os surdos da grande ilha de São Luís, e que tal fenômeno de variação é explicada especialmente pelas informações de cunho social dos informantes, como sexo/gênero, o grau de instrução em Libras, entre outros aspectos. Os dados serão obtidos a partir de entrevistas realizadas com surdos que frequentam Centro de Ensino de Apoio à Pessoa com Surdez Professora Maria da Glória Costa Arcangeli – CAS, a fim de que se discuta o fato de que essa comunidade se organiza em torno o debate que Eckert (2000) levanta sobre comunidades de práticas, já que compartilham repertórios de práticas, incluindo as linguísticas. Seriam, como se propõe adiante, uma comunidade de práticas surda. Além disso, os resultados, obtidos a partir de agora com base em uma amostra de participantes mais robusta vai permitir afirmar se o fenômeno de variação lexical aqui analisado configura-se como exemplos de variantes de uma mesma variável, ou, se ao contrário, ainda devem ser classificados como sinal ou classificador.

No primeiro capítulo, a seguir, apresenta-se o escopo da sociolinguística variacionista, seu conceito e objetivos. Propõe-se aqui uma discussão sobre a noção de comunidade que melhor pode ser aplicada a um estudo sociolinguístico envolvendo

indivíduos surdos e o uso da língua de sinais por esses sujeitos e aqueles que sinalizam, embora não necessariamente sejam pessoas surdas. No capítulo seguinte, são abordados os estudos linguísticos, notadamente aqueles sobre variação linguística em Libras, e a sua estrutura lexical. A metodologia da pesquisa é apresentada em seguida, bem como os resultados alcançados e as conclusões e as referências, que encerram esta pesquisa.

## 2 SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, será apresentada a base teórica que fundamenta esta pesquisa: a teoria da variação linguística, proposta por William Labov. É feito um breve histórico dessa área que entende a língua em sua relação estrita com os sujeitos que a utilizam para a tarefa da comunicação. Adverte-se para o fato de que esta área é bastante sólida no que diz respeito ao estudo de línguas oralizadas, no sentido de que seus conceitos são facilmente aplicadas à estrutura de línguas faladas, ainda que o mesmo não se possa pensar para as línguas sinalizadas. É na esteira dessa reflexão que se discute a noção de comunidade, conceito já amplamente debatido na sociolinguística. Amplia-se, a partir daí, a noção de comunidade de práticas, ao incluir-se pessoas que sinalizam como forma principal de comunicação.

### 2.1 Breve histórico da Sociolinguística

Em cada comunidade, a interação entre indivíduos ocorre, já que o humano é naturalmente social e requer interação. Por causa da essência mutável das línguas, elas estão em constante desenvolvimento, e elementos que fazem parte da estrutura linguística e social das pessoas ajudam nesse processo de mudança ao longo do tempo.

Desde a década de 60, a sociolinguística é a área dos estudos linguísticos que propõe, como bem explica Pride (1976), que o indivíduo pode usar a língua de maneira correta numa multiplicidade de situações socialmente determinadas, e que o domínio dessas diferentes normas linguísticas faz tão parte de sua competência linguística quanto a sua natural habilidade de produzir sentenças gramaticalmente bem formadas.

Ainda que o interesse pelo aspecto social nos estudos linguísticos não tenham se iniciado com o nascimento dessa área, é ela, especialmente pela via dos trabalhos de Labov em Martha's Vineyard e Nova York, é que se pode falar uma abordagem mais sistemática da relação entre a sociedade e a língua falada. As investigações sociolinguísticas evidenciam, de maneira clara e inegável, essa relação, tornando crucial a compreensão desse laço ao se examinar o fenômeno linguístico. Conforme Salomão (2011), a nomenclatura “sociolinguística” apareceu pela primeira vez em 1939, no artigo *Sociolinguistics in India* (Hodson, 1939).

Neste capítulo, apresenta-se, de maneira breve, como os estudos linguísticos relacionam o estudo da língua e da fala até que se chegue à base da Sociolinguística, área

foco deste trabalho. Além disso, como essa área tem sido aplicada à descrição das línguas de sinais, como a Libras.

No entanto, para se chegar a tal nível de observação, é necessário remontar ao projeto estruturalista de Saussure (2006) que, ao compreender a língua como uma estrutura fixa e imutável, desenvolve uma teoria que difere língua e fala, direcionando seu foco para a análise da língua. Para ele, “[...] a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 2006, p. 271).

Ainda que Saussure tenha se dedicado ao estudo da língua em sua imanência, e tal empreendimento tenha logrado êxito entre os estudiosos da língua, nem sempre o aspecto social, relacionado ao estudo linguístico, esteve fora do centro do interesse dos estudos sobre a língua. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 58) já apontavam isso. Eles mostram que, ainda que linguistas como Bloomfield já tivessem previsto o caráter diverso das línguas naturais, perderam o “interesse pelo caráter sistemático da língua heterogênea de uma comunidade”.

Calvet (2002, p. 13) mostra que Antoine Meillet “insistiu em numerosos textos no caráter social da língua”. Como também mostra esse autor, a abordagem social da língua, por Meillet, se propõe a uma abordagem que busca convergir estrutura interna e estrutura externa para a análise dos fatos da língua, ainda que fosse por uma perspectiva histórico-antropológica.

Na contracorrente dessas abordagens é que a Sociolinguística se constituiu, na década de 60 como um dos campos mais férteis da pesquisa linguística. Entende que a língua possui uma “heterogeneidade sistemática”, o que viabiliza a delimitação e identificação de diferenças sociais dentro da comunidade. Dessa forma, a competência linguística dos indivíduos envolve o domínio de estruturas linguísticas diversas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 101).

William Bright (1966, 1974), em 1964, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, organizou uma escola teórica para essa nova área de estudos e, com a ajuda de outros linguistas envolvidos, estabeleceu a diversidade linguística como o principal objeto de investigação da Sociolinguística. Ao apontar que a tarefa da Sociolinguística era a de demonstrar padrões de covariação entre formas linguísticas e fatos sociais, Bright definiu os fatores que influenciam o fenômeno da diversidade linguística como sendo relacionados ao falante, ao destinatário, às suas identidades sociais e ao contexto em que a comunicação ocorre (Monteiro, 2000).

William Labov, presente no encontro organizado por Bright, mostrou a existência de um só tipo de linguística, a social, ao afirmar que “a sociolinguística é a linguística” (Calvet, 2002, p. 33), e achava não haver motivos para se destacar o caráter social da língua na denominação dessa nova área de estudos (Labov, 2008). É nesse contexto que Labov, ao publicar o estudo sobre a estratificação do /r/ nas lojas de Nova Iorque, que esse autor sistematiza a teoria e o método para o estudo da variação linguística.

## 2.2 A teoria da variação linguística

Sob a ótica dos estudos sociolinguísticos, a língua é vista como uma ferramenta de comunicação que espelha as práticas culturais, históricas e políticas de uma comunidade específica. Segundo Alkmim (2008, p. 31), a Sociolinguística “é o estudo da língua falada, sendo observada, descrita e analisada em seu contexto social, em situações reais de uso”. Assim, essa área de estudos linguísticos foca na observação, análise e descrição da variedade linguística existentes na sociedade.

A tentativa de documentar a diversidade linguística e criar um modelo que pode investigar a influência de fatores sociais sobre a língua começou a se destacar a partir dos anos 60, com a Sociolinguística Variacionista, que também é chamada de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana, além de Teoria da Variação e Mudança. Esse modelo teórico-metodológico, caracterizado como uma ciência do uso social da linguagem, concentra-se no exame da coexistência de diferentes variantes linguísticas e das chances de seu emprego em contextos específicos. Sua principal característica, em contraste com o modelo gerativista, por exemplo, é o fato de ter sido concebido por Labov como uma resposta à ausência de um componente social no modelo gerativo (Tarallo, 1994, p. 7).

Reitera-se que linguistas como Meillet e Bakhtin já se interessavam pelo contexto sociocultural e o uso da língua em comunidade (cf. Bortoni-Ricardo, 2014), mas é somente com o linguista norte-americano William Labov que se estabelece um modelo teórico-metodológico capaz de dar conta dos fatores sociais que, em interrelação com características próprias do sistema linguístico, explicam a heterogeneidade da língua<sup>4</sup> e

---

<sup>4</sup> É importante ressaltar que, anteriormente a Labov, dois outros linguistas já vinham se dedicando ao desenvolvimento de um campo de estudos que incorporasse as informações sociais dos falantes na análise linguística. O próprio Labov informa isso, em sua obra Padrões Sociolinguísticos (2008[1972]), p. 216): “muitas revisões e resenhas deste campo mais amplo da “sociolinguística” apareceram recentemente, e o leitor encontrará muitos estudos excelentes e perspicazes” [grifos do autor].

que vise à elucidação da variação sistemática e simultânea da língua na sociedade. O propósito de Labov era, então, examinar a evolução e estrutura de uma língua dentro do contexto social. Conforme essa concepção teórica, a língua é um fenômeno social, um sistema heterogêneo, o que a torna suscetível a apresentar variações.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística trata, portanto, da variação e da mudança linguísticas e contempla os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social. A proposta de Labov se distancia da Linguística que considera a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto de enunciação e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema. (Santos e Vitório, 2011, p. 18).

Labov observou que dentro de uma mesma comunidade de falantes<sup>5</sup>, as pessoas têm a tendência de apresentar variações no uso da fala. Mesmo um único indivíduo pode apresentar variação quanto a sua maneira de falar, dependendo do contexto. Ao analisar essas variações, Labov percebeu que havia padrões, que era possível sistematizá-los, uma vez que não se caracterizavam como homogênea ou, ainda, como simples acidentes da fala, como apresentado por Saussure (2006) e do conceito de falante ideal defendido por Chomsky (1965, 1997). Ao contrário, essa variação era inerente ao sistema da língua, não se limitando apenas à fala.

Enquanto Saussure sugeria que a fala fosse heterogênea e a língua homogênea, separando-as em dicotomias, Labov (2008[1972]) argumentava que a língua fosse heterogênea, uma vez que compreende que não dá para desassociar o estudo da língua sem os seus falantes. Compreende, também, que a variação, parte da estrutura dos sistemas linguísticos, é sistemática, o que poderia levá-la ao estatuto de objeto de estudo linguístico, passível de ser investigado. Para Labov (2008[1972]) há uma heterogeneidade sistemática, o que demonstra que a variabilidade não é aleatória, mas condicionada por influências internas, e que a estrutura social também determina as “escolhas” (entre aspas porque essa “escolha” não é consciente, mas própria do sistema) linguísticas disponíveis.

A Sociolinguística laboviana vem mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas linguísticas e defender que tais estruturas têm uma organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm formas lógicas linguísticas perfeitamente demonstráveis sendo possível seu estudo dentro do campo linguístico (Santos e Vitório, 2011, p. 19).

---

<sup>5</sup> A noção de comunidade (de fala, de práticas e surda) vai ser melhor desenvolvida a seguir, no tópico 2.3

O desafio que se impõe a uma área como a Sociolinguística reside na compreensão de que diferentes formas possuem o mesmo valor semântico, e que essas diferentes formas estão disponíveis a diferentes falantes ou grupos sociais. Tarallo (2007, p. 8) denomina essas diferentes formas de expressão de variantes, e, “a um conjunto de variantes linguísticas, dá-se o nome de variável linguística.

A um estudo da natureza como se propõe aqui, esse conceito importa porque, ao buscar verificar variação na sinalização aos itens lexicais que delimitam o objeto de estudo que aqui se propõe, importa verificar se se trata de variação *de fato*, em que diferentes sinalizações podem ser consideradas como variantes de uma mesma variável.

Parece que tal desafio caracteriza-se como um lugar-comum nos estudos que têm sujeitos ouvintes como objeto de estudo. O mesmo, no entanto, não parece se colocar para as línguas de sinais, que só mais recentemente passaram a ser estudadas por meio do método de estudo da Sociolinguística Quantitativa. Um dos principais desafios para área é a verificação de que se tem variantes de uma mesma variável para os sinais produzidos quando as pessoas que sinalizam são convidadas a nomear os fatos dessas línguas, no caso, a Libras, de modo que se possa afirmar que também para esses sistemas linguísticos se confirma a hipótese de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) sobre a heterogeneidade estruturada.

Um dos corolários dos estudos sociolinguísticos é o de que o estabelecimento de padrões gerais de uso se dão com base em um número considerável de dados. Nessa direção, Lucas (2002) explica que um dos desafios das pesquisas variacionistas com línguas de sinais tem se limitado a uma pequena quantidade de dados. O impacto disso é que estudos com pouca quantidade de sinalizantes nas pesquisas desenvolvidas impossibilitaria, de acordo com o autor, o estabelecimento de um quadro mais completo no que diz respeito a quais tipos de unidades podem ser variáveis em línguas de sinais.

Além disso, outro desafio que se impõe é englobar as comunidades de sinalizantes no caro conceito de comunidade de fala proposto pela Sociolinguística. Tal definição passa pelo modo como uma certa variável, e suas variantes, se propaga em uma comunidade de fala, em que se observam tendências de mudança linguística. Para essa análise, podem ser utilizados diversos instrumentos, como testes de julgamento pessoal, que permitem ao pesquisador observar, por meio das opiniões dos entrevistados, e, especialmente os valores que os falantes atribuem a determinada variante.

A análise dos elementos linguísticos e socioculturais, junto com a análise das respostas dos usuários a determinadas variações, auxilia na compreensão das

justificativas que motivam uma mudança linguística e sua adoção pelas comunidades de falantes (Weinreich, Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008).

Ao tratar da Sociolinguística, Tarallo (2007) explica que essa teoria tenta explorar e organizar as diferenças linguísticas dentro de uma mesma comunidade de fala, estabelecendo correlações entre elementos linguísticos e fatores sociais. Assim, de uma perspectiva sociolinguística, a ênfase está sobre a comunidade de fala como a unidade de análise, e não no indivíduo, ainda que tais diferenças evidenciem sistematicidade na pluralidade. É nesse sentido que tem se ocupado em observar as comunidades surdas como sujeitas ao compartilhamento de regras linguísticas que caracterizem tais agrupamentos. Pensar dessa maneira é compreender que essas comunidades formam o que, nos estudos sociolinguísticos, tem-se denominado Comunidade.

O termo comunidade, caro aos estudos sociolinguísticos, tem sido cada vez mais ampliado nessa área, especialmente quando se considera a discussão pioneira de Eckert (2012) acerca das três ondas dos estudos sociolinguísticos. A denominada “unidade social” (Guy, 1998) serve como referência básica aos estudos sociolinguísticos, para além do falante individualizado.

Abordar uma comunidade do ponto de vista de uma unidade social é mais do que afirmar que os participantes dessa comunidade compartilham formas linguísticas. Para além desse olhar superficial, a comunidade de fala é entendida

como um grupo que compartilha dos mesmos valores associados aos usos da língua, o que pode ser observado pelos julgamentos de valor (positivo ou negativo) conscientes aos usos linguísticos, em determinado tempo e espaço (Freitag, 2014, p. 182).

Embora o conceito de comunidade de fala proposto acima dê conta de compreender a comunidade de fala para além do simples estabelecimento de padrões de uso por um grupo de indivíduos, é salutar evidenciar que tal abordagem é pensada, assim como todo o modelo escolar da Sociolinguística, em comunidades oralizadas. Mesmo as concepções de comunidade de práticas se alinham a comunidades de indivíduos ouvintes.

O trabalho que aqui se desenvolve busca apresentar e discutir os prontos conceitos de comunidade (de fala e práticas) da Sociolinguística, bem como a noção de comunidade surda, no sentido de ampliá-los, de modo a incluir a comunidade de sinalizantes nesse arcabouço teórico.

### 2.3 Comunidade de fala

O trabalho que aqui se desenvolve busca apresentar padrões de uso na variação lexical de surdos maranhenses, à luz da teoria laboviana (Labov, 1972). Para que tal empreendimento se materialize, entende-se ser necessário discutir a noção de comunidade, adotada pela sociolinguística, que melhor inclua os grupos sociolinguísticos aqui analisados. Em outras palavras, pretende-se verificar, para além da noção de comunidade surda, que, antecipa-se aqui, não prevê em seu escopo os usos linguísticos dos surdos, qual concepção de comunidade inclui todas as atividades sociais, incluindo-se a linguística, praticadas pelos indivíduos que interessam a este estudo.

A abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista concentra-se na comunidade de fala, conforme proposto por Labov (1972), que não é meramente um conjunto de falantes que compartilham traços linguísticos semelhantes, mas sim um grupo unido por valores comuns associados ao uso da língua. Esses valores são evidenciados por julgamentos de valor conscientes, expressando apreciação ou desaprovação em relação aos usos linguísticos em um determinado tempo e espaço.

A articulação do conceito de comunidade de fala está centrada em aspectos linguísticos e sociais (cf. Severo, 2008). Nessa direção, a definição de comunidade de fala, segundo Hymes (1964), relaciona características da língua, sociedade e cultura. Para Wardhaugh (2002, p. 27), na comunidade de fala “cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal, a fim de que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou dos grupos com os quais, de tempos em tempos, ele possa se identificar”. Gumperz (1996), por sua vez, indica que dentro da comunidade de fala há diversidades, marcadas por padrões linguísticos e socializações entre os indivíduos. Por fim, Guy (2001), defende que a comunidade de fala é constituída por indivíduos que compartilham características linguísticas, normas e atitudes no uso da linguagem.

Ao delinear o conceito de comunidade de fala na Sociolinguística, é crucial abordar elementos sociais, psicológicos e linguísticos. Apesar das diversas perspectivas sobre a definição, há acordo quanto a ideia de que os membros dessa comunidade compartilham normas linguísticas, refletidas em entendimento, atitudes e valores nas interações linguísticas.

Na visão de Bloomfield (apud Vanin, 2009, p. 148), uma comunidade de fala é descrita como “um grupo de pessoas que interage por meio da fala”. No entanto, Gumperz (1968), além de destacar o aspecto social da língua, restringiu essa definição,

argumentando que uma comunidade de fala consiste em falantes, não necessariamente da mesma língua, que compartilham normas para o uso da língua.

Segundo Labov (1972), uma comunidade de fala é constituída por indivíduos que compartilham normas e atitudes sociais em relação a uma língua. Na perspectiva desse linguista,

A comunidade de fala não é definida por qualquer concordância marcada no uso de elementos da linguagem, mas sim pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis específicos de uso (Labov, 1972, p. 120-121, tradução nossa)<sup>6</sup>

Labov argumenta que, em sua visão, os integrantes de uma comunidade de fala não precisam necessariamente falar da mesma maneira. O ponto crucial é que eles compartilhem um conjunto de avaliações em relação à comunidade de fala. Em outras palavras, a similaridade na forma de falar não é obrigatória; o que importa é a existência de avaliações comuns sobre a língua dentro da comunidade. Pensando dessa maneira, Labov estabelece o caráter homogêneo da comunidade de fala, mas não da língua, caracteristicamente heterogênea.

Já Romaine (1980) não concorda com a ideia de que a comunidade de fala é homogênea, pois ela acredita que as mudanças linguísticas não se manifestam de maneira uniforme em toda a comunidade, mas sim como fenômenos individuais. A autora enfatiza que os indivíduos interagem com diferentes grupos, o que resulta na adoção de características linguísticas distintas em contextos diversos.

Além desse ponto, é importante observar que um indivíduo pode fazer parte de várias comunidades de fala e se identificar com uma delas de acordo com a situação. Com base nessa discussão de Romaine é que Mello (2001) propõe a utilização da noção de 'domínios linguísticos' como meio para a compreensão dos diferentes usos e funções de uma língua dentro de uma comunidade. Isso refere-se a situações específicas de interação verbal. Por exemplo, a interação entre membros de uma família é classificada como pertencente ao domínio familiar, enquanto a comunicação entre professores e alunos se

---

<sup>6</sup> “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. These norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage”.

enquadra no domínio escolar, e assim por diante. Essa abordagem ajuda a contextualizar e entender melhor as dinâmicas linguísticas em diferentes interações sociais.

Dessa forma, como já exposto, há discordância entre diversos autores em relação à concepção de comunidade de fala nos estudos sociolinguísticos, sendo defendido por Romaine (1980), que uma comunidade de fala é, na verdade, heterogênea. Essa perspectiva considera não apenas a língua e as atitudes linguísticas individuais, mas também enfatiza a importância das variadas relações sociais nas quais os indivíduos estão inseridos.

Paralelamente à implementação de uma noção de comunidade de fala que dê conta da complexidade do estudo sociolinguístico, mais recentemente pesquisadores que se ocupam em analisar processos de variação e mudança linguística não mais considerando o compartilhamento de valores positivos ou negativos associados aos usos linguísticos (Freitag, 2016), mas voltadas para o uso da língua como prática social, vêm se ocupando em propor uma noção de comunidade mais voltada para os graus de enraizamento dos usuários da língua.

## **2.4 Comunidade de prática**

Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 8) adotam a noção de comunidade de prática, pois identificaram a importância de reconhecer o indivíduo como um agente capaz de influenciar a língua, evidenciando que os distintos modos de falar refletem suas interações sociais, que, ao contrário da noção de comunidade de fala (Gumperz, 1972), entende que os usuários de uma língua se agregam “em torno do engajamento mútuo em algum empreendimento comum. Modos de fazer, modos de falar, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - emergem no curso de sua atividade conjunta em torno desse empreendimento”.

Nesse contexto, os participantes, ao optarem por integrar determinada comunidade, compartilham conjuntos de práticas, incluindo as práticas linguísticas. Assim, variantes linguísticas adquirem significado social de modo mais local, permitindo estabelecer uma conexão mais imediata entre a língua e o significado, em comparação com uma investigação centrada em uma comunidade de fala.

Para Eckert e McConnell-Ginet, uma comunidade de práticas se organiza diferentemente do construto em torno da noção tradicional de comunidade de fala, já que as comunidades de práticas são simultaneamente definidas pelos membros e pelas

práticas em que esses membros estão engajados, enquanto a comunidade de fala agrupa os usuários em torno do compartilhamento das regras e das normas para o uso da língua (Eckert; McConnell-Ginet, 1992).

Meyerhoff (2004) também compartilha a definição de comunidade de prática com Eckert e McConnell-Ginet, e acrescenta que as variações linguísticas adquirem significados sociais através de grupos que possuem laços sociais em comum. Adicionalmente, é possível caracterizar uma comunidade de prática como aquela que abriga grupos, nos quais a participação conjunta em uma atividade ou projeto é intensa o bastante para desenvolver, ao longo do tempo, conjuntos de práticas compartilhadas, incluindo as culturais e linguísticas. Desse modo, é necessário que os participantes estejam profundamente envolvidos entre si e não apenas compartilhem uma característica específica. Ao optarem por fazer parte de uma determinada comunidade de práticas, os indivíduos compartilham conjuntos de práticas, incluindo as linguísticas.

Assim, a comunidade de prática é definida por um agrupamento de pessoas que compartilham padrões linguísticos decorrentes de práticas comuns para determinado fim. Do mesmo modo, esta definição é empregada em conjunto com a noção de que os indivíduos trazem consigo conceitos já existentes devido às suas interações com outros subgrupos internos na mesma comunidade, pois as crenças, valores e significados expressos por meio de elementos linguísticos são incorporados às práticas ou causam alterações à medida que a interação entre os participantes ocorre.

Em resumo, os vínculos entre língua, sociedade e indivíduo são examinados e levados em consideração durante a análise do processo de variação, ou mudança, resultado de uma complexa teia de relações em que os membros de uma determinada comunidade de fala podem se encontrar envolvidos.

## **2.5 Comunidade surda**

No contexto da discussão em torno de qual noção de comunidade poderia melhor agregar a proposta do estudo que se desenvolve aqui, a noção de comunidade surda é a mais amplamente utilizada entre pesquisadores que vêm se dedicando ao estudo de usos linguísticos surdos. No entanto, o problema que se coloca é o de que essa noção não contempla o aspecto linguístico como fator preponderante que capacita os sinalizantes a se colocar no mundo como grupo de práticas sociodiscursivas específicas.

Aponta-se que, em uma sociedade, grupos menores de indivíduos podem se reunir, formando comunidades, compartilhando cultura, valores, costumes, hábitos, história, língua, características específicas que os identifiquem, ainda que não isolados, mas em pleno contato com outros grupos. Como exemplar da afirmação que abre este tópico, tem-se a comunidade surda, que possui espaço de pertencimento, interação, participação, tomada de decisões, aprendizado, troca de experiências, valores, sendo tudo isso mediado pelo item norteador que os identifica: a língua que possuem em comum. Para Padden e Humphries (2000, p. 5), autores surdos americanos,

uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.

Ainda nesse viés, a comunidade surda utiliza uma língua em comum, nesse caso a Língua Brasileira de Sinais, no qual interagem, trocam aprendizados e experiências, como explana Perlin (1998):

O termo comunidade, no caso dos surdos, designa um grupo que habita uma região determinada, marcado por características específicas, porém não isolado, vivendo no meio de pessoas ouvintes que são maioria. Nestas características entram os aspectos antropológicos: história, língua, cultura e arte; porém, entram outros elementos comuns entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte: nacionalidade, religião, governo, raça e etnia. Todo este complexo não chega a definir a comunidade surda como autônoma, apesar da aceitação corrente do termo (Perlin, 1998, p. 12)

A comunidade surda não é formada estritamente por pessoas surdas, embora popularmente se pense dessa maneira. Pessoas ouvintes, intérpretes, familiares e amigos de surdos, bem como pessoas que tenham interesses em comum pela língua, podem ser consideradas parte da comunidade surda, pois “para ser membro da comunidade é necessário se identificar com os surdos, compartilhar experiências, participar das atividades da comunidade” (Moura, 1996, p. 123-124). Conforme Strobel (2013, p. 38), a comunidade surda

não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. (...) Geralmente em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Desse modo, existe uma diversidade de surdos que fazem parte desta comunidade, a saber surdos oralizados (que fazem uso da língua oral), implantados (que utilizam implantes cocleares), surdos sinalizantes (que sabem e utilizam Libras muito bem) e surdos que estão no processo de aprendizado da língua de sinais. A comunidade é diversa, assim como há diversidade na surdez – referindo-se aos níveis de surdez, a saber: surdez leve, moderada, severa e profunda.

Assim, a comunidade, a partir de um viés de influência mútua entre todos os indivíduos envolvidos dentro de uma localização particular, tem um compartilhamento efetivo do saber em que todos aprendem juntos no mesmo espaço.

A discussão levantada aqui diz respeito à necessidade de ampliação da noção de comunidade que servirá para se referir à comunidade surda, no sentido de contribuir teoricamente para o trabalho que visa a encontrar padrões de variação entre surdos da grande ilha de São Luís, por meio de uma análise qualitativa, em que o aparato teórico-metodológico deve ser aplicado aos grupos analisados.

Nesse sentido, defende-se que a noção de comunidade surda não contempla todas as especificidades de práticas sociais e interações linguísticas. Por outro lado, a noção de comunidade de fala, proposta por Labov, não prevê a inclusão das línguas de sinais, focando-se principalmente em valores e traços linguísticos das línguas orais. Na mesma direção, a proposta de Eckert, embora pareça a melhor alternativa ao considerar a ideia de comunidade de prática, ainda assim se fundamenta em comunidades oralizadas. Neste trabalho, trataremos a noção de comunidade como noção de comunidade de práticas surdas, ampliando a proposta de Eckert, para incluir a riqueza e a especificidade das interações e práticas sociais que caracterizam a comunidade surda.

Desse modo, a noção de comunidade de práticas surdas entende, também, que os usuários de uma língua se agregam em torno do engajamento mútuo em algum empreendimento comum. Modos de fazer, modos de falar/oralizar e *sinalizar*, crenças, valores, relações de poder - em suma, práticas - emergem no curso de sua atividade conjunta em torno desse empreendimento.

### 3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Neste capítulo apresentam-se estudos que se debruçam sobre a variação linguística nas línguas de sinais e a fundamentação linguística para análise e descrição dos dados. O capítulo se inicia com o tratamento dado ao estudo das línguas de sinais, mencionando Stokoe (1960) como pioneiro nos estudos linguísticos de línguas da modalidade espaço-visual. Posteriormente, apresenta-se a estrutura da Libras, com base principalmente em Rosa *et al.* (2016) e Quadros e Karnopp (2004), detalhando os parâmetros da Libras. Após esta exposição sobre a estrutura da Libras, exploraremos sobre o léxico das línguas de sinais, destacando Fenlon *et al.* (2017) e Lucas *et al.* (2001) como principais referências. Finalmente, abordaremos a variação linguística na Libras com foco na variação lexical na Libras, apresentando os resultados da pesquisa de Silva (2015) e Lucas *et al.* (2001).

#### 3.1 As línguas de sinais

Inicialmente, estudos eram realizados para verificar semelhanças entre as línguas oralizadas e as línguas de sinais, no intuito de “provar” que as línguas de sinais eram, de fato, naturais. Na década de 60 estes estudos foram sendo intensificados, com os estudos de William Stokoe, tomando por base a ASL, na tentativa de organizar estruturalmente as línguas de sinais. Assim, as línguas de sinais passaram a ter status linguístico em relação a modalidade de uso, desmistificação e conseqüente compreensão de sua estrutura formalmente organizada. Quadros e Karnopp (2004, p. 31-37) explanam alguns dos mitos em relação as línguas de sinais.

Mito 1. A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos;

[...]

Mito 2. Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas;

[...]

Mito 3. Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas orais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais;

[...]

Mito 4. A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral;

[...]

Tais aspectos evidenciam as diferenças entre a Libras, por exemplo, e a língua portuguesa, em que o português é uma língua de modalidade oral-auditiva, que segundo Quadros e Karnopp (2004, p.30), faz uso do canal oral (aparelho fonoarticulatório) e auditivo para que ocorra a comunicação, enquanto a Libras utiliza o canal viso-espacial (canal visual e a delimitação espacial) como meio de comunicação utilizando sinais, comparado às palavras em língua portuguesa, e uso dos espaços para interação com os usuários da língua. Segundo Fernandes (2003):

As línguas são denominadas orais-auditivas quando a forma de recepção não grafada é a oralização. De outro lado, são espaço-visuais quando a recepção se dá pelo sentido da visão. Nos dois casos, mesmo diferentes os canais de recepção, cumprem a função de permitir a comunicação e a interação entre membros de um grupo cultural. A língua a ser utilizada – oral-auditiva ou espaço-visual – é adequada para o caso de comunicação entre ouvintes e Surdos, respectivamente, pois atingirá os canais de recepção linguística específicos a cada sujeito, em seu contexto cultural. (Fernandes, 2003, p. 17).

Nessa direção, para os surdos, a imagem mental da palavra é construída de forma visual por esses sujeitos, devido à ausência de som e, de forma auditiva, aos ouvintes, por meio de sinais. Dessa forma, a comunicação e o uso podem gerar possibilidades de sinalização. A relação entre a forma oral-auditiva e visual-espacial, palavra e sinal, deve ser considerada heterogênea, pois a percepção visual dos sinais não é única, assim como a fala (oral) também não é homogênea.

### **3.1.1 A estrutura linguística das línguas de sinais**

Os sinais das línguas de sinais são estruturados e organizados (Stokoe, 1960, 1978; Brentari, 1998; Karnopp, 1999; Quadros e Karnopp, 2004). São a própria palavra desses sistemas linguísticos: “o que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais” (Felipe e Monteiro, 2008, p. 21). Os sinais são, assim, combinações de movimento de mãos em um determinado espaço, seja no corpo, ou no espaço neutro, que não toca no corpo.

A partir das observações e do estudo pioneiro realizado por Stokoe nos EUA, por meio da ASL, é que se inicia a busca por uma análise mais sistemática das línguas de sinais, no sentido de pensá-la como “uma estrutura”, possível de se “analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 30). É

essa tomada de posição de Stokoe que leva à fundação de um campo de estudos linguísticos da língua de sinais.

A partir desse olhar acurado sobre a língua e a comunicação de seus alunos surdos que estudava em Gallaudet<sup>7</sup>, com a publicação de suas pesquisas, Stokoe funda um campo de estudos linguísticos que se ocupa em analisar as línguas de sinais (Frydrych, 2013, p. 25). Esse feito contribui assim para o surgimento dos parâmetros e da estrutura linguística para análise da língua de sinais.

Fromkim & Rodman (1993) afirmam que as “línguas de sinais assemelham-se às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é realizada” (Fromkim e Rodman, 1993 apud Quadros e Karnopp, 2004, p. 81). Assim, enquanto as línguas orais são orais-auditivas, produzidas de forma oral e recebidas pelos ouvidos, as línguas de sinais são visual-espaciais, utilizando-se do espaço, da visão, do corpo, das mãos para ser produzida e recebida pelos olhos. Nessa direção, as línguas de sinais e das línguas orais diferenciam-se por sua estrutura e pela modalidade de uso.

A estrutura da Libras refere-se as unidades mínimas que formam o sinal, que são os cinco parâmetros visuais da Libras, a saber: configurações de mãos (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA) ou locação<sup>8</sup> (L), orientação (O) e expressões não-manuais (ENM).

Os três primeiros parâmetros são chamados de parâmetros primários proposto por Stokoe (1960), conseqüentemente os secundários são a orientação (O) e as expressões não manuais (ENM).

---

<sup>7</sup> Universidade de Gallaudet, localizada nos Estados Unidos, em que os programas e serviços são desenvolvidos especificamente para pessoas surdas.

<sup>8</sup> Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 56 e 57), “Stokoe define locação (ou ponto de articulação) como um dos três principais aspectos formacionais da ASL. [...] “é aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”.

Figura 1: Sinal MARACUJÁ – Os três parâmetros primários de Stokoe



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Logo, os cinco parâmetros linguísticos da Libras que constituem as unidades mínimas dos sinais vão ilustrados na figura a seguir.

Figura 2: Sinal BURITI – Os cinco parâmetros linguísticos da Libras



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

### 3.1.1.2 Configurações de mãos (CM)

O primeiro dos parâmetros apresentados é a *configuração de mão* (doravante CM), que diz respeito às formas que as mãos assumem durante a realização do sinal. Atualmente existem vários quadros de CM, mas o quadro de CM selecionado para exemplificar o parâmetro, e que será utilizado na descrição dos sinais na análise de dados, é o quadro do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, por pertencer ao grupo de pesquisa do INES, instituto de referência na educação de surdos e reconhecido nacionalmente, como segue na figura 3.

Figura 3: Quadro de CM do INES



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de Libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos

A título de exemplificação, tem-se os sinais de AMARELO e PRETO, realizados

com uma mão e com configuração de mão diferentes  e , respectivamente (cf. figuras 4 e 5 a seguir). Orienta-se que o leitor aponte a câmera do seu próprio celular

ou dê dois cliques sobre o *Qr-code* disponível se quiser visualizar o vídeo com a realização dos sinais em questão.

Configuração de mão 

Figura 4: Sinal AMARELO



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Configuração de mão 

Figura 5: Sinal PRETO





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Há também sinais que podem ser realizados com duas mãos, em que a configuração de mão pode ser mantida ou ser alterada para completar seu sentido, como nos exemplos que se seguem.

Sinais com duas mãos com configurações iguais:



Configuração de mão em ambas as mãos

Figura 6: Sinal BEIJU



Fonte: acervo pessoal do pesquisador



Configuração de mão em ambas as mãos

Figura 7: Sinal JUÇARA



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Sinal com duas mãos e com configurações diferentes:

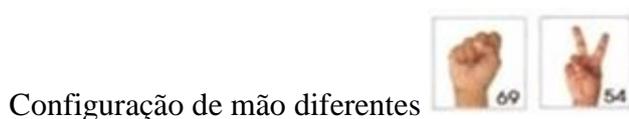


Figura 8: Sinal CUPUAÇU

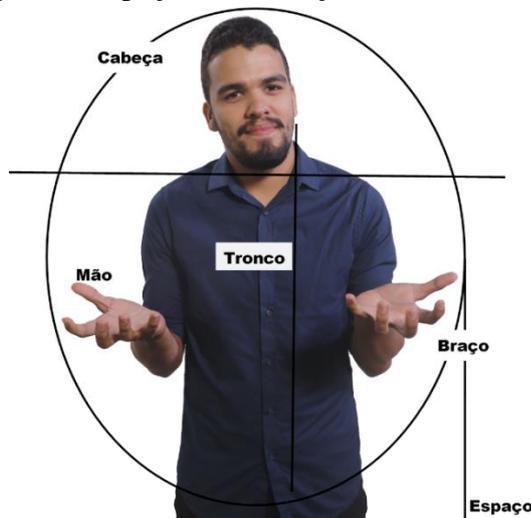


Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O segundo dos parâmetros indicados é a *locação* (L), ou também chamado de *ponto de articulação*, que se refere ao local em que o sinal é realizado. Conforme Quadros e Karnopp (2004), os sinais podem ser realizados rente ao corpo ou no espaço diante do

corpo, podendo ser executado na cabeça, no tronco, mão, braço ou no espaço neutro, como veremos a seguir.

Figura 9: Espaço de realização dos sinais



Fonte: Baseado em Quadros e Karnopp, 2004, p. 57)

Nos estudos levantados pelo mapeamento da Libras, Rosa *et al.* (2016) listam os pontos de articulação levantados na realização dos sinais, como segue no quadro abaixo.

Quadro 1: Pontos de articulação

1. Acima da cabeça	23. Tocando os dentes	42. Tocando a dobra do braço
2. Tocando o topo da cabeça	24. Tocando a língua	43. Lateral do corpo (Esquerda ou direita)
3. Diante do rosto (Face)	25. Tocando a ponta da língua	44. Cotovelo
4. Testa	26. Queixo	45. Tocando o cotovelo
5. Tocando a testa	27. Tocando o queixo	46. Tocando o antebraço (Externo)
6. Tocando a lateral da testa (Esquerda ou direita)	28. Pescoço (Frente)	47. Tocando o antebraço (Interno)
7. Lateral da cabeça	29. Tocando a lateral do pescoço (Esquerda ou direita)	48. Tocando o pulso (Externo)
8. Tocando a lateral da cabeça (Esquerda ou direita)	30. Tocando o pescoço (Frente)	49. Tocando o pulso (Interno)
9. Lateral do rosto (esquerda ou direita)	31. Tocando o pescoço (Atrás)	50. Tocando a mão (Dorso)
10. Tocando a lateral do rosto (Esquerda ou direita)	32. Nuca	51. Tocando dedos (Externo)
11. Tocando a orelha	33. Ombro	52. Tocando dedos (Interno)
12. Tocando o olho	34. Costas (Parte alta)	53. Tocando a palma da mão
13. Tocando o canto do olho	35. Tocando o ombro esquerdo (mão direita tocando o ombro esquerdo)	54. Abdômen
14. Bochecha	36. Tocando o ombro esquerdo (mão direita tocando o ombro direito)	55. Tocando o abdômen
15. Tocando a bochecha	37. Peito	56. Tocando as costas (Parte baixa)
16. Nariz	38. Tocando o peito	57. Cintura
17. Tocando a ponta do nariz	39. Seio	58. Tocando cintura
18. Tocando a lateral do nariz (Esquerda ou direita)	40. Tocando o braço (Externo)	59. Região pélvica
19. Boca	41. Tocando o braço (interno)	60. Tocando a pelvis
20. Tocando a Boca		61. Quadril
21. Lateral da boca (Esquerda ou direita)		62. Tocando o quadril
22. Lábios (inferiores ou superiores)		63. Coxa
		64. Tocando a coxa

Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)

Para exemplificar o uso de locações diferentes, o sinal BEIJU é realizado no espaço neutro, MARACUJÁ é realizado no peito, e o sinal de PÃO, sinalizado na boca, como veremos a seguir.

Espaço Neutro:

Figura 10: Sinal BEIJU



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Peito:

Figura 11: Sinal MARACUJÁ





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Boca:

Figura 12: Sinal PÃO

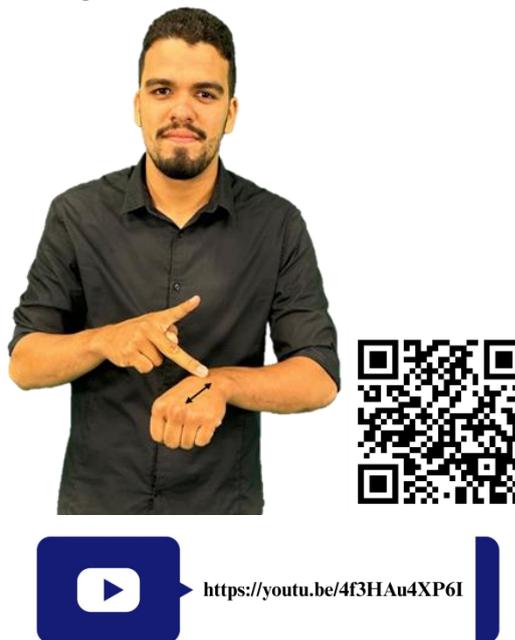


Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O próximo parâmetro que se destaca é o *movimento*, importante porque entende-se que há sinais que possuem movimento, enquanto outros são estáticos. Entende-se, assim, o movimento, como o deslocamento no espaço ou parte do corpo durante a realização do sinal, como veremos os exemplos a seguir.

Com movimento:

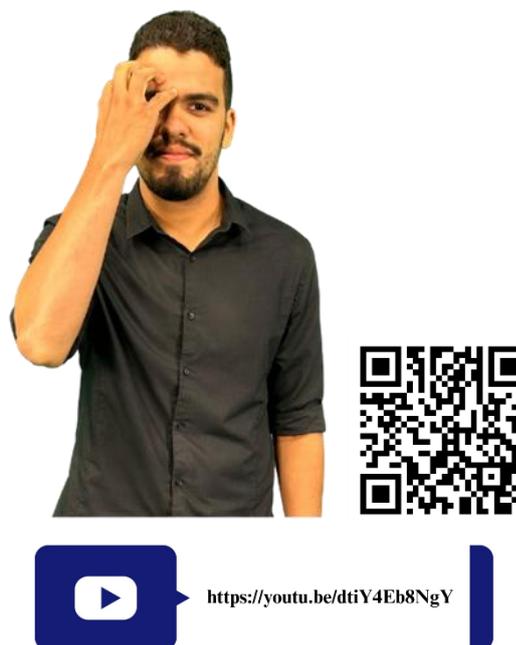
Figura 13: Sinal PRETO



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Sem movimento:

Figura 14: Sinal SEIO

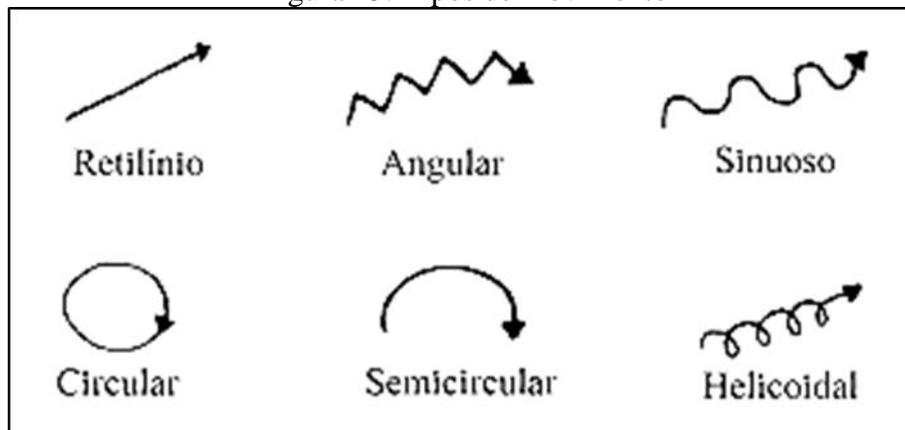


Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Este parâmetro envolve também uma grande quantidade de formas e direções, podendo ser movimentos do pulso, movimentos internos da mão, movimentos no espaço

e o conjunto de movimentos que os sinais apresentam. Para isso, existem tipos de movimento da(s) mão(s):

Figura 15: Tipos de movimento



Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)

Para exemplificar cada tipo de movimento acima citado, seguem-se os sinais abaixo:

Movimento Retilíneo:

Figura 16: Sinal BACURI



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Movimento Angular:

Figura 17: Sinal CAMALEÃO



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Movimento Sinuoso:

Figura 18: Sinal PERA



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Movimento Circular:

Figura 19: Sinal BEIJU



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Movimento Semicircular:

Figura 20: Sinal ATA



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Movimento Helicoidal:

Figura 21: Sinal TATU



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Além desses seis tipos de movimentos, elencados e exemplificados acima, há aqueles movimentos que se referem à parte externa da mão, além dos movimentos referentes à parte interna da(s) mão(s) e dedos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2: Categorias do parâmetro movimento na Libras

<p><b>Movimentos de Dedos (MD)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Abrir/distender (Todos os dedos)</li> <li>2. Fechar (Todos os dedos)</li> <li>3. Abrir um a um (Contagem)</li> <li>4. Fechar um a um (Contagem)</li> <li>5. Aproximar e afastar</li> <li>6. Unir pelas pontas</li> <li>7. Curvar</li> <li>8. Estalar</li> <li>9. Esfregar</li> <li>10. Oscilar</li> <li>11. Balançar (Os dedos)</li> </ol>	<p><b>Intensidade (I ou IM) ou Frequência (F ou FM) de Movimento</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Alternado(s) ou alternadamente (Oscilação de intensidade)</li> <li>2. Com força</li> <li>3. Com delicadeza</li> <li>4. Lenta ou lentamente</li> <li>5. Rápida ou rapidamente</li> <li>6. Apenas uma vez</li> <li>7. Repetição de movimento</li> </ol>
<p><b>Movimentos da mão (MM)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Balançar para cima e para baixo</li> <li>2. Balançar para frente e para trás</li> <li>3. Balançar para os lados</li> <li>4. Para direita</li> <li>5. Para esquerda</li> <li>6. Para frente</li> <li>7. Para trás ou dentro</li> <li>8. Para cima</li> <li>9. Para baixo</li> <li>10. Para cima e para baixo ou para baixo e para cima</li> <li>11. Para direita e para frente</li> <li>12. Para direita e para trás ou para dentro</li> <li>13. Para esquerda e para frente</li> <li>14. Para esquerda e para trás ou para dentro</li> <li>15. Para baixo e para direita</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>16. Para baixo e para esquerda</li> <li>17. Para baixo e para frente</li> <li>18. Para baixo e para trás ou para dentro</li> <li>19. Para cima e para frente</li> <li>20. Para cima e para direita</li> <li>21. Para cima e para esquerda</li> <li>22. Para cima e para trás ou para dentro</li> <li>23. Abrir e fechar</li> <li>24. Para frente e para trás (ou para trás e para frente)</li> <li>25. Simular um nó ou laço</li> <li>26. Descrever forma de quadrado ou retângulo</li> <li>27. Descrever forma de cruz</li> <li>28. Girar pelo(s) pulso(s)</li> <li>29. Dobrar pelo pulso</li> </ol>

Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)

O próximo parâmetro é o de *orientação* da palma (Battison, 1978), que se refere à direção em que a palma da mão aponta na produção do sinal. Segundo Marentette (1995, p. 204), assim como na ASL, enumeram-se seis tipos de orientações para a palma da mão em Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda, conforme é ilustrado na figura a seguir.

Figura 22: Orientações da palma da mão



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para fins de exemplificação, seguem os sinais conforme as orientações da palma citados anteriormente.

Para cima:

Figura 23: Sinal BEIJU



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para baixo:

Figura 24: Sinal ATA



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para dentro:

Figura 25: Sinal MARACUJÁ



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para fora:

Figura 26: Sinal SUTIÃ



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para o lado [contralateral]:

Figura 27: Sinal AMARELO



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As marcações não-manuais [ENM] (Brennan, 1992) também foi um outro parâmetro identificado, que se refere aos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Quadros e Karnopp (2004, p. 60) mostram que:

As expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construção sintática e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco [...]. As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, particular negativa, advérbio, grau ou aspecto [...]. [i]dentificam as expressões não-manuais da língua de sinais brasileira, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco [...]. Deve-se salientar que duas expressões não-manuais podem ocorrer simultaneamente, por exemplo, as marcas de interrogação e negação.

Quadro 3: Expressão não-manual na Libras

1. Sobrancelhas franzidas	11. Língua ou ponta da língua para fora
2. Sobrancelhas arqueadas	12. Lábios cerrados (mastigar)
3. Olhos fechados	13. Lábios protuberantes (beijo/bico)
4. Olhos entreabertos	14. Lábios entreabertos
5. Olhos abertos	15. Lábios simulando fala
6. Olhos arregalados	16. Lábios estalando
7. Arcada dentária cerrada	17. Lábios abertos
8. Arcada dentária batendo os dentes	18. Bocejo
9. Arcada dentária aberta e aparente	19. Bochecha distendida pela ponta da língua
10. Batendo a língua entre os lábios	20. Bochechas infladas

Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)

As expressões não manuais desempenham um papel essencial na fonologia da Libras, já que podem, também, indicar a intensidade ou o aspecto da ação, além de que tais expressões contribuem para a prosódia dessa língua, diferenciando, por exemplo, uma pergunta ou transmitindo a emoção do emissor. Os autores destacam as áreas do rosto responsáveis por essas expressões faciais, como segue.

Figura 28: Ilustração dos pontos de expressão facial



Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)

A título de exemplificação, tem-se os sinais de BURITI, com a expressão a partir da arcada dentária, batendo-se os dentes, e PITOMBA, cuja realização é feita batendo-se a língua no lábio, como demonstrado a seguir.

Figura 29: Sinal BURITI



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 30: Sinal PITOMBA



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Além disso, existem sinais que são realizados somente com as expressões, como o uso da bochecha apenas. O sinal de ATO SEXUAL, como segue, é um exemplar de produção apenas com expressões.

Figura 31: Sinal SEXO (ato sexual)



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Observa-se que esses cinco parâmetros conseguem descrever os sinais na Libras de forma precisa. Para este estudo, a descrição dos sinais, baseada em parâmetros, servirá como instrumento a ser analisada, além de contribuir na percepção das diferenças lexicais entre as variantes. O parâmetro marcação não-manual, por exemplo, que analisa o nível lexical da Libras, será bastante produtivo aqui.

Outro aspecto relevante para a descrição linguística em Libras é o *número de mãos*. Os itens lexicais utilizados nas línguas de sinais são predominantemente articulados pelas mãos, que são geralmente descritas na literatura dessas línguas por meio dos pares de termos *ativo* e *passivo*, bem como *dominante* e *não-dominante* (Battison, 1978). A mão ativa é a que executa o movimento, enquanto a mão passiva permanece parada, servindo de ponto de articulação para a mão ativa. A mão dominante, termo mais utilizado para os autores Padden e Perlmutter (1987), é a preferida para realizar sinais com uma única mão e para desempenhar o papel de mão ativa em alguns sinais feitos com ambas as mãos, enquanto a mão não-dominante é a menos usada para essas funções.

Klima e Bellugi (1979) sugeriram adicionar o parâmetro *arranjo de mãos* à lista das unidades sublexicais<sup>9</sup> utilizadas na análise fonológica dos sinais da ASL. Ainda que se entenda que alguns dos itens lexicais analisados nesta dissertação sofram apenas

<sup>9</sup> Os parâmetros propostos até então abrangiam a configuração de mão, a locação, o movimento e a orientação da palma.

variação fonológica (cf. capítulo 3.2.1), segue-se as orientações de Xavier (2014), que analisou como parâmetro o que Klima e Bellugi (1979) denominam como parâmetro sublexical *número de mãos*, na variação lexical de 60 sinais produzidos por 12 participantes.

Para fins de exemplificação, tem-se os sinais de MARACUJÁ, com o uso de apenas uma mão, e BACURI, com o uso de duas mãos, como demonstrados a seguir.

Figura 32: Sinal MARACUJÁ



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 33: Sinal BACURI



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

### 3.1.2 A estrutura lexical da Libras

O léxico reúne informações semânticas ou enciclopédicas e gramaticais dos itens que o compõem. Quando um novo item é incorporado ao léxico de uma pessoa, o falante atribui a ele um conceito, mesmo que de maneira superficial. Essas informações possibilitam que o falante estabeleça conexões entre diferentes itens, como por exemplo, o termo cavalo, que pode ser relacionado ao termo zebra quando o falante percebe que ambos compartilham características semânticas semelhantes, como o fato de se caracterizarem como animais.

Quando se pensa na Libras, percebe-se que a diversidade de elementos é ainda mais ampla. Comparativamente ao português, a escrita desempenha um papel social importante na padronização de termos para contextos específicos. Por isso, ao longo do tempo, variantes lexicais são menos utilizadas, devido ao prestígio associado à escrita de uma forma lexical, em detrimento de outras. Esse fenômeno, entretanto, não ocorre na Libras, uma vez que os sistemas de escrita criados para a língua de sinais ainda não são amplamente disseminados ou utilizados pela comunidade surda.

No entanto, a tecnologia tem contribuído para a padronização de sinais no Brasil, como no exemplo do sinal para CORONAVÍRUS, que foi uniformizado nacionalmente pela comunidade surda por uma demanda no período da pandemia de covid-19 em 2020, como segue na figura abaixo. Ainda assim, persistem muitas variações regionais, além de outras diferenças relacionadas a fatores como idade e gênero, entre outros.

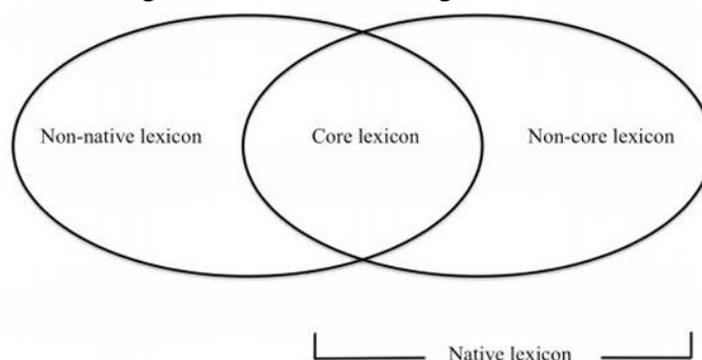
Figura 34: Sinal CORONAVÍRUS



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para compreender como esse fenômeno ocorre na Libras, é essencial analisar o funcionamento do léxico nas línguas de sinais, que apresenta algumas particularidades devido à sua modalidade visual-espacial. De acordo com Brentari e Padden (2001), citados por Fenlon *et al.* (2017, p. 2), o léxico das línguas de sinais pode ser representado conforme ilustrado na figura a seguir.

Figura 35: Léxico das línguas de sinais



Fonte: Brentari e Padden (2001) *apud* Fenlon *et al.* (2017, p. 2)

O léxico, conforme imagem acima, é dividido em duas partes: O *native lexicon* (léxico nativo) e o *non-native lexicon* (léxico não nativo). O léxico nativo, portanto, é subdividido em *core lexicon* (léxico nuclear) e *non-core lexicon* (léxico não-nuclear). Assim, conforme Fenlon *et al.* (2017) “os sinais no léxico nuclear são descritos como sendo compostos por unidades sublexicais sem sentido com uma forma altamente convencionalizada e associação de significado” (Fenlon *et al.* 2017, p. 3). Em outras palavras, da mesma forma como ocorre nas línguas faladas, o léxico nuclear é formado por sinais que contêm unidades menores – como configuração de mão, locação, movimento – que são convencionalizados e reconhecidos pelos usuários da língua. Por outro lado, o léxico não-nuclear tem características distintas, sendo formado principalmente por classificadores.

Os classificadores, por sua vez, são gestos, mímicas e que possuem elementos visuais e imagéticos que podem funcionar como predicados verbais ou como complementos descritivos de substantivos. Sua principal característica é a flexibilidade, já que não estão limitados pelas regras do léxico nuclear, por isso a explicação de terem alta produtividade. Eles não possuem um significado fixo ou convencionalizado, pois seu sentido depende diretamente do contexto em que são usados e do nome ou predicado que modificam. Além disso, os classificadores contribuem significativamente para a criação de novos sinais no léxico nuclear. Com o tempo, alguns desses classificadores passam a

se conformar às regras estruturantes da língua e estabilizam seus significados, transformando-se em sinais permanentes no léxico nuclear, como ocorreu com os sinais ENCONTRAR e PORTA, como segue abaixo.

Figura 36: Sinal ENCONTRAR



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1079)

Figura 37: Sinal PORTA



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2235)

Os classificadores possuem uma característica marcante, que é a iconicidade. A iconicidade é a relação direta entre o referente, o item, e a forma produzida na sinalização. Nesse processo, os surdos utilizam as formas e características dos materiais da realidade como base para criar representações visuais com sinais, além de simular cenários e situações para construir predicados verbais. Klima e Bellugi afirmam que:

Os classificadores, em particular, são usados para especificar localização espacial e arranjos, e maneiras, direções, e as cadências de movimento. Os classificadores podem demonstrar, por exemplo, o caminho e o modo pelo qual uma pessoa, animal ou objeto se movimentam de um lugar para outro - saltando, galopando, se arrastando, tropeçando, tecendo dentro e para fora, enrolando, movendo para cima, para baixo, ou do outro lado.<sup>10</sup> (Klima e Bellugi, 1979, p.13-15) (Tradução nossa)

Com o tempo, muitas dessas representações imagéticas e símbolos icônicos perderam sua natureza original e foram se lexicalizando. Mesmo hoje, em novos

<sup>10</sup> Classifiers, in particular, are manipulated to specify spatial locations and arrangements, and manners, directions, and rates of movement. Classifiers can mirror, for example, the path and manner in which a person, animal, or object moved from one place to another – leaping, loping, meandering, stumbling, weaving in and out, winding, moving up, down, or across. (Klima e Bellugi, 1979, p.13-15).

contextos de comunicação ou em performances artísticas, novos sinais surgem do uso de classificadores e podendo, ou não, se lexicalizar, seja por convenção dos usuários da língua, ou por um processo interno do sistema linguístico, ou pela necessidade de sinais em uma área específica onde não há sinais estabelecidos.

Devido à existência de várias comunidades surdas distribuídas pelo Brasil, muitos sinais surgem do léxico não-nuclear e acabam sendo exclusivos de uma determinada comunidade, sem necessariamente serem compartilhados com outras. Mesmo quando há interação entre comunidades, cada uma pode desenvolver, a partir dos classificadores, sinais diferentes para o mesmo conceito.

Além disso, dentro de uma mesma comunidade, dependendo do contexto, podem surgir sinais distintos que compartilham o mesmo significado. A capacidade criativa dos classificadores permite o surgimento constante de novos sinais. Essa dinâmica também é influenciada pela necessidade de criar sinais específicos para termos usados em contextos especializados, como o jurídico ou na área da saúde, o que leva as comunidades a estabelecerem convenções para novos sinais. Em muitos casos, essas convenções também podem se basear no léxico não-nativo.

O léxico não-nativo refere-se aos empréstimos linguísticos, que geralmente vêm da língua oral com a qual há contato. Conforme Santos (2018) “uma diferença expressiva entre os itens não nativos das línguas de sinais é a presença de palavras das línguas orais, ou seja, de modalidades de língua diferentes”. O empréstimo linguístico ocorre quando palavras de outra língua são incorporadas e ganham novas formas de uso. Isso acontece devido à necessidade dos falantes de utilizar termos ou sinais já existentes na língua de origem para se expressarem na língua de destino (McCleary, 2008).

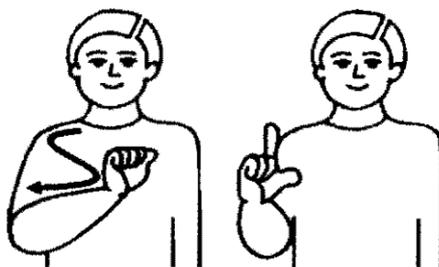
Vale salientar que a língua portuguesa pode aparecer na Libras, tanto por meio da oralização da palavra junto ao sinal, seja da palavra completa, seja de parte da palavra, como por meio de sua escrita, quando a palavra escrita acaba sendo a raiz de um dado

sinal, como é o caso de A-Ç-A-I, em que a soletração do sinal, , é o próprio sinal.

Na língua que incorpora o empréstimo, esses elementos podem sofrer transformações, como ajustes nos parâmetros linguísticos. Com o tempo, muitas palavras ou sinais que parecem ser característicos dessa língua são, na verdade, empréstimos antigos de outras línguas.

No caso da Libras, que tem uma modalidade diferente do português, há empréstimos provenientes desta última na forma de sinais baseados na soletração manual. Essa soletração não é uma representação direta do português, mas sim uma representação manual de sua ortografia, reproduzindo a sequência de letras escritas envolvendo uma sequência de configurações de mãos (Quadros e Karnopp, 2004). Um exemplo é o sinal para “AZUL”, que é formado pela combinação simplificada e ritmada das letras “A” e “L” em maior velocidade, como descrito no dicionário Capovilla *et al.* (2017).

Figura 38: Sinal AZUL



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 337)

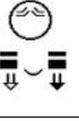
Conforme exposto por Quadros e Karnopp (2004, p. 47-51), a datilologia, soletração utilizando o alfabeto manual, apresenta uma organização linear, associada ao modelo oral-auditivo, diferentemente da Libras, que se destaca por sua natureza simultânea. A diferença fundamental entre uma língua oral-auditiva e uma língua visual-espacial não está no uso do aparelho fonador ou das mãos no espaço, mas sim na maneira como suas estruturas se organizam: enquanto as línguas de sinais são marcadas pela simultaneidade, as línguas orais apresentam predominância da linearidade.

Os sinais soletrados manualmente possuem características distintas dos sinais típicos da Libras, o que é comum em processos de empréstimos linguísticos. Vale destacar que os empréstimos do português na Libras sofrem alterações em sua estrutura e semânticas semelhantes às observadas em outras línguas. Segundo Calvet (2002), quando duas línguas convivem em um mesmo contexto por um longo período, seus falantes podem influenciar uns aos outros, gerando um fenômeno chamado interferência. Essas interferências podem se manifestar em aspectos sintáticos e lexicais, sendo as lexicais as mais frequentes, especialmente quando os grupos em contato compartilham experiências de vida semelhantes.

A importância do estudo de empréstimos linguísticos foi comprovada a partir da investigação no curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina

(UFSC), realizado por Machado (2016), no qual o autor, com base em carvalho (2009), categorizou os empréstimos em três grupos: estrangeirismos, xenismos e empréstimos. O foco do autor está nos estrangeirismos, que é definido como o empréstimo que não perde sua forma original (Machado, 2016). Os sinais abaixo, conforme a pesquisa do autor em questão, categorizou 6 itens lexicais, dos 13 itens encontrados, como alternância de código, como vemos:

Figura 39: Estrangeirismos na Libras

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
FALAR			ASL
MORRER			ASL
PODER			ASL/SI
PROCURAR			ASL
QUERER			ASL/LSF
WOW!!!			ASL

Fonte: Machado, 2016, p. 84

Os sinais acima são empregados por falantes bilíngues, e o empréstimo ocorre quando o indivíduo utiliza um sinal de outra língua, neste caso, o ASL, sem perceber. De acordo com o autor, esses estrangeirismos podem, dependendo da aceitação pela comunidade, eventualmente se consolidar como empréstimos.

### 3.2 Variação e mudança na Libras

Toda língua tem vida própria baseando-se, fundamentalmente, na relação com seus falantes, quando estes estão em contato direto com seus pares. Dessa forma, a língua de desenvolve naturalmente, seja por fatores da própria língua ou pelo contato com outras línguas. Essa é uma evidência do fato de que as línguas são flexíveis e se transformam regularmente (Petter, 2006, p. 12).

O estudo de Diniz (2010), por exemplo, mostra tal aspecto em Libras. A autora em questão analisou variação fonológica e lexical nessa língua, a partir de três diferentes dicionários, a saber o dicionário de língua de sinais produzido por Flaustino José da Gama, em 1875, chamado de *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, o dicionário *Linguagem das Mãos*, elaborado pelo padre Eugenio Oates, em 1969, e o *Dicionário Digital de Libras*, publicado em formato digital cd-rom, em 2006. O interesse da autora era o de verificar o construto de mudança real em Libras, conceito caro aos estudos sociolinguísticos e amplamente voltado aos estudos de sociolinguística histórica<sup>11</sup>.

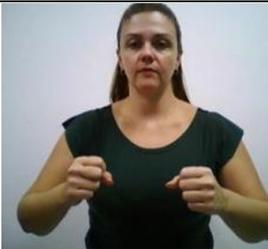
Neste estudo, os dicionários apontam uma maior iconicidade dos sinais utilizada pelos surdos por fazer referência à sua prática. Atualmente, na Libras, aparentemente, os sinais utilizados pelos surdos apresentam uma maior quantidade de sinais menos icônicos (Diniz, 2010). Diniz (2010) evidencia que as principais mudanças encontradas se referem aos parâmetros configuração de mão, movimento e locação, indicando mudança influenciados por fatores como à cultura. Uma dessas evidências são as mudanças lexicais em que os sinais, inicialmente sinalizados com duas mãos passaram a ser sinalizados com uma mão apenas. Percebe-se, também, mudanças a partir da variação em apenas um parâmetro, denominada de mudança fonológica, e mudanças advindas a partir da variação de dois parâmetros ou mais, caracterizando-se como uma mudança lexical.

O sinal de CADEIRA, abaixo, é um exemplar dos casos em que um dado sinal passa por mudança categorial, de mais icônico para menos icônico, de acordo com Diniz (2010).

---

<sup>11</sup> O construto da mudança em tempo real prevê o rastreamento do processo histórico da mudança linguística “quando se compara os usos ao longo de uma faixa de tempo” (Bagno, 2017, p. 286).

Figura 40: Item CADEIRA em Libras

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 5			
CADEIRA			
	CADEIRA	CADEIRA	CADEIRA

Fonte: Diniz (2010, p. 91)

No item CADEIRA, acima, consta que o sinal icônico é a representação de uma mesa em tamanho real, por isso a iconicidade, representando o tamanho de uma cadeira, como uma espécie de mímica do objeto. Em contrapartida, o sinal atual, baseado no INES, é proporcionalmente menor, sendo menos icônico do que o primeiro sinal.

Abaixo, também, a título de exemplificação, tem-se o sinal do item LEITE que, inicialmente, é realizado com duas mãos, enquanto mais recentemente passa a ser produzido com uma mão, que a informação lexical na mão ativa para o sinal em questão.

Figura 41: Item LEITE em Libras

GLOSA	ICON.	OATES	INES
Est. 3			
LEITE			
	LEITE	LEITE	LEITE

Fonte: Diniz (2010, p. 94)

Em contrapartida, COMER (cf. figura 48 a seguir) é um caso em que a mudança em relação a configuração de mão resulta em mudança fonológica, mas não lexical, pois altera-se apenas um parâmetro linguístico.

Figura 42: Item COMER em Libras

<b>GLOSA</b>	<b>Libras</b>
<b>ICONOGRAFIA</b> COMER	
	COMER

Fonte: Diniz (2010, p. 100)

Ao mesmo tempo, a produção do sinal para PÃO (cf. figura 43 abaixo) configura-se como variação lexical, já que há uma mudança na iconografia do sinal, que faz referência ao ato de cortar o pão, passando-se, em seguida, ao sinal, produzido a partir da configuração de “A”. Tal processo caracteriza-se como variação lexical pelo fato de que houve mudança em mais de um parâmetro na produção do item lexical em questão.

Figura 43: Item PÃO em Libras

<b>Sinal</b>	<b>Iconografia</b>	<b>Oates</b>	<b>INES</b>
“Pão”			não há registro

Fonte: Diniz (2010, p. 101)

Observar esses diferentes tipos de classificação do tipo de mudança importa aqui, no sentido de estabelecermos os tipos de dados que comporão, de fato, o centro do interesse deste estudo, que se centra na análise de variação lexical. Decide-se que, ainda que se vá elencar os itens que se caracterizam como ícones e os que apresentam variação fonológica [em apenas um parâmetro], são aqueles que apresentam variação em mais de um parâmetro (portanto, variação lexical) que se impõem como objeto do estudo deste trabalho.

A partir deste estudo, aqui acima relatado, situamos a nossa pesquisa em questão de verificar a variação no uso da Libras, analisando itens de diferentes campos semânticos e analisando a influência de fatores sociais dos indivíduos surdos da grande ilha de São Luís.

### 3.2.1 Variação fonológica na Libras

Os estudos sobre variação fonológica em Libras no Brasil ainda é incipiente, encontramos apenas um autor que aborda essa variação: Xavier e Barbosa (2014) que apresentam uma análise de variantes fonológicas na Libras, e sendo assim procederemos a utilizar sua pesquisa para explicar a variação linguística da Libras. Para tanto, faz-se necessário entender que a variação fonológica em Libras se refere à alteração fonológica no item lexical. No caso da Libras, quando há uma alteração em algum parâmetro da Libras, podendo ser configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação ou expressão não manual.

Na variação fonológica referente à configuração de mão, são percebidas, conforme Xavier e Barbosa (2014), pelas configurações de mãos, movimento dos dedos, se abertos ou fechados, dentre outros. Para Brentari e Padden (2001), existem sinais que são realizados com as iniciais dos nomes do referido sinal podendo ser chamada de não-nativos, como por exemplo, o sinal de PESSOA, que inicia com a letra P e que a configuração de mão do sinal é a letra inicial. Porém, há uma outra variante para esse mesmo sinal, alterando-se pela configuração de mão, e os demais parâmetros como ponto de articulação, movimento, orientação e expressão não manual são mantidas intactas.

Além desse sinal, um segundo sinal citado por Xavier e Barbosa (2014), é o sinal de CANCELAR, tendo a configuração de mão em 1 quantitativo, com dedo indicador, ou com a configuração de mão em B do alfabeto manual.

Figura 44: Variações do sinal de PESSOA e CANCELAR em Libras



PESSOA

CANCELAR

Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 382)

Percebe-se nos exemplos acima que os sinais de PESSOA e CANCELAR ocorreu mudança em sua variante apenas pela mudança no parâmetro configuração de mão, sendo este um exemplo de variação fonológica deste parâmetro.

Na variação fonológica referente ao ponto de articulação, os sinais podem sofrer variação em qualquer local que é realizado o sinal, podendo ser na face, nos olhos, no rosto, no tronco, no espaço neutro etc. Segundo Xavier e Barbosa (2014) os sinais podem ser produzidos no centro ou na lateral do rosto, tal qual em pontos de articulação mais baixos em relação ao local que é normalmente utilizado.

Figura 45: Variação do sinal ALÍVIO e ENTENDER em Libras



ALÍVIO

ENTENDER

Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

Os sinais acima são realizados em pontos diferentes, mesmo que a diferença seja mínima, são diferenças fonológicas, referindo-se a mudança no ponto de articulação.

Na variação fonológica referente ao movimento, segundo Xavier e Barbosa (2014), podendo encontrar o sinal pertencente ao tipo do movimento ou no próprio movimento das mãos e dos dedos.

Figura 46: Variação do sinal de GORDO(A) em Libras



GORDO(A)

Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

O sinal analisado acima é um exemplo de sinal com variação fonológica pela alteração no parâmetro movimento, no qual o primeiro sinal é realizado com movimento semicircular, e o segundo sinal é realizado com movimento angular.

Em relação à variação fonológica referente à orientação, conforme Xavier e Barbosa (2014), pode apresentar a orientação da palma para o lado esquerdo ou direito, para cima e para baixo ou para trás e para frente. O sinal abaixo se refere a uma letra do alfabeto manual que pode sofrer variação quanto ao parâmetro orientação, sendo uma variação fonológica deste parâmetro.

Figura 47: Variação da LETRA A em Libras



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

A variação fonológica referente ao parâmetro expressão não manual, a diferença pode ser logo percebida pela marcação facial do parâmetro, podendo ser no movimento dos olhos, da cabeça, da bochecha, entre outros. Segundo Xavier e Barbosa (2014), o sinal pode exibir ou não alguma atividade na face.

Figura 48: Variação do sinal de ESTADOS UNIDOS em Libras



Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)

Segundo Xavier e Barbosa (2014) o sinal realizado acima configura-se como numa variação fonológica pela alteração no parâmetro expressão não manual. Portanto, percebe-se que a variação fonológica é vista pela alteração de um parâmetro, podendo ser qualquer um dos parâmetros linguísticos da Libras.

### 3.2.2 Variação lexical da Libras<sup>12</sup>

Enquanto a variação fonológica se caracteriza pela mudança na produção de apenas um parâmetro, a variação lexical se dá quando varia a realização de mais de um parâmetro na referência ao mesmo item lexical. Contribuindo para o estudo do léxico das línguas de sinais, de um modo geral, e da Libras, de maneira mais específica, Villalva e Silvestre (2014, p. 20) afirmam que “o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua, mas nenhuma das partes desta afirmação é incontroversa”. Assim, entende-se léxico não se resume apenas a um vocabulário ou grupo de palavras, e, na esteira dessa afirmação, entende-se também que o léxico individual é bem diferente do léxico da língua, propriamente dita:

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita. (Villalva e Silvestre, 2014, p. 22)

Percebe-se que o léxico do indivíduo é bem mais restrito se comparado ao léxico da língua. O léxico individual está relacionado às experiências linguísticas do indivíduo, desde seu nascimento até o fim de sua vida, sempre em desenvolvimento, aprendendo uns e esquecendo outros. Cada indivíduo possui um léxico próprio, que reflete a sua vivência particular com própria com a língua.

Mesmo quando se aborda a questão do léxico do ponto de vista numérico, são observadas distinções. Segundo Aitchson (1990 apud Villalva e Silvestre, 2014, p. 24), “o léxico de um adulto tem entre 50 mil e 250 mil itens lexicais”, além do fato de que existem léxicos ativos e passivos de um indivíduo. O léxico ativo diz respeito aos itens utilizados e reconhecidos na produção linguística; já o léxico passivo não é utilizado pelos usuários, mesmo o falante tendo conhecimento do item.

As palavras *juçara* e *açaí*, por exemplo, parecem funcionar como variantes de uma mesma variável, na variedade maranhense do português, diferenciando-se o fato de que são utilizados em localidades diferentes, diatópica, mas possuem o mesmo

---

<sup>12</sup> Ao longo do desenvolvimento deste mestrado, vai-se discutir com mais ênfase, a fim de delimitação, a variação lexical da Libras.

significado, apesar das diferenças. Assim, em cada língua, as entradas lexicais são inúmeras, o que gera a variação nesse nível linguístico, e com a Libras não é diferente. A variação lexical, nesse caso, está relacionada a mudanças das palavras de uma língua para expressão de diferentes signos linguísticos.

A variação a nível lexical pode ocorrer por fatores regionais ou geográficos, e/ou por fatores sociais como escolaridade, sexo, idade, dentre outros. Xavier (2010, p. 57-58) afirma que “as variações são esperadas até mesmo em relação ao período de início de exposição à língua de sinais, pois havendo muitos filhos surdos de pais ouvintes, a aquisição da língua de sinais pode ocorrer logo após o nascimento, ou tardiamente”. Silva *et al.* (2013, p. 324) explicam que:

O nível lexical pode ser considerado a parte da língua que está mais suscetível à variação e mudança, pois engloba, por exemplo, várias palavras novas que vão surgindo, os neologismos e os empréstimos; ressignifica palavras existentes dentro do sistema linguístico, as gírias; e abarca outras que caíram ou cairão em desuso, os arcaísmos.

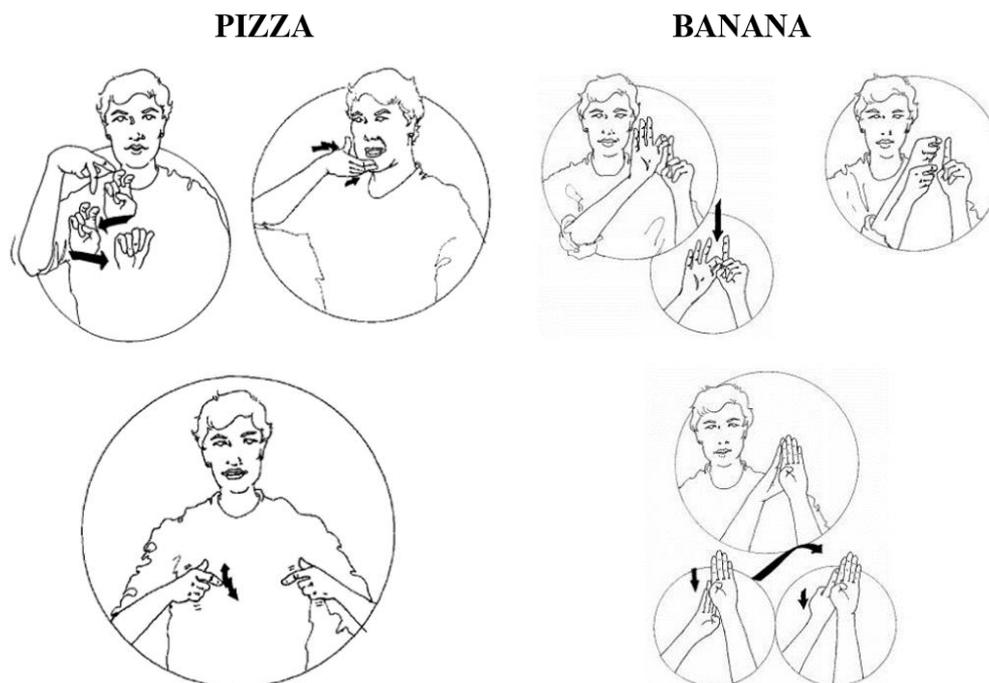
A investigação sobre a variação lexical em línguas de sinais foi uma das primeiras a emergir nessa área, conforme apontam Schembri e Lucas (2015). Os autores fazem referência a um pequeno estudo de Croneberg (1965), incluído como apêndice no Dicionário de ASL. Esse estudo analisava as diferenças na sinalização entre uma jovem negra surda e surdos brancos.

Croneberg associou as variações linguísticas observadas à segregação existente nas escolas para surdos nos Estados Unidos. Desde então, diversas pesquisas têm sido conduzidas com o objetivo de compreender as razões pelas quais pessoas surdas apresentam diferenças lexicais dentro de uma mesma comunidade.

Nos Estados Unidos, as diferenças na sinalização entre surdos brancos e negros têm sido objeto de estudo desde o trabalho pioneiro de Croneberg (1965). Os autores Schembri e Lucas (2015) destacam pesquisas como as de Woodward (1976), Lucas, Bayley, Reed e Wulf (2001), McCaskill *et al.* (2011) e Lucas, Bayley, McCaskill e Hill (2013) como referências importantes sobre o tema.

O estudo de Lucas, Bayley, Reed e Wulf (2001) analisou 34 itens apresentados por meio de datilografia e imagens, intercalados com 106 elementos distratores. Sinais como PIZZA e BANANA foram realizados de formas distintas, conforme ilustrado nas figuras a seguir.

Figura 49: Variação nos sinais de PIZZA e BANANA em ASL



Fonte: Lucas, Bayley. Reed e Wulf (2001)

Os resultados indicaram variações lexicais em 29 dos 34 itens analisados. Os pesquisadores concluíram que existe uma distinção no léxico utilizado por surdos brancos e negros nos Estados Unidos.

No Brasil, estudos realizados por Silva (2015), no Rio Grande do Sul, sobre a variação linguística nos sinais de PAI e MÃE, foram encontradas três variantes para cada uma dessas variáveis, conforme abaixo mostra:

Figura 50: Variação nos sinais PAI



**Figura 1a:** Forma padrão do sinal de PAI, composto pela junção dos sinais HOMEM (1/2) +BÊNÇÃO.



**Figura 1b:** Forma não padrão do sinal de PAI, sinal soletrado.



**Figura 1c:** Forma não padrão do sinal de PAI, originário do Rio Grande do Sul.

Fonte: Silva (2015, p. 4-6)

### Figura 51: Variação nos sinais MÃE



**Figura 2a:** Sinal MÃE, forma padrão, composta pela junção dos sinais MULHER+BÊNÇÃO.



**Figura 2b:** Sinal MÃE, forma não padrão, apresentada pelo sinal BÊNÇÃO, sendo que o sinal de MULHER foi suprimido.



**Figura 2c:** Forma não padrão do sinal MÃE (Florianópolis), dedo indicador toca duas vezes a lateral do nariz.

Fonte: Silva (2015, p. 4-6)

O estudo revela que, na comunidade surda da capital do estado, o sinal HOMEM + BENÇÃO está em processo de desaparecimento, já que não foi registrado em nenhuma das 42 ocorrências analisadas. O sinal PAI, característico do Rio Grande do Sul, foi a variante mais utilizada pelos jovens, enquanto a segunda variante para MÃE não foi adotada por eles, o que sugere que esta última pode estar em vias de cair em desuso.

Assim, percebe-se que os sinais acima mudam todos ou quase todos os parâmetros linguísticos, caracterizando assim as variações lexicais em que, além de possuir raízes etimológicas diferentes, as variantes irão apresentar diferenças estruturais em mais de um parâmetro.

Portanto, é fundamental que mais pesquisas sejam realizadas sobre a variação linguística na Libras, dado que ainda há poucos estudos nessa área. Embora muitos trabalhos mencionem a existência de variações, eles costumam abordar contextos diferentes, como a variação de sinais por intérpretes de Libras ou pelos próprios surdos. Um estudo focado na variação lexical, que explore os fatores que influenciam as escolhas dos usuários e a ampla diversidade lexical presente nas comunidades de práticas surdas, poderia enriquecer as discussões não apenas sobre variação linguística, mas também sobre o estudo do léxico de forma mais abrangente.

#### 4 DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este trabalho pretende analisar a variação na sinalização para os campos semânticos referentes animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios, por indivíduos surdos residentes na ilha de São Luís, no Maranhão. Especificamente, interessa saber se há, entre surdos da ilha de São Luís, diferenças na sinalização para itens lexicais, selecionados a partir dos campos semânticos citados, na grande ilha de São Luís?

Além desse objetivo mais específico, outros são lançados, como:

- verificar a produção variável dos sinais associados ao campo semântico animais, considerando os itens lexicais *Camaleão, Cupim, Muriçoca, Papagaio, Sanguessuga, Tamanduá, Tatu e Urubu*;

- investigar a variação na sinalização dos itens lexicais pertencentes ao campo semântico comidas, especialmente *Arroz de cuxá, Beiju, Canjica, Cuscuz, Feijoada, Juçara, Mingau de milho, Pão fina, Pão grossa e Torta de camarão*;

- examinar a sinalização para os itens lexicais do campo semântico convívio, a exemplo de *Sexo*;

- verificar a sinalização variável para os itens lexicais do campo semântico cores, notadamente os itens *Amarelo, Azul e Preto*;

- investigar a produção variável dos sinais para os itens do campo semântico corpo humano, a exemplo de *Joelho, Panturrilha, Pé, Perna e Seio*;

- analisar a produção variável dos sinais para o campo semântico frutas, e seus subcampos, quais sejam aqueles nacionalmente denominados, como *Fruta do conde, Graviola, Jaca, Pera, Maracujá*, comparativamente aqueles itens lexicais mais localmente denominados, a exemplo de *Bacuri, Cupuaçu, Buriti, Coco babaçu, Jambo, Murici, Pitomba e Sapoti*.

- descrever a sinalização para os itens lexicais do campo semântico profissões, notadamente os itens lexicais *Pescador e Pedreiro*;

- verificar a produção variável dos sinais para o campo semântico vestuário e acessórios, a exemplo dos itens *Bota, Calcinha, Cueca, Macacão e Sutiã*.

Para alcançar tais objetivos, aplicou-se um questionário semiestruturado com perguntas sobre o próprio informante, uma recriação de narrativas e sobre os itens do

campos semânticos-lexicais animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios, a sujeitos surdos residentes na grande ilha de São Luís. Os informantes também estão estratificados de acordo com sexo, faixa etária e escolaridade.

A hipótese que se levanta é a de que há variação na produção dos sinais para os itens lexicais entre os surdos da grande ilha de São Luís, conforme as variáveis sociais, de maneira que consiga se responder à pergunta de que o fenômeno em tela se configura como um fenômeno de variação lexical, de fato, como variante de uma mesma variável, ou, se ao contrário, ainda devem ser classificados como sinal ou classificador.

Após a coleta dos dados, *in loco*, no Centro de Apoio à Pessoa com Surdez – CAS, as respostas foram transcritas em uma tabela do word a fim de que se pudesse extrair as informações de cada informante e as variantes para cada uma das variáveis aqui estudadas para, posteriormente, gravar, de maneira espelhada, em forma de vídeo, os dados daqueles informantes que não autorizaram a divulgação de sua imagem na pesquisa e, os demais dados, serem editados para serem melhor visualizados, além das descrições, conforme cada parâmetro, dos sinais realizados pelos informantes. As variantes lexicais alcançadas serão apresentadas por dados qualitativos, com cada dado a ser apresentado em forma de vídeo, no qual o *QR Code* e o *link*, vai permitir que os interessados visualizem a reprodução do sinal em página própria do *Youtube* criada para tal fim.

Esses aspectos são detalhados mais abaixo. Abordam-se os princípios da metodologia laboviana, agora, aplicada a uma amostra de Libras, bem como retomar os objetivos da pesquisa e as hipóteses, pois elas desempenharão um papel crucial na justificativa da metodologia escolhida para este estudo. Em seguida, a discussão se desdobra nos seguintes tópicos: a) o *corpus* da pesquisa; b) a seleção e organização dos dados para a investigação; e c) o perfil e caracterização dos informantes da pesquisa.

#### **4.1 A metodologia laboviana aplicada a uma amostra de língua de sinais**

A Sociolinguística tem como propósito “compreender os complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade” (Moura, 2007, p. 11), analisando a fala no cotidiano de seus usuários, ou seja, “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (Labov, 2008, p. 98).

Registrar uma fala natural e espontânea representa um dos principais desafios enfrentados por um sociolinguista, pois este recorre a ferramentas tecnológicas, como

gravadores. É evidente que a introdução desse dispositivo pode imediatamente inibir o informante, levando-o a se concentrar mais na própria fala, e a evitar o que são erroneamente chamados de “erros”, que, ao contrário, são os que de fato interessam ao estudo sociolinguístico, a depender da variável linguística analisada. O que está em jogo pela busca do dado representativo da comunidade que está sendo analisada é a garantia de que o indivíduo que se dispõe a participar da pesquisa não se sinta coagido pela presença do aparato metodológico necessário para a obtenção do dado em seu contexto mais natural possível. A isso é o que Labov (2008[1972], p. 244) vai denominar de paradoxo do observador, em que “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas”, ainda que a obtenção desses dados seja feita por meio da observação sistemática.

Em outras palavras, o paradoxo do observador consiste no fato de que o objetivo do pesquisador é coletar dados espontâneos e naturais de fala dos informantes, ainda que a presença do próprio pesquisador, ao observar a fala do participante, exerce, em alguma medida, influência na produção linguística do informante, tornando-a não tão espontânea. Por outro lado, a ausência do pesquisador, na coleta de dados, descaracteriza a validade da pesquisa científica. Em outras palavras, ainda, a presença do observador resulta em dados não espontâneos, enquanto a ausência dele inviabiliza a condução da pesquisa.

Para mitigar os efeitos desse paradoxo, algumas estratégias podem ser aplicadas, como a aplicação de um roteiro de entrevistas direcionado a temas específicos nos quais o interlocutor se envolve, induzindo-o a esquecer-se da gravação, em situações como sua infância, experiências de vida entre outras informações. Ao discorrer sobre experiências emocionalmente envolventes, o falante se envolve com o tema, resultando em uma expressão mais autêntica e desinibida, esquecendo-se de monitorar sua fala.

Como o pesquisador não pode esconder do participante que está envolvido em uma pesquisa, uma vez que tenha comunicado essa participação, é possível, de maneira ética, distrair o participante durante o processo de entrevista, de modo a fazê-lo se desvincular do ambiente da pesquisa e gerar respostas mais espontâneas. Esse é o contexto de análise relevante para a sociolinguística laboviana: o ambiente no qual o falante utiliza sua linguagem cotidiana.

Nesse tipo de estudo, os pesquisadores que estudam línguas orais procuram empregar dispositivos de gravação de áudio discretos e fazem questão de não enfatizar a presença do gravador, de modo a evitar que o participante se sinta constrangido ou

intimidado. Contudo, quando se trata da coleta de dados e investigação em línguas de sinais, a dinâmica é diferente.

Para capturar os sinais de forma nítida, é indispensável utilizar-se de uma câmera de qualidade em um ângulo próximo e à frente do informante sinalizante, que, nesse caso, é o participante surdo, o que inevitavelmente o mantém constantemente consciente de estar sendo gravado. Para o caso das gravações aqui realizadas, foi necessária a utilização de uma câmera durante as entrevistas, para se captar os sinais e todos os parâmetros linguísticos que compõem o sinal, bem como as expressões e movimentos corporais da sinalização.

Projetou-se, então, que a presença das câmeras criaria uma sensação de desconforto entre os entrevistados, em comparação com os participantes de pesquisas que envolvem línguas orais. Porém, apesar dessa projeção com condições desafiadoras, baseando-se em experiências em trabalhos anteriores, os informantes não ficaram desconfortáveis diante da filmagem, o que mitigou as naturais desconfianças dos participantes quanto ao processo de aplicação dos questionários e recolha dos dados.

Como visto anteriormente, é importante esclarecer ao potencial informante que participará de uma pesquisa, mas não é apropriado abordar, por exemplo, que a sua sinalização, no caso dos participantes surdos deste estudo, será avaliada, por exemplo, pelo próprio pesquisador. Assim, a estratégia utilizada foi de apresentar a pesquisa de uma maneira mais genérica possível aos participantes, explicando-lhes que se trata do modo como nomeiam certos itens lexicais da cultura e do cotidiano maranhense, razão pela qual foram selecionados os elementos elencados no item a seguir.

## **4.2 O *corpus* da pesquisa**

Esta pesquisa visa à investigação com informantes surdos, fluentes em Libras, residentes na ilha de São Luís, estratificados em dois grupos, um grupo de alunos e outro de frequentadores do CAS, com diferente escolaridade e faixa etária.

A organização a seguir resume os perfis dos participantes:

Grupo 1 (alunos): formado por oito informantes alunos do CAS, quatro homens e quatro mulheres, de 19 a 36 anos, com ensino médio completo e/ou ensino superior;

Grupo 2 (frequentadores): formado por oito informantes frequentadores do CAS, quatro homens e quatro mulheres, de 23 a 46 anos, com ensino médio completo e/ou ensino superior.

A justificativa para a inclusão desses dois distintos grupos reside no fato de que se pretende discutir se aqueles que frequentam o CAS como alunos apresentam maior filiação ao espaço, comparativamente aqueles que apenas frequentam o local para atividades esporádicas e agendadas. Pensa-se que esse agrupamento contribui na definição da comunidade surda com uma comunidade de práticas surdas, no sentido de Eckert (2000).

A teoria da variação sugere que a língua utilizada por um indivíduo é estabelecida nos primeiros anos de vida, geralmente até os 15 anos. Destaca-se a importância de examinar, ou ao menos observar, as disparidades na aquisição da Libras, muitas vezes vinculadas à instituição educacional frequentada pelo surdo. Mesmo entre surdos da mesma faixa etária, podem surgir variantes distintas, dependendo de seu histórico linguístico, ou seja, da forma como adquiriram a língua. Dessa forma, considerar isso pode ser relevante, também, para este estudo e pesquisas futuras.

A coleta de dados foi dividida em quatro etapas, como segue:

- i) Momento de entrevista inicial sobre a vida do informante (10 minutos): esta etapa consistiu em uma entrevista semiestruturada na qual foram coletadas informações como nome, idade, escolaridade, sexo, naturalidade, há quanto tempo vive no município, se nasceu surdo ou não, se é filho de pais surdos, se a família sabe Libras, história de como e onde aprendeu Libras, a história do sinal pessoal, profissão e aspirações pessoais/profissionais (vide apêndice B);
- ii) Recriação de narrativa (5 minutos): esta etapa consiste em cada informante recontar uma narrativa, a *Canary Row*, de Tweety & Sylvester (Ludwig; Quadros, 2018);
- iii) Conversação sobre temas pré-determinados (5 minutos): esta etapa consistiu em perguntas diretas para os informantes sobre o que gosta de comer, quais animais conhece, parte do corpo humano que gosta, etc.;
- iv) Atividade de apresentação lexical (15 minutos): esta etapa consistiu na apresentação das lexias, conforme os campos semânticos-lexicais selecionados: animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios. Ao todo, foram apresentados 47 itens lexicais, em forma de *réalias*, organizados em slides apresentados em um notebook. Essas imagens foram selecionadas em bancos de imagens de domínio público na internet, sem nenhuma palavra escrita em português, pois poderia haver itens lexicais para os quais a

datilologia (palavra soletrada) ou a própria explicação do item se configuram como o sinal para o item em questão.

O questionário possui 47 itens lexicais a serem aplicadas, divididas em 8 campos semânticos, a saber:

- a) Animais (8 lexias, a saber: Camaleão, Cupim, Muriçoca, Papagaio, Sanguessuga, Tamanduá, Tatu e Urubu);
- b) Comidas (10 lexias, a saber: Arroz de cuxá, Beijú, Canjica, Cuscuz, Feijoada, Juçara, Mingau de milho, Pão fina, Pão grossa e Torta de camarão);
- c) Convívio (1 lexia, a saber: Sexo);
- d) Cores (3 lexias, a saber: Amarelo, Azul e Preto);
- e) Corpo humano (5 lexias, a saber: Joelho, Panturrilha, Pé, Perna e Seio);
- f) Frutas (13 lexias, a saber: Bacuri, Buriti, Coco babaçu, Cupuaçu, Fruta do conde, Graviola, Jaca, Jambo, Maracujá, Murici, Pera, Pitomba e Sapoti);
- g) Profissões (2 lexias, a saber: Pescador e Pedreiro);
- h) Vestuário e acessórios: (5 lexias, a saber: Bota, Calcinha, Cueca, Macacão e Sutiã).

Para a aplicação dos questionários, utilizou-se o espaço do Centro de Apoio à Pessoa com Surdez – CAS, devidamente autorizado pela gestão do centro (vide apêndice A), localizado na ilha de São Luís. A realização das entrevistas foi feita por meio do uso de uma câmera de alta qualidade e resolução, um tripé, 6 *softbox* (iluminação própria), *notebook* para acesso aos estímulos linguísticos por meio das *reálias* em slides. O passo seguinte foi o de gravação dos sinais com o próprio pesquisador (para aqueles que não liberaram o uso de sua própria imagem). Esses vídeos foram editados por meio da função de edição de vídeos do programa Adobe Premier Pro. Ressalte-se que o material gravado e editado foi arquivado em drive próprio, para posterior análise dos dados obtidos.

Figura 52: Estúdio de entrevistas



Fonte: acervo do pesquisador

Para que as entrevistas realizadas pudessem ser analisadas posteriormente, cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (cf. Apêndice C e D), em que autoriza o uso de imagem para transcrição, análise, interpretação dos dados e divulgação dos resultados. Todo esse processo foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP.

Informa-se que todos os participantes foram convidados a autorizar a gravação de sua imagem, considerando-se o fato de que os estudos sociolinguísticos preconizam que sejam analisados dados representativos da comunidade linguística analisada. Isso parece se aplicar com maior facilidade à análise das línguas orais, mas ainda representa um desafio para a análise de dados produzidos em línguas de sinais.

Acrescenta-se que se tem observado que em pesquisas que têm as línguas de sinais como objeto de estudo, são os pesquisadores aqueles que replicam a realização dos sinais. Entretanto, entende-se que se corre o risco de, ao buscar uma representação mais próxima do participante, deixem-se passar detalhes da produção originalmente realizada pelo participante.

Por outro lado, considerando-se as questões éticas que envolvem a realização de pesquisas com surdos (já que a imagem é um fator preponderante nesse tipo de estudo), optou-se por incluir, aqui, sempre que possível, a produção de dados de participantes que autorizaram o uso de sua imagem. Quando isso não for possível, mas a representação de um determinado dado for crucial para a discussão levantada ao longo da pesquisa, vai-se

recorrer à reprodução desse dado pelo autor deste estudo. Para esses casos, vai-se utilizar a reprodução fidedigna dos dados feita pelo próprio pesquisador, mas tentando-se ser o mais fidedigno possível dos sinais realizados pelos informantes, e mantendo-se preservar, ao máximo, todos os parâmetros linguísticos dos sinais, inclusive das expressões faciais que fazem parte da estrutura da Libras e de cada sinal.

Previa-se que os riscos envolvidos nesta pesquisa estivessem relacionados a possíveis constrangimentos por parte dos participantes, caso não soubessem realizar determinado sinal. No entanto, esses efeitos foram minimizados por meio da entrevista de vida, da recriação de narrativas e da conversação sobre temas previamente definidos, estratégias que favoreceram a produção do vernacular da língua pelos informantes. Todos os participantes realizaram os sinais solicitados à medida que os reconheciam, tanto durante a apresentação dos itens quanto nas narrativas sinalizadas. Ainda assim, foi tomado o cuidado de esclarecer que, caso se sentissem constrangidos, poderiam optar por não responder às solicitações, sem que isso lhes acarretasse qualquer prejuízo ou ônus.

Posteriormente, foi realizada a análise dos dados seguindo-se as orientações da Sociolinguística Variacionista (Labov (2008[1972])), contendo as produções e suas descrições conforme os parâmetros e, para apresentação dos dados, utilizamos vídeos, para visualização dos sinais, e gráficos com as análises quantitativas.

#### **4.2.1 O CAS**

O Centro de Educação Especial Profa. Maria da Glória Costa Arcangeli (CAS-MA), nomenclatura inicial, baseada no decreto nº 36.456 de 31 de dezembro de 202, é uma instituição de ensino da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), vinculada à Secretaria Adjunta de Ensino (SAE) e à Supervisão de Modalidades e Diversidades Educacionais (SUPMODE). Esse Centro tem por objetivo oferecer orientação, acompanhamento e atendimento aos surdos e surdocegos, alunos ou pessoas da comunidade em geral, numa dimensão bilíngue, educativa e biopsicossocial por meio da produção de pesquisas, formação continuada dos profissionais da área de surdez, preparação e inserção do surdo e do surdocego no mercado do trabalho, bem como incentivar as expressões artístico-culturais e defender uma educação na perspectiva bilíngue a estes sujeitos. Além disso, é um espaço de encontro de surdos, ao promover eventos aberto a surdos e ouvintes, no qual o acolhimento é um dos pilares do Centro.

Como parte das ações do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, em 2001, a partir do posicionamento e reflexão das pessoas surdas e do movimento inclusivo, o Ministério da Educação – MEC - propôs a criação, em cada unidade federativa, de um Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), passando a ser nomeado dessa forma, a fim de potencializar a socialização das informações atuais sobre educação dos surdos, otimizar o atendimento de forma global aos educandos e garantir às instituições de ensino, profissionais capacitados para o desenvolvimento das atividades educacionais. Foi nesse cenário, que o CAS-Maranhão foi implantado e implementado pela Secretaria Estadual de Educação - SEDUC/MA.

A comunidade escolar do CAS é representada pelos professores, especialistas em educação e em saúde, técnicos, educandos surdos, surdocegos, familiares, funcionários da segurança, da limpeza, a comunidade surda e demais interessados na educação de sujeitos surdos e surdocegos. É nesse cenário que, por possuir este público, foi escolhido para ser o palco desta pesquisa, por ser um local de encontro de pessoas surdas que convivem já há algum tempo, seja interagindo no cotidiano frequentando o centro, seja em eventos ou no dia a dia, ou por ser aluno nos cursos oferecidos aos surdos.

#### **4.3 A seleção e organização dos dados**

Para esta pesquisa, foram selecionados vídeos de 16 participantes, buscando semelhanças entre os participantes em relação aos fatores sociais, como filiação ao CAS, sexo, faixa etária, entre outras informações, com o objetivo de se estabelecer padrões de uso na produção de sinais entre os participantes.

No entanto, para que tal empreendimento se desse adequadamente, foi necessário pensar uma estratégia de interação com os participantes que não se resumisse a apenas coletar dados para uma análise linguística finalizada em si mesma. Pensando nisso, a entrevista inicial sobre a vida dos informantes foi fundamental para que se pudesse acessar informações acerca dos fatores sociais dos participantes. Entende-se que tais informações contribuem diretamente na seleção de certas formas pelos participantes, possibilitando que tais produções entendidas como classificadores ou como variantes de uma mesma variável, em que itens lexicais variam, ainda que possuam o mesmo valor referencial.

É nessa perspectiva que se analisa a variação para itens lexicais pertencentes aos campos semânticos de animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios. No total, há 47 (quarenta e sete) itens lexicais, que foram selecionados previamente, e para os quais os participantes foram eliciados a produzir o sinal referente.

Os itens do campo semântico “animais” foram selecionados por serem representativos da região pesquisada e por não possuírem registro no dicionário analisado, com exceção do sinal para Tatu, que, embora registrado, foi incluído no corpus devido à sua variabilidade. Entre os itens escolhidos estão: Camaleão, Cupim, Muriçoca, Papagaio, Sanguessuga, Tamanduá e Urubu.

No campo semântico “corpo humano”, os itens foram escolhidos com base na observação de que, no uso cotidiano da língua, essas partes do corpo são frequentemente sinalizadas de forma referencial, por meio de apontamentos, muitas vezes sem um sinal específico. Os itens Pé e Seio foram incluídos por possuírem registro no dicionário, enquanto os demais foram selecionados justamente por essa ausência e pela forma como são representados na prática.

Quanto ao campo semântico “comidas”, os itens selecionados fazem parte da culinária típica da região. Com exceção de Beiju e Juçara, os demais não possuem registro no dicionário investigado, o que justifica sua inclusão no corpus deste estudo.

No campo semântico “frutas”, os itens foram escolhidos por serem, em sua maioria, característicos da região Nordeste. Apenas Ata (Fruta do Conde), Maracujá e Cupuaçu possuem registro no dicionário analisado. As demais frutas, como Bacuri, Buriti, Coco babaçu, Jambo, Murici, Pitomba e Sapoti, além de não estarem registradas, apresentam alta variabilidade na sinalização.

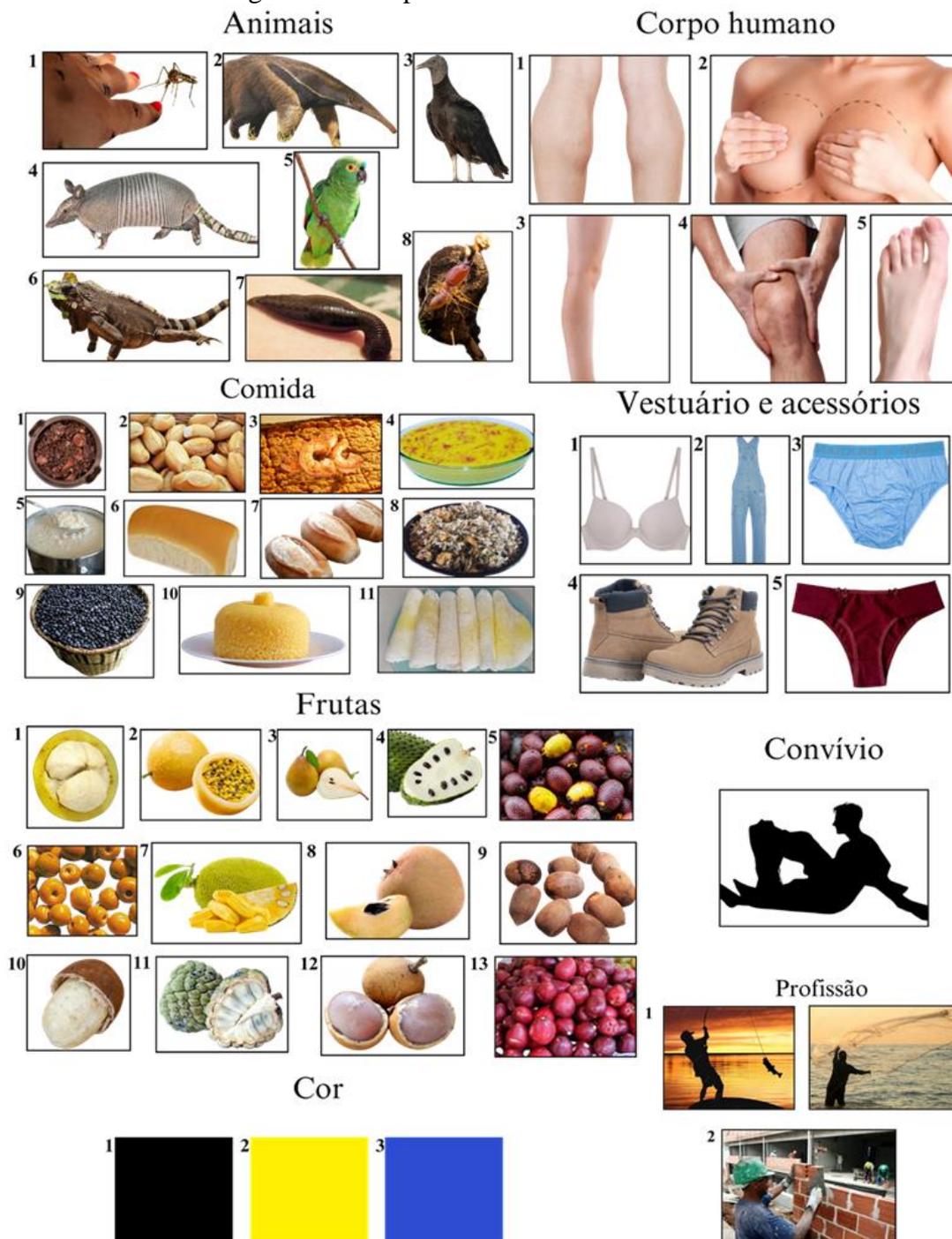
As cores incluídas no corpus foram selecionadas devido à sua alta variabilidade na sinalização, já apontada por estudos anteriores, como Silva (2020). Neste trabalho, busca-se investigar como esses sinais são produzidos na prática.

Os itens do campo semântico “profissões” foram escolhidos por apresentarem grande variabilidade e por representarem ocupações comuns na região. O sinal para Pedreiro possui registro no dicionário, enquanto Pescador não. A proposta é investigar tanto a variabilidade do sinal registrado quanto a produção do sinal ausente.

No campo semântico “vestuário e acessórios”, os itens foram selecionados pela expressiva variabilidade na sinalização. Além disso, os sinais para Bota e Macacão não possuem registro no dicionário, o que reforça sua relevância para o corpus.

Por fim, o sinal para "Sexo", pertencente ao campo semântico "convívio", foi incluído por ser considerado um sinal tabu e por apresentar significativa variabilidade no uso cotidiano da língua de sinais.

Figura 53: Campos semânticos e itens lexicais



Fonte: Elaborado pelo autor

No que diz respeito à coleta de dados, assistiu-se a todos os vídeos dos informantes. Em seguida, essas entrevistas foram transcritas, após a coleta das informações de cada indivíduo. Posteriormente, passou-se à realização dos cortes em cada realização dos itens em questão, feitas pelos informantes quando convidados a descrever cada sinalização. Lembre-se que, para aqueles que não autorizaram a divulgação da imagem, a gravação do vídeo dessas realizações foi feita pelo próprio pesquisador.

Segue abaixo o quadro com os campos semânticos e itens lexicais analisados neste estudo:

Quadro 4: Campos semânticos e itens lexicais analisados

<b>Campos semânticos</b>	<b>Itens lexicais</b>
<b>1. Animais</b>	Camaleão, Cupim, Muriçoca, Papagaio, Sanguessuga, Tamanduá, Tatu e Urubu
<b>2. Comidas</b>	Arroz de cuxá, Beiju, Canjica, Cuscuz, Feijoada, Juçara, Mingau de milho, Pão fina, Pão grossa e Torta de camarão
<b>3. Convívio</b>	Sexo
<b>4. Cores</b>	Amarelo, Azul e Preto
<b>5. Corpo humano</b>	Joelho, Panturrilha, Pé, Perna e Seio
<b>6. Frutas</b>	Bacuri, Buriti, Coco babaçu, Cupuaçu, Fruta do conde, Graviola, Jaca, Jambo, Maracujá, Murici, Pera, Pitomba e Sapoti
<b>7. Profissões</b>	Pescador e Pedreiro
<b>8. Vestuário e acessórios</b>	Bota, Calcinha, Cueca, Macacão e Sutiã

Fonte: Elaborado pelo autor

#### 4.4 Perfil e caracterização dos informantes

Esta pesquisa contou com a participação de informantes surdos, fluentes em Libras, residentes da ilha de São Luís, estratificados em dois grupos, alunos do CAS e frequentadores do CAS, com diferente escolaridade e faixa etária.

A organização a seguir resume os perfis dos participantes:

**Grupo 1** (alunos): formado por oito informantes alunos do CAS, quatro homens e quatro mulheres, de 19 a 36 anos, com ensino médio completo e/ou ensino superior;

**Grupo 2** (frequentadores): formado por oito informantes frequentadores do CAS, quatro homens e quatro mulheres, de 23 a 46 anos, com ensino médio completo e/ou ensino superior.

Segue abaixo um quadro com as caracterizações dos informantes, conforme a entrevista, correspondente à primeira etapa na coleta de dados, que permitirá a análise dos fatores sociais dos informantes e a influência desses fatores na produção linguística de cada indivíduo.

Quadro 5: Caracterização dos informantes

Grupo	Informante	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Frequentou escola inclusiva	Frequentou classe especial
<b>Grupo 1</b>	A	F	20 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Não
	B	M	32 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Não
	C	F	29 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Não
	D	F	19 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Sim
	E	M	36 anos	Ensino superior	Estudante	Sim	Sim
	F	M	32 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Sim
	G	M	20 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Não
	H	F	23 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Não
<b>Grupo 2</b>	I	M	46 anos	Ensino superior	Professor	Sim	Sim
	J	M	23 anos	Ensino médio	Auxiliar de serviços gerais	Sim	Não
	K	M	31 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Sim
	L	F	27 anos	Ensino médio	Estudante	Sim	Sim
	M	F	37 anos	Ensino superior	Professor	Sim	Não
	N	F	32 anos	Ensino superior	Professor	Sim	Sim
	O	M	38 anos	Ensino superior	Professor	Sim	Sim
	P	F	35 anos	Ensino superior	Professor	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir dessa descrição metodológica, passa-se, no próximo capítulo, à apresentação da descrição e análise dos resultados obtidos.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Optamos por dividir esta análise de dados em duas etapas. A primeira consiste em descrever as variantes analisadas. Em razão do tempo de investigação que é curto, e por se tratar de uma dissertação de mestrado, analisaremos as sinalizações de 19 itens lexicais, e não os 47 itens coletados na construção do *corpus*. Os 19 itens lexicais são: AMARELO, ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO FINA, PÃO GROSSA, PÉ, PEDREIRO, PRETO, SAPOTI, SEIO, SEXO, SUTIÃ e TATU. Estes itens foram selecionados porque apresentaram um número relevante de variantes e, alguns, por não possuírem registro no dicionário utilizado como referência para este estudo, sendo que alguns sinais dicionarizados utilizados como padrão para esta pesquisa, não corresponderam aos sinais apresentados pela comunidade de prática surda investigada. Estas variantes apresentaram iconicidade, repetições no uso pelos informantes, além de possuírem variação fonológica e lexical e, algumas, classificadas como classificadores. Desse modo, para cada nível de análise, teremos um tópico.

As variantes serão descritas a partir de seus parâmetros linguísticos (Stokoe (1960), Rosa *et al* (2016), Quadros e Karnopp (2004)), na observação da variação fonológica (Xavier, 2006), lexical (Diniz, 2010) e os classificadores (Carneiro, 2023). Na segunda etapa desta análise, iremos tecer considerações sobre o contexto social dos informantes, como sexo, faixa etária e escolaridade, e como estes fatores podem ter influenciado na produção destes usuários surdos.

### 5.1 Descrição dos dados

A seguir, um quadro que mostra os níveis de análise por tipo de variação encontrada, nesse caso a variação lexical e fonológica, e as sinalizações tidas como classificadores, conforme cada item lexical.

Tabela 1: Itens e quantidade de variantes

#### **Variação lexical**

	<b>Item 1:</b> ATA	<b>Item 2:</b> BURITI	<b>Item 3:</b> MARACUJÁ	<b>Item 4:</b> CUPUAÇU	<b>Item 5:</b> BEIJU
Nº de variantes:	Cinco	Duas	Quatro	Duas	Quatro
	<b>Item 6:</b> CAMALEÃO	<b>Item 7:</b> JUÇARA	<b>Item 8:</b> PÃO GROSSA	<b>Item 9:</b> PÉ	<b>Item 10:</b> PEDREIRO
Nº de variantes:	Quatro	Três	Três	Dez	Duas
	<b>Item 11:</b> SEIO	<b>Item 12:</b> TATU	<b>Item 13:</b> SEXO		
Nº de variantes:	Quatro	Duas	Nove		

#### Variação fonológica

	<b>Item 1:</b> BURITI	<b>Item 2:</b> CUPUAÇU	<b>Item 3:</b> MARACUJÁ	<b>Item 4:</b> AMARELO	<b>Item 5:</b> PRETO
Nº de variantes:	Duas	Duas	Quatro	Duas	Cinco
	<b>Item 6:</b> BEIJU	<b>Item 7:</b> CAMALEÃO	<b>Item 8:</b> JUÇARA	<b>Item 9:</b> PÃO FINA	<b>Item 10:</b> PÃO GROSSA
Nº de variantes:	Três	Dois	Quatro	Quatro	Cinco
	<b>Item 11:</b> PEDREIRO	<b>Item 12:</b> SEIO	<b>Item 13:</b> SUTIÃ	<b>Item 14:</b> TATU	<b>Item 15:</b> SEXO
Nº de variantes:	Cinco	Duas	Duas	Três	Sete

### Classificadores

	<b>Item 1:</b> ATA	<b>Item 2:</b> COCO BABAÇU	<b>Item 3:</b> SAPOTI	<b>Item 4:</b> BURITI	<b>Item 5:</b> CUPUAÇU
Nº de sinalizações:	Cinco	Onze	Três	Três	Duas
	<b>Item 6:</b> MARACUJÁ	<b>Item 7:</b> BEIJU	<b>Item 8:</b> JUÇARA	<b>Item 9:</b> PÃO GROSSA	<b>Item 10:</b> PÉ
Nº de sinalizações:	Duas	Duas	Um	Duas	Uma
	<b>Item 11:</b> SUTIÃ	<b>Item 12:</b> TATU	<b>Item 13:</b> SEXO		
Nº de sinalizações:	Quatro	Duas	Cinco		

Fonte: Elaborado pelo autor

Assim, a variação fonológica e a variação lexical serão descritos e analisados separadamente, já que são dois processos de variação diferentes, e os classificadores, do mesmo modo, pois é uma classificação em que o item sinalizado pelo informante se encaixa.

#### 5.1.1 Variação lexical

Os itens lexicais que sofreram variação a nível fonológico para esta análise são: ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, PEDREIRO, SEIO, SEXO e TATU.

Inicialmente faremos a descrição por item, apresentando cada variante acrescido do vídeo de cada sinalização, sua referida realia e, posteriormente, a análise sociolinguística.

**Item 1: ATA**

A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item ATA.

Figura 54: Sinal ATA – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 55: Sinal ATA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 56: Sinal ATA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 57: Sinal ATA – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 58: Sinal ATA – Variante 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um sinal realizado com ambas as mãos com CM 15  tocando-se pela ponta dos dedos, realizado no espaço neutro à frente do corpo, com movimento semicircular para os lados, finalizando o sinal com orientação para cima. Este sinal, aparentemente tem uma referência icônica, pois para que se coma a fruta, é necessário abri-la deste modo.

A variante 2 é realizada, também, com ambas as mãos com CM 15 , no qual a mão não dominante é passiva, no espaço neutro, enquanto a mão dominante é ativa tocando o dorso da mão passiva indicando a característica icônica da fruta com sua casca áspera.

A variante 3 é realizada, também, com ambas as mãos com CM 15 , tocando-se pela ponta dos dedos, realizado no espaço neutro à frente do corpo, com movimento semicircular para os lados e, ao final, fechando a mão com CM's 69 . Este sinal também tem uma referência icônica do movimento de abrir a frutas, acrescido do movimento de fechar a mão, indicando espremer a fruta para que os caroços sejam retirados.

A variante 4 é realizada, também, com ambas as mãos com CM 15 , no qual as mãos entrelaçam-se pelos dedos, realizado no espaço neutro à frente do corpo, com movimento semicircular da mão dominante para baixo, com orientação para cima. Desse

modo, a sinalização deste item é uma forma icônica, indicando a abertura da fruta, em que uma mão fica passiva e a outra ativa.

Já na variante 5 houve a ocorrência do uso de datilologia para este item,

soletração da palavra, realizada com apenas uma mão com CM 67, 20 e 67



, em que há um empréstimo linguístico da palavra soletrada em língua portuguesa. Desse modo, uma das possibilidades de sinalização deste item é por empréstimo. Esta sequência de CM's são as letras da palavra ata. Assim, o léxico não nativo foi utilizado e, em alguns casos, pode ser incorporado no léxico nuclear, lexicalizando o sinal. É possível que este empréstimo passe pela lexicalização, visto que três informantes utilizaram esta sequência de letras, ou pode ser que não, visto que outras variantes concorrem entre si. Pelo uso desta sinalização, portanto, foi considerada como uma variante. O que fica em suspenso é que esta sinalização foi produzida por três informantes acima de 30 anos de idade. Um informante com ensino médio, e dois com ensino superior que são professores da língua. Desse modo, como bem sabemos, a soletração, normalmente, é utilizada por informantes que não conhecem o sinal para o item.



## Item 2: BURITI

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item BURITI.

Figura 59: Sinal BURITI – Variante 1





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 60: Sinal BURITI – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um item sinalizado com a CM 14 , no qual a mão dominante é orientada para trás, com movimento retilíneo para baixo, localizado no espaço neutro à frente da boca, acrescido de expressão facial com arcada dentária batendo os dentes. Esta sinalização tem uma motivação icônica, pois reproduz o modo como a fruta é degustada.

Já variante 2 é um item sinalizado com a CM 69 , no qual a mão dominante é orientada para frente, com movimento retilíneo para baixo, localizado no espaço neutro à frente da boca, acrescido de expressão facial com arcada dentária batendo os dentes. Esta sinalização, também, tem uma motivação icônica, pois reproduz o modo como a fruta é degustada.

Assim, as variantes 1 e 2 se diferem pela alteração no parâmetro CM e orientação, sendo consideradas variações lexicais. É notável, portanto, a quantidade de variantes, com diversas combinações. Assim, percebe-se um padrão no uso da CM 15



evidenciando a forma da fruta. As variações lexicais apresentam níveis de iconicidade percebidos no formato do item e na ação de comer ou abrir a fruta.



### Item 3: MARACUJÁ

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item MARACUJÁ.

Figura 61: Sinal MARACUJÁ – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

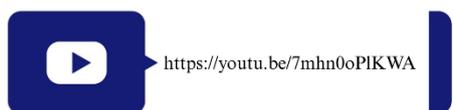
Figura 62: Sinal MARACUJÁ – Variante 2





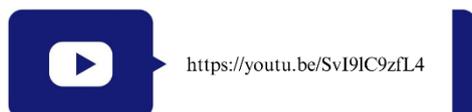
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 63: Sinal MARACUJÁ – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 64: Sinal MARACUJÁ – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um item sinalizado com a CM 03 , com movimento semicircular da mão, com orientação para trás e expressão facial neutra. Este sinal, aparentemente, não tem uma motivação icônica, mas é possível que seja um empréstimo de sinal realizado na França, até mesmo pela influência história da língua de sinais francesa (LSF) na Libras. Antes da Libras se tornar o que é hoje, uma língua institucionalizada, era ensinado no Brasil, no período imperial, a LSF. Desse modo, Ignácio Júnior (2014) aponta a análise que fez entre a Libras e a LSF em diferentes dicionários:

Os sinais comparados entre *Sematos* (LSF – online) X *Linguagem das Mãos* (Libras), 19 apresentaram mudanças em algumas dessas unidades. Entre *Linguagem das Mãos* (Libras) X *Acesso Brasil* (Libras), 8 sinais sofreram variação; e entre *Sematos* (LSF – online) X *Acesso Brasil* (Libras), todos os vinte sinais variaram. Isso pode sugerir que tais sinais não tenham parentesco ou que no processo de afastamento da iconicidade em direção a arbitrariedade, as duas línguas seguiram caminhos bem diferentes para a formação dos sinais (Ignácio Júnior, 2014, p. 51)

A fruta maracujá em francês é *fruit de la passion* (fruta da paixão) e pode ter influência neste sinal, pois a mão no coração faz referência a paixão. Nesse caso, a motivação icônica neste sinal não é aparente pela forma, mas pela raiz da palavra.

A variante 2 é sinalizado em dois momentos. O primeiro momento é um sinal caracterizador, que é o sinal de AMARELO, produzido com a CM 49 , localizado na testa, com movimento retilíneo para baixo até o queixo, com orientação contralateral e expressão facial neutra. O segundo momento é sinalizado com a CM 56 , localizado no peito, com movimento retilíneo para trás, com orientação para trás e expressão facial neutra. Percebe-se, portanto, que a motivação parte da raiz da palavra, pois a flor do maracujazeiro é chamado de flor da paixão, conforme o dicionário online de português. Assim, estes sinais acima não carregam referências visuais da fruta.

A variante 3 é sinalizado em dois momentos. O primeiro momento com a CM 03 , com movimento semicircular da mão, com orientação para trás e expressão facial neutra. O segundo momento é sinalizado com a CM 24  inicial e, CM 39  finalizando o sinal, localizado na lateral do olho, com movimento retilíneo do dedo indicador até unir com o dedo polegar, com expressão facial fechando os olhos, fazendo referência a sono.

A variante 4, também utilizada pelos informantes, cujo significado é sono, produzida com uma mão com CM 24  e 39 , localizado na lateral do olho, com movimento retilíneo do dedo indicador até unir com o dedo polegar, com expressão facial fechando os olhos. Nesse caso, este informante só realizou o sinal SONO.

O sinal de sono foi incorporado na variante 3 provavelmente pela crença de que o suco de maracujá tem efeito calmante e que auxilia no sono calmo e tranquilo. A variante 4, no entanto, só é produzida com o sinal SONO, não tendo nenhum sinal que antecede como na variante 3. Assim, as variantes acima para o item MARACUJÁ concorrem entre si, mas a variante 1 foi selecionada como a variante padrão, pois teve a maior quantidade usos pelos informantes entrevistados.

#### Item 4: CUPUAÇU



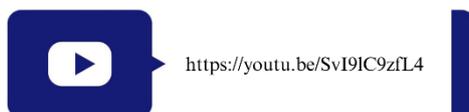
A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item CUPUAÇU.

Figura 65: Sinal CUPUAÇU – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 66: Sinal CUPUAÇU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um sinal realizado com duas mãos, sendo a mão dominante com

CM 26 , e a mão não dominante com CM 69 . A mão dominante, atuando como mão ativa, localizado encostando nos dedos da mão não dominante, com movimento retilíneo para frente, orientação contralateral e expressão facial neutra. Já a mão não dominante, atuando como mão passiva, localizada no espaço neutro, com orientação para baixo.

A variante 2 é um sinal realizado com uma mão, utilizando as CM's

      , utilizando-se de empréstimo linguístico.

Percebe-se, portanto, que a variante 1 tem motivação icônica, utilizando-se de

um classificador de forma, com a CM 69 , indicando a forma da fruta, e um classificador de instrumento com as CM's 26 e 54 indicando uma tesoura, que é utilizada para tirar a polpa da fruta para consumo. A variante 2 é a palavra soletrada da fruta. Assim, temos nestes sinais variantes que concorrem com o mesmo valor de verdade.

#### Item 5: BEIJU



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item BEIJU.

Figura 67: Sinal BEIJU – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 68: Sinal BEIJU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 69: Sinal BEIJU – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 70: Sinal BEIJU – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Percebe-se que as variantes acima, alteram-se por quase todos os parâmetros, por isso são consideradas variantes lexicais, pois os sinais, em sua estrutura, são diferentes uns dos outros, sendo variantes de uma mesma variável.

#### Item 6: CAMALEÃO

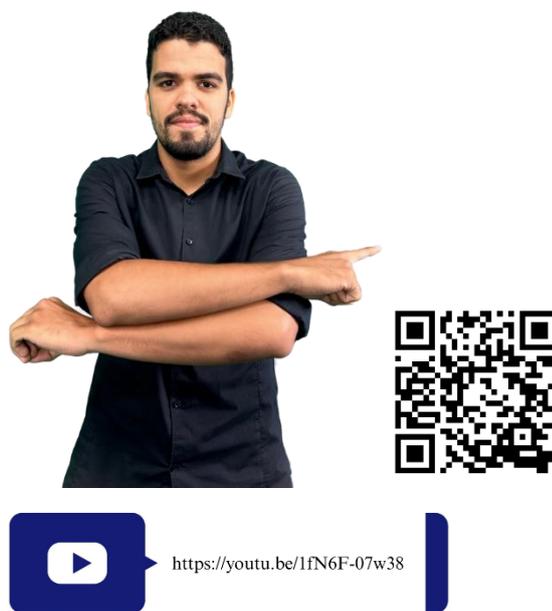


Figura 71: Sinal CAMALEÃO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 72: Sinal CAMALEÃO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 73: Sinal CAMALEÃO – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 74: Sinal CAMALEÃO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Percebe-se que as variantes acima, são diferentes uns dos outros, sendo variantes de uma mesma variável, pois alteram-se por quase todos os parâmetros, por isso são consideradas variantes lexicais. Os sinais são icônicos, pois fazem alusão as características físicas do animal.

**Item 7: JUÇARA**



A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item JUÇARA.

Figura 75: Sinal JUÇARA – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 76: Sinal JUÇARA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 77: Sinal JUÇARA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os sinais acima são diferentes um do outro, fazendo alusão iconicamente ao ato de amassar a fruta para extrair sua polpa e, também, temos um sinal utilizado como empréstimo linguístico da língua portuguesa. O sinal realizado por empréstimo linguístico foi sinalizado a palavra A-Ç-A-Í, nomenclatura diferente da utilizada no território de São Luís.



### Item 8: PÃO GROSSA

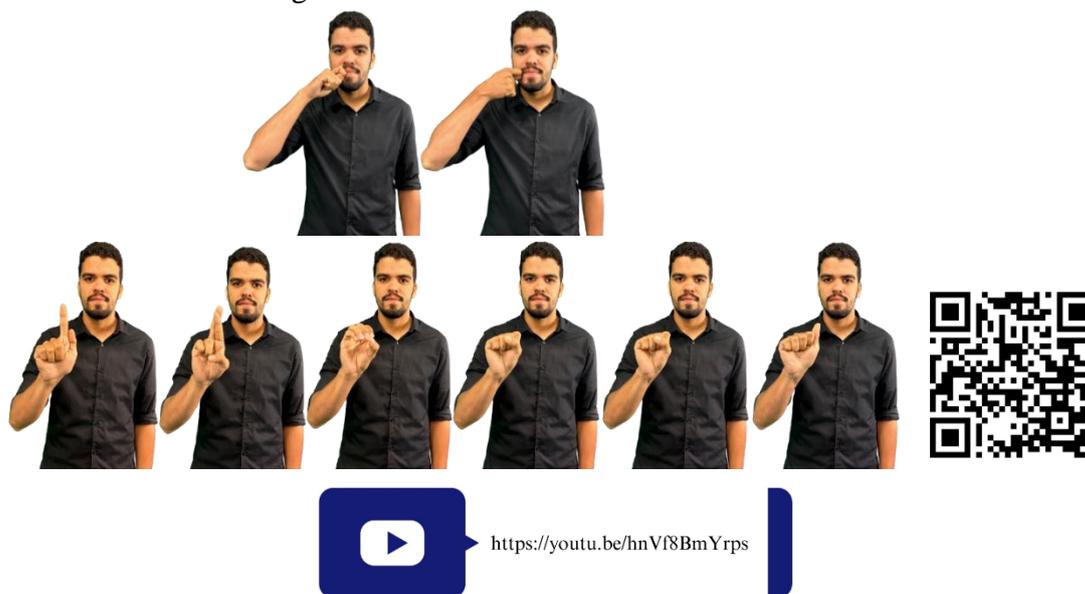
A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item PÃO GROSSA.

Figura 78: Sinal PÃO GROSSA – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 79: Sinal PÃO GROSSA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 80: Sinal PÃO GROSSA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os sinais acima, também, são diferentes um do outro, e alguns sinais combinados com empréstimo linguístico da língua portuguesa, sendo a variante 1 sinalizada como PÃO + S-A-L (soletrada manualmente), a variante 2 sinalizada como PÃO + G-R-O-S-S-A (soletrada manualmente), e a variante 3 sendo produzida com o sinal de PÃO + DURO, marcando a característica da casca grossa/dura do pão. Assim, percebe-se que os sinais da variante 1 e 2 sofre influência da língua portuguesa e sua forma icônica da casca com a variante 3.

## Item 9: PÉ



A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item PÉ.

Figura 81: Sinal PÉ – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 82: Sinal PÉ – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 83: Sinal PÉ – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 84: Sinal PÉ – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 85: Sinal PÉ – Variante 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 86: Sinal PÉ – Variante 6



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 87: Sinal PÉ – Variante 7



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 88: Sinal PÉ – Variante 8



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 89: Sinal PÉ – Variante 9





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 90: Sinal PÉ – Variante 10



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Acima temos diferentes variantes para o mesmo item. O item PÉ, conforme a produção dos informantes, pode ser sinalizado com a soletração, e com diferentes configurações, tornando o item com várias possibilidades de sinalizações, conforme vemos acima.



**Item 10: PEDREIRO**

A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item PEDREIRO.

Figura 91: Sinal PEDREIRO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 92: Sinal PEDREIRO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

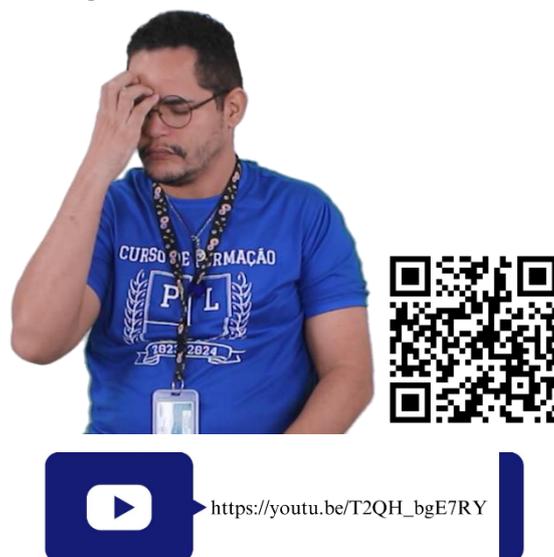
Aqui temos diferentes sinais para o mesmo item PEDREIRO. Aqui a motivação do sinal é referindo-se a construção, fazendo uma alusão direta a construção de muros.

**Item 11: SEIO**



A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item SEIO.

Figura 93: Sinal SEIO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 94: Sinal SEIO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 95: Sinal SEIO – Variante 3



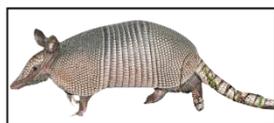
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 96: Sinal SEIO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Aqui temos diferentes possibilidades de produções para o item SEIO. Temos, aqui, portanto, itens mais icônicos, como o caso das variantes 2 e 3, sendo que a variante 1 teve mais uso entre os informantes. Assim, estes sinais são variantes de uma mesma variável.

**Item 12: TATU**

A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item TATU.

Figura 97: Sinal TATU – Variante 1



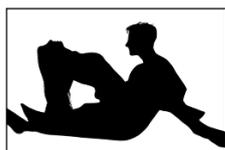
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 98: Sinal TATU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para a variante 1 temos um sinal mais icônico, pois faz alusão direta ao movimento do tatu na terra, enquanto a variante 2 é produzido com a soletração. Assim, são variantes diferentes, com parâmetros distintos, para mesma variável.

**Item 13: SEXO**

A seguir temos as variantes utilizadas para a sinalização do item SEXO.

Figura 99: Sinal SEXO – Variante 1



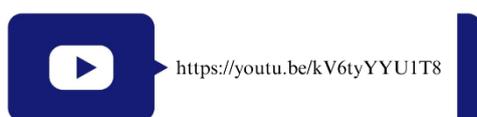
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 100: Sinal SEXO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 101: Sinal SEXO – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 102: Sinal SEXO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 103: Sinal SEXO – Variante 5



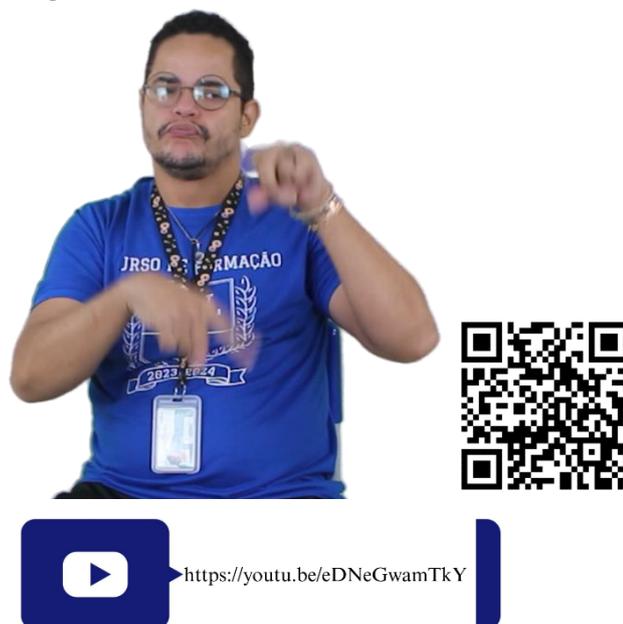
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 104: Sinal SEXO – Variante 6



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 105: Sinal SEXO – Variante 7



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 106: Sinal SEXO – Variante 8



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 107: Sinal SEXO – Variante 9



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima são consideradas variantes lexicais, pois alteram-se por mais de um parâmetro linguístico. A variante 1 é a mesma variante dicionarizada, sendo recorrente no uso pelos informantes.

### 5.1.2 Variação fonológica

Os itens lexicais que sofreram variação a nível fonológico para esta análise são: AMARELO, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO FINA, PÃO GROSSA, PEDREIRO, PRETO, SEIO, SEXO, SUTIÃ e TATU.

Inicialmente faremos a descrição por item, apresentando cada variante acrescido do vídeo de cada sinalização, sua referida reália e, posteriormente, a análise sociolinguística.



#### Item 1: BURITI

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item BURITI.

Figura 108: Sinal BURITI – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 109: Sinal BURITI – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um item sinalizado com a CM 14 , no qual a mão dominante é orientada para trás, com movimento retilíneo para baixo, localizado no espaço neutro à frente da boca, acrescido de expressão facial com arcada dentária batendo os dentes. Esta sinalização tem uma motivação icônica, pois reproduz o modo como a fruta é degustada.

A variante 2 é um item sinalizado com a CM 12 , no qual a mão dominante é orientada para trás, com movimento retilíneo para baixo, localizado no espaço neutro à frente da boca, acrescido de expressão facial com arcada dentária batendo os dentes. Esta sinalização tem uma motivação icônica, pois reproduz o modo como a fruta é degustada.

A diferença, portanto, destas duas variantes é o parâmetro CM. Deste modo, é considerada uma variante de uma mesma variável – nesse caso, a CM. Assim, são duas formas que concorrem com o mesmo valor representacional. Concluimos, portanto, que a variante 1 é a variante padrão pela quantidade de usos pelos informantes, que concorre com a variante 2 que, também, teve uso pelos informantes.

## Item 2: CUPUAÇU



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item CUPUAÇU.

Figura 110: Sinal CUPUAÇU – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 111: Sinal CUPUAÇU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é um sinal realizado com duas mãos, sendo a mão dominante com  CM 26, e a mão não dominante com CM 69 . A mão dominante, atuando como mão ativa, localizado encostando nos dedos da mão não dominante, com movimento retilíneo para frente, orientação contralateral e expressão facial neutra. Já a mão não dominante, atuando como mão passiva, localizada no espaço neutro, com orientação para baixo.

A variante 2, também, é um sinal realizado com duas mãos, sendo a mão dominante com CM 54 , e a mão não dominante com CM 69 . A mão dominante, atuando como mão ativa, localizado encostando nos dedos da mão não dominante, com movimento retilíneo para frente, orientação contralateral e expressão facial neutra. Já a mão não dominante, atuando como mão passiva, localizada no espaço neutro, com orientação para baixo.

Percebe-se, portanto, que estes sinais tem motivação icônica, utilizando-se de um classificador de forma, tido como padrão em ambos os sinais, com a CM 69 , indicando a forma da fruta, e um classificador de instrumento com as CM's 26 e 54 indicando uma tesoura, que é utilizada para tirar a polpa da fruta para consumo. A diferença entre essas variantes é quanto a configuração de mão. Portanto, este sinal é uma

variante de uma mesma variável – a CM, e que se lexicalizou como um sinal na variedade de São Luís.



**Item 3: MARACUJÁ**

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item MARACUJÁ.

Figura 112: Sinal MARACUJÁ – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 113: Sinal MARACUJÁ – Variante 2





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 114: Sinal MARACUJÁ – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 115: Sinal MARACUJÁ – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é sinalizado com a CM 03  , com movimento semicircular da mão, com orientação para trás e expressão facial neutra. Já a variante 2 é produzido com a CM 02  , mantendo os demais parâmetros iguais da variante 1. A variante 3 tem uma alteração apenas na CM, pois é produzida com a CM 01  . E a variante 4 altera-se, também, apenas pelo parâmetro CM, sinalizado com a CM  . Assim, os sinais acima são variantes de uma mesma variável que alteram-se apenas pelo parâmetro CM.

#### Item 4: AMARELO



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item AMARELO.

Figura 116: Sinal AMARELO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 117: Sinal AMARELO – Variante 2

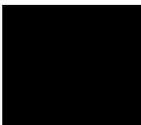


Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é sinalizada com o uso de uma mão com CM 49 , com orientação para o lado, lado do dedo indicador tocando na testa, baixar a mão com movimento retilíneo até o queixo.

Já a variante 2 é sinalizada com o uso de uma mão com CM 53 , com orientação para o lado, lado do dedo indicador tocando na testa, baixar a mão com movimento retilíneo até o queixo.

Dessa forma, a única diferença entre estes sinais é a configuração de mão. Assim, estes sinais são variantes de uma mesma variável.

**Item 5: PRETO** 

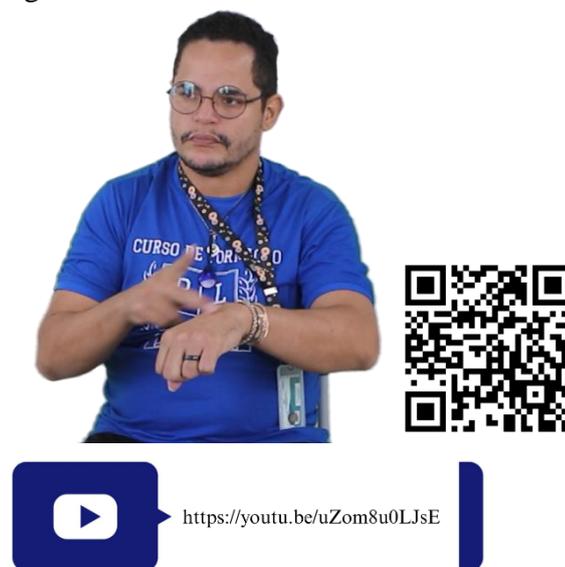
A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item PRETO.

Figura 118: Sinal PRETO – Variante 1



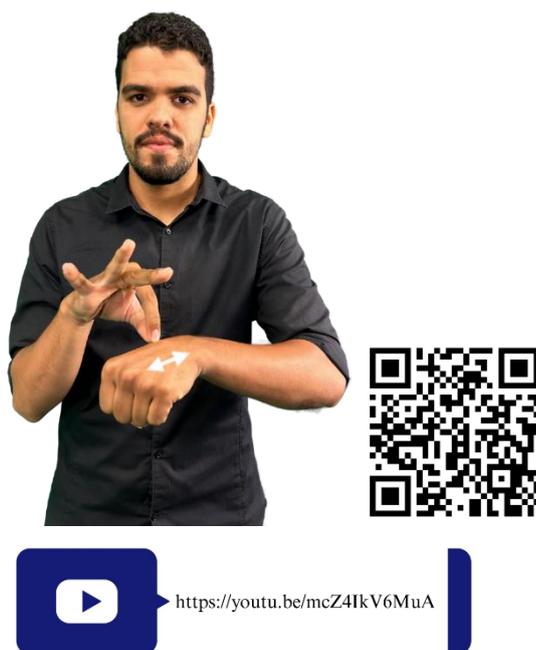
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 119: Sinal PRETO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 120: Sinal PRETO – Variante 3



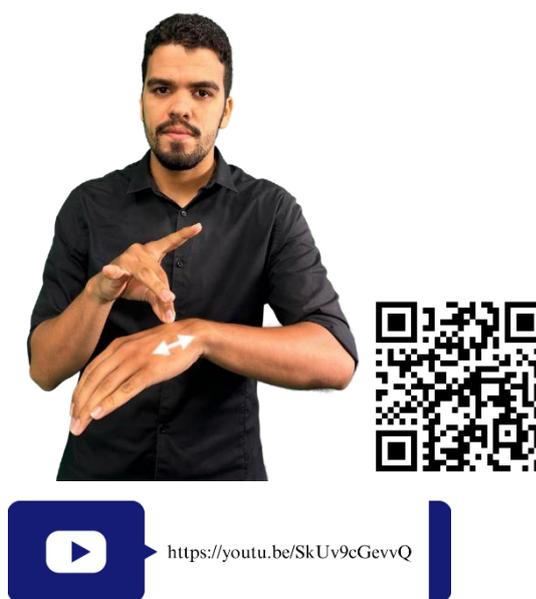
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 121: Sinal PRETO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 122: Sinal PRETO – Variante 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é sinalizada com as duas mãos, sendo a mão base com CM 69 , palma para baixo, apontando para o lado[contralateral]; mão ativa com CM 58 , palma para baixo, tocando o dorso da mão base, movimentando-se retilinearmente para a direita e esquerda.

As demais variantes 2, 3, 4 e 5, só altera a CM, sendo: CM 69  e 55 , CM 69  e 17 , CM 06  e 58  e CM 75  e 58 , respectivamente da mão base e mão ativa, sendo os demais parâmetros iguais da variante 1.

#### Item 6: BEIJU



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item BEIJU.

Figura 123: Sinal BEIJU – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 124: Sinal BEIJU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 125: Sinal BEIJU – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A variante 1 é realizada com as mãos em CM 49 , a variante 2 é realizada com as mãos em CM 21 , e a variante 3 com as mãos em CM 22 , localizadas no espaço neutro à frente do corpo, com orientação para trás, movendo-se circularmente para trás, com expressão facial neutra para todas as produções. Assim, estes sinais diferenciam-se apenas pela configuração de mão.

### Item 7: CAMALEÃO



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item CAMALEÃO.

Figura 126: Sinal CAMALEÃO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 127: Sinal CAMALEÃO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

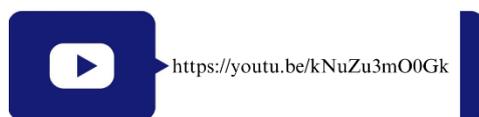
As variantes acima tem motivação icônica, e são variantes fonológicas, pois alteram-se apenas pelo parâmetro CM, sendo variantes de uma mesma variável.

**Item 8: JUÇARA**



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item JUÇARA.

Figura 128: Sinal JUÇARA – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 129: Sinal JUÇARA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 130: Sinal JUÇARA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 131: Sinal JUÇARA – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima alteram-se por apenas um dos parâmetros, sendo pela CM, variante 1 e variante 3, e movimento, variante 2 e variante 3. Todas estas produções tem motivação icônica, ao amassar a fruta e extrair sua polpa para consumo. A produção que teve mais uso recorrente pelos informantes foi a variante 1. Desse modo, as produções cima são variantes de uma mesma variável.

**Item 9: PÃO FINA**

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item PÃO FINA.

Figura 132: Sinal PÃO FINA – Variante 1



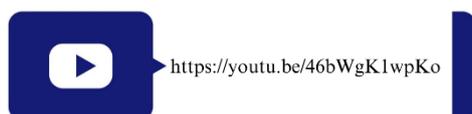
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 133: Sinal PÃO FINA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 134: Sinal PÃO FINA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 135: Sinal PÃO FINA – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima alteram-se pela CM, variantes 1 e 2, pela expressão facial, variante 3, e pelo uso de uma mão, variante 4. Desse modo, são variantes diferentes para a mesma variável e possuem uma carga de motivação icônica, referindo-se a massa do pão, por ser mais maleável.



#### Item 10: PÃO GROSSA

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item PÃO GROSSA.

Figura 136: Sinal PÃO GROSSA – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 137: Sinal PÃO GROSSA – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 138: Sinal PÃO GROSSA – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 139: Sinal PÃO GROSSA – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 140: Sinal PÃO GROSSA – Variante 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima alteram-se por apenas um dos parâmetros constituintes em sua estrutura. As variantes 4 e 5 possuem uma carga de iconicidade, pois refere-se a forma do referente, e as variantes 1, 2 e 3, faz uma alusão direta a característica da casca do pão. A produção que teve mais uso entre os informantes foi a variante 1. Assim, estas produções são variantes de uma mesma variável.

### Item 11: PEDREIRO



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item PEDREIRO.

Figura 141: Sinal PEDREIRO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 142: Sinal PEDREIRO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 143: Sinal PEDREIRO – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 144: Sinal PEDREIRO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 145: Sinal PEDREIRO – Variante 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima são consideradas variantes fonológicas, pois alteram-se por apenas um dos parâmetros constituintes do sinal. Estes sinais possuem uma carga icônica, por fazer uma alusão direta a construção de muro, que é típico de um pedreiro. Portanto, estas produções são variantes de uma mesma variável.



**Item 12: SEIO**

A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item SEIO.

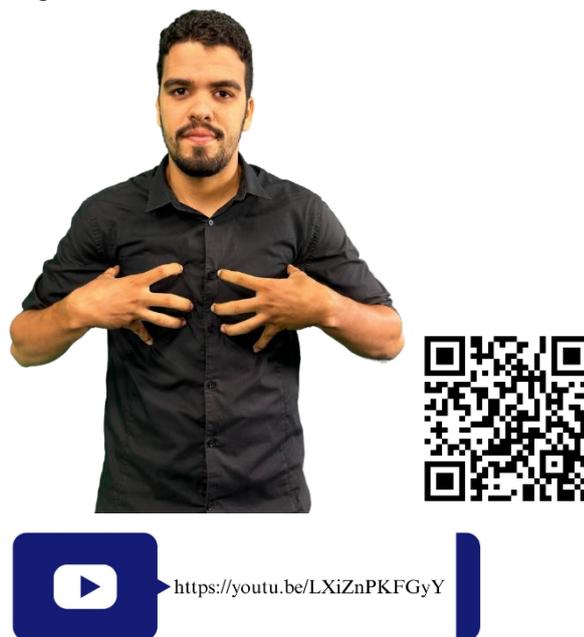
Figura 146: Sinal SEIO – Variante 1





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 147: Sinal SEIO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As produções acima diferenciam-se pelo parâmetro movimento. A variante 1 possui movimento retilíneo para frente, enquanto a variante 2 não possui movimento. Ambos os sinais tem uma forte carga icônica.

**Item 13: SUTIÃ**



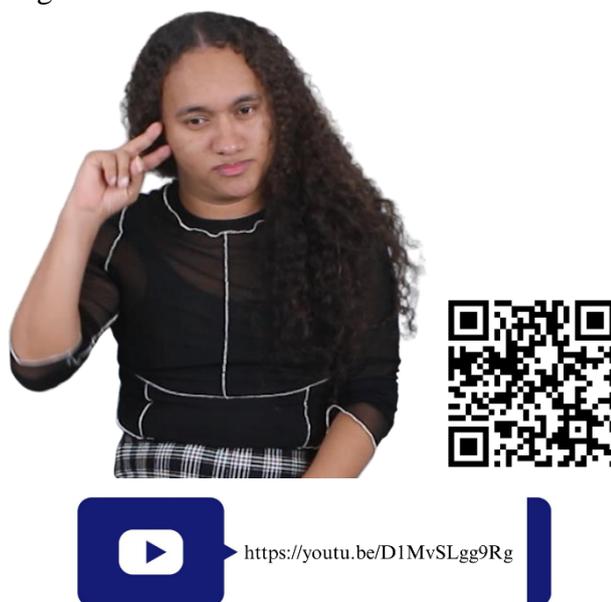
A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item SUTIÃ.

Figura 148: Sinal SUTIÃ – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

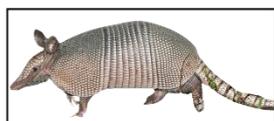
Figura 149: Sinal SUTIÃ – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As produções para o item SUTIÃ diferenciam-se apenas pelo movimento dos dedos. Desse modo, a variante 1 teve mais uso entre os informantes deste estudo.

**Item 14: TATU**



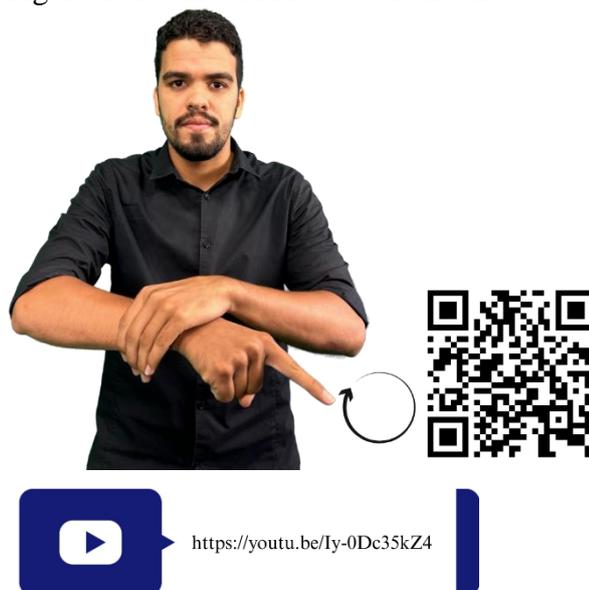
A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item TATU.

Figura 150: Sinal TATU – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 151: Sinal TATU – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 152: Sinal TATU – Variante 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Para o item TATU, as variantes acima alteram-se por um dos parâmetros constituintes dos sinais, e que possuem uma motivação icônica, pois referem-se ao ato do tatu cavar a terra. Estas produções são variantes de uma mesma variável.

**Item 15: SEXO**



A seguir temos as variantes utilizadas para a produção do item SEXO.

Figura 153: Sinal SEXO – Variante 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 154: Sinal SEXO – Variante 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 155: Sinal SEXO – Variante 3



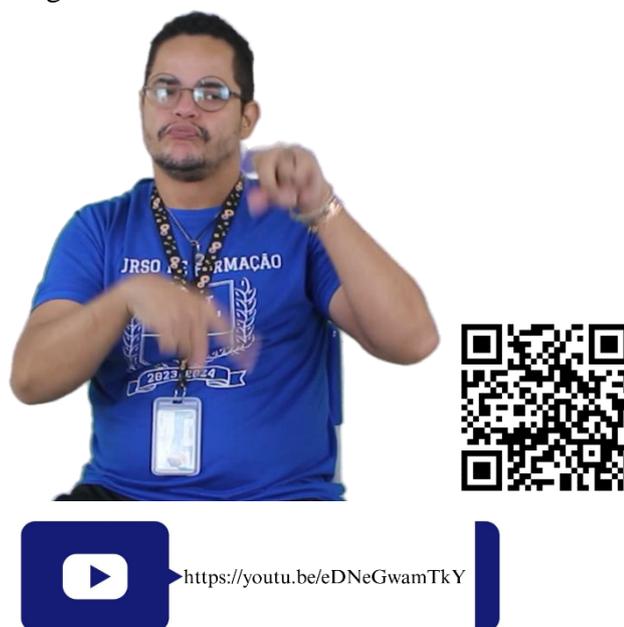
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 156: Sinal SEXO – Variante 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 157: Sinal SEXO – Variante 5



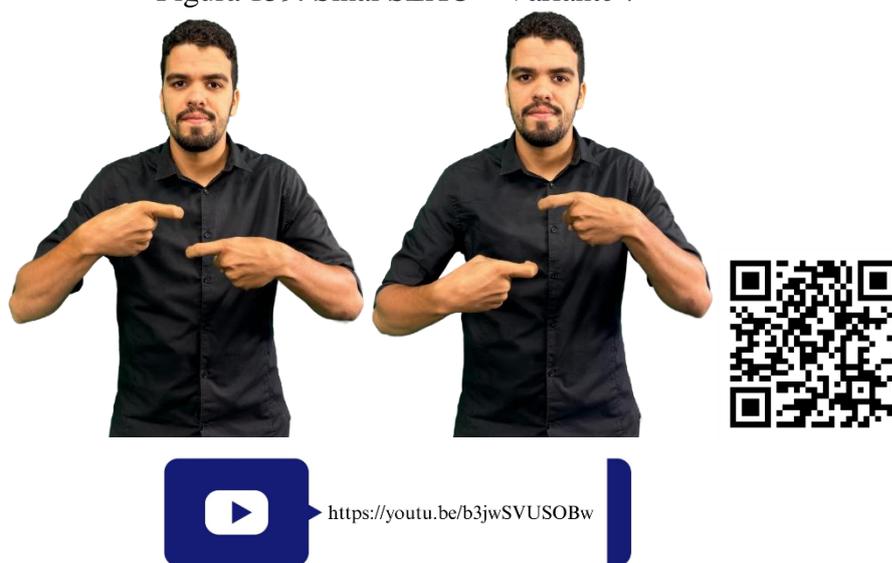
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 158: Sinal SEXO – Variante 6



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 159: Sinal SEXO – Variante 7



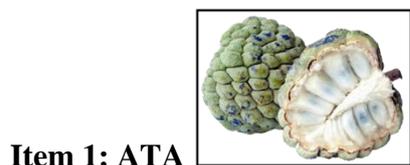
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As variantes acima para o item SEXO alteram-se por apenas um dos parâmetros. Desse modo, são variantes de uma mesma variável.

### 5.1.3 Classificadores

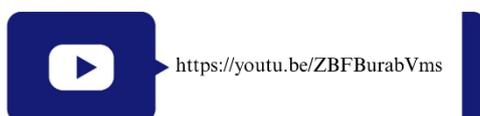
Os itens lexicais que, também, tiveram produções utilizando classificadores são: ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU.

Inicialmente faremos a descrição por item, apresentando cada variante acrescido do vídeo de cada sinalização, sua referida realia e, posteriormente, apenas como complemento, por não ser o foco deste estudo, a análise sociolinguística.



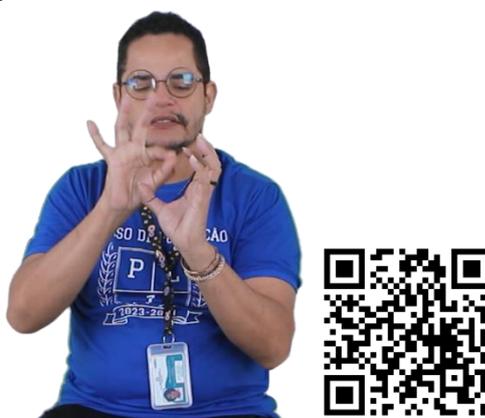
A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item ATA.

Figura 160: ATA – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 161: ATA – Classificador 2





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 162: ATA – Classificador 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 163: ATA – Classificador 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 164: ATA – Classificador 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O classificador 1 apresenta um classificador de forma (Fenlon *et al.*, 2017), possivelmente para gerar uma marcação icônica da forma da fruta, com as mãos simétricas com CM 10 , com movimento para os lados indicando a abertura da fruta e a degustação levando a mesma CM a boca, acrescido da expressão facial de mastigação do alimento.

O classificador 2 apresenta, também, um classificador de forma, com CM 15 , indicando a abertura da fruta, com movimento das mãos para os lados, acrescido da CM 18  indicando a remoção de cada gomo levando a boca, adicionado a expressão facial de degustação da polpa da fruta.

O classificador 3 apresenta inicialmente, também, um classificador de forma, com a CM 12 , de ambas as mãos de forma simétrica, acrescido da CM 38  indicando os gomos da fruta até a boca, com movimento retilíneo da forma da fruta no espaço neutro até a boca.

O classificador 4 apresenta inicialmente, também, um classificador de forma, com a CM 15 , de ambas as mãos de forma simétrica, com movimento semicircular para os lados, acrescido da CM 38  indicando os gomos da fruta até a boca, com movimento retilíneo da forma da fruta no espaço neutro até a boca e, posteriormente, com

a mesma CM 38 , após a mastigação, movimento semicircular para baixo indicando a ação de jogar o caroço da fruta fora.

Por fim, o classificador 5, apresenta um classificador de forma, com a CM 15 , de ambas as mãos de forma simétrica, com movimento semicircular para os lados, acrescido da expressão facial indicando a mordida na fruta e, posteriormente, o descarte do caroço com a boca.



## Item 2: COCO BABAÇU

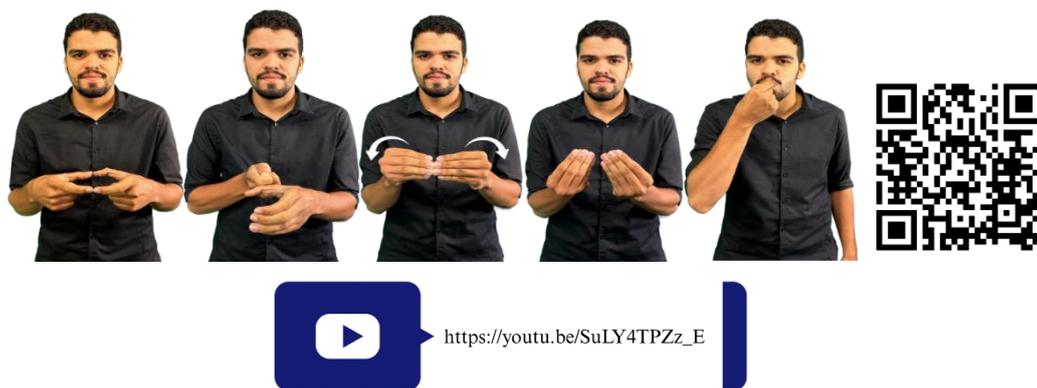
A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item COCO BABAÇU.

Figura 165: COCO BABAÇU – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 166: COCO BABAÇU – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 167: COCO BABAÇU – Classificador 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 168: COCO BABAÇU – Classificador 4





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 169: COCO BABAÇU – Classificador 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 170: COCO BABAÇU – Classificador 6



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 171: COCO BABAÇU – Classificador 7



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 172: COCO BABAÇU – Classificador 8



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 173: COCO BABAÇU – Classificador 9



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 174: COCO BABAÇU – Classificador 10



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O classificador 1 apresenta dois momentos. O primeiro momento o informante utiliza um classificador de forma e instrumento. Com a mão não dominante, CM 15  representando a forma da fruta, e com a mão dominante, CM 46 , indicando o uso de algum objeto perfurante para abrir a casca da fruta. No segundo momento, com a CM 15  em ambas as mãos, distancia-se uma da outra em movimento simétrico semicircular para os lados, evidenciando assim a abertura da fruta.

O classificador 2 apresenta quatro momentos. O primeiro momento é um classificador realizado com as duas mãos simétricas, com CM 43 , e contato pelos dedos indicador e polegar. No segundo momento é realizado com a mão dominante com CM 12 , e com a mão não dominante a CM 46  configurando um instrumento de perfuração movimentando-se de forma retilínea a CM 12 da mão não dominante, acrescido do movimento semicircular, com as mãos simétricas, em CM 10 ,

finalizando a sinalização com a CM 38  levando até a boca com expressão facial de sucção da polpa da fruta.

O classificador 3 é realizado com as duas mãos. A mão não dominante com CM 45 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação contralateral, enquanto a mão dominante com CM 46 , localizado com a lateral do dedo indicador encostando na lateral do dedo polegar da mão não dominante, com orientação contralateral, e expressão facial neutra.

O classificador 4 é realizado com apenas uma das mãos. A mão dominante com CM 46 , localizado na lateral da boca, com orientação contralateral para o lado, sem movimento da mãos, com expressão facial de arcada dentária batendo os dentes.

O classificador 5 é produzido com a utilização das duas mãos. A duas mãos funcionando como mãos base, no primeiro momento do sinal, com CM 43 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação uma de frente para a outra, sem movimento. O segundo momento do sinal é realizado com a mão dominante, CM 46 , localizado com a lateral do dedo indicador encostando na lateral do dedo polegar da mão não dominante, com orientação contralateral, e expressão facial neutra.

O classificador 6 é, também, um classificador de forma, utilizando a CM 12  na mão base, no espaço neutro à frente do corpo, enquanto a CM 46  se desloca em movimento retilíneo até tocar a lateral do dedo polegar da mão base.

O classificador 7 inicia-se com um classificador de forma, com a CM 43 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação para o lado. O segundo momento do sinal é realizado com duas mãos. Uma mão com a CM 45 , no espaço neutro à frente do corpo, enquanto a mão ativa com CM 67 , tocando a lateral do dedo indicador da mão base, em movimentos semicirculares para baixo, indicando tirar a casca do coco para ser consumido.

O classificador 8 é de instrumento e forma. O primeiro momento do sinal é realizado com as duas mãos com CM 02 , em que a mão base fica no espaço neutro à frente do corpo, com orientação para cima, sem movimento, enquanto a mão ativa, movimenta-se retilinearmente para baixo, duas vezes, com orientação para o lado. Esta primeira parte do sinal indica um instrumento, podendo ser o machado, bem comum para quebrar o coco babaçu. A segunda parte do sinal é um classificador de forma, com ambas as mãos com CM 76 , no espaço neutro à frente do corpo, tocando-se pelas pontas dos dedos e pulso, realizado um movimento semicircular para frente, com orientação palma a palma, indicando a forma do coco babaçu.

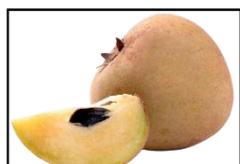
O classificador 9 também é um classificador de instrumento, com a utilização de duas mãos. A mão base com CM 02 , no espaço neutro à frente do corpo, com orientação para cima. A mão ativa com CM 03 , com orientação para o lado, com movimento retilíneo para baixo, duas vezes, e ao tocar na mão base, realizar um movimento semicircular com a mão tocando na mão base. Isso significa o corte do coco babaçu e o movimento de tirar a casca.

O classificador 10 teve o maior número de usos pelos informantes. Esta produção é sinalizada com as duas mãos. A mão não dominante, passiva no sinal, é um classificador de forma, realizado com a CM 12 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação contralateral, enquanto a mão dominante, ativa no sinal, é um classificador de instrumento, realizado com a CM 02 , localizado com a lateral do dedo mínimo encostando nas laterais do dedo indicador e médio da mão não dominante, com orientação contralateral, e expressão facial neutra.

E, por fim, o classificador 11 é uma variante fonológica do classificador 10. Esta produção é sinalizada com as duas mãos. A mão não dominante, passiva no sinal, é um classificador de forma, realizado com a CM 73 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação contralateral, enquanto a mão dominante, ativa no sinal, é um classificador de instrumento, realizado com a CM 02 , localizado com a lateral do

dedo mínimo encostando nas laterais do dedo indicador e médio da mão não dominante, com orientação contralateral, e expressão facial neutra.

Percebe-se, portanto, que as sinalizações para o item BABAÇU não se tem um sinal, nem mesmo no dicionário Capovilla *et al.* (2017), do classificador 11 foi a produção que mais se repetiu entre os informantes surdos, mostrando assim que, esta sinalização surgiu de um classificador de forma e instrumento, e pode ter se tornado um sinal lexicalizado, justificando assim as repetições nas sinalizações com informantes de diferentes faixas etárias.



**Item 3: SAPOTI**

A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item SAPOTI.

Figura 175: SAPOTI – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 176: SAPOTI – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 177: SAPOTI – Classificador 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

A sinalização do classificador 1 é composto por dois momentos. O primeiro momento é realizado com a mão não dominante em CM 02  com a palma voltada para cima, enquanto a mão dominante em CM 76  desliza a mão base com o dorso da mão. No segundo momento temos a sinalização da mão dominante com CM 58  com movimento de tocar o polegar e médio, evidenciando assim que a fruta é consistente em sua textura, acrescido de uma expressão facial batendo a língua entre os lábios.

O classificador 2 é composto, também, por dois momentos. O primeiro momento é realizado com ambas as mãos em CM 76  movendo-se semicircularmente gerando o formato da fruta, acrescido, no segundo momento, a sinalização da mão dominante com CM 58  com movimento de tocar o polegar e médio, evidenciando assim que a fruta é consistente em sua textura, sem expressão facial e/ou corporal.

Por fim, o classificador 3 é formado pela sinalização da mão dominante com CM 58 , batendo inicialmente, no meio do queixo e, logo após, com movimento de tocar o polegar e médio, evidenciando assim que a fruta é consistente em sua textura, com expressão facial de tocar os lábios várias vezes.

Portanto, a sinalização do item SAPOTI não tem um sinal lexicalizado ainda, de modo que as produções encontradas não são uniformes entre os usuários, mas mostra evidências de padronização pelo uso da mesma CM e pelos traços icônicos fazendo alusão direta ao referente.



**Item 4: BURITI**

A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item BURITI.

Figura 178: BURITI – Classificador 1





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 179: BURITI – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 180: BURITI – Classificador 3



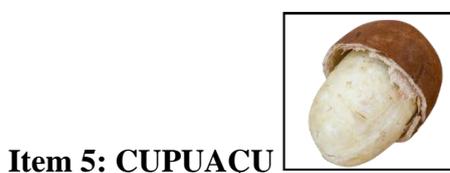
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O classificador 1 é sinalizado com a CM 42  localizado no espaço neutro à frente do corpo, sem movimento, com orientação contralateral para o lado, sem expressão facial. Esta sinalização tem relação com a forma do item, tendo uma motivação icônica.

O classificador 2 é produzido com ambas as mãos. A mão dominante com CM 48 , e a mão não dominante com CM 17 . A mão não dominante localizada no espaço neutro à frente do corpo com orientação contralateral, e a mão dominante em movimento circular, batendo na CM 48, simulando a casca da fruta.

Por fim, no classificador 3 temos a mão não dominante com CM 02  e a mão dominante com CM 76  deslizando a mão não dominante com o dorso da mão. Este classificador, portanto, representa a ação de raspar a polpa da fruta da casca. Este movimento realizado com a mão dominante com a CM 76  representa uma colher. Posteriormente, o informante realizou o sinal da cor laranja, com CM 69 , à frente da boca com movimento retilíneo e orientação contralateral, representando a cor da polpa da fruta ao tirar a casca.

É notável que os classificadores utilizados tem uma forte motivação icônica, pela forma do item, ou pela característica da fruta. Assim, são possibilidades de sinalização, caso o informante desconheça o sinal, visto que há formas que concorrem com o mesmo valor de verdade, com as variantes fonológicas 1 e 2 do item BURITI.



A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item CUPUAÇU.

Figura 181: CUPUAÇU – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 182: CUPUAÇU – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O classificador 1 é produzido com duas mãos simétricas com CM 13 , localizadas no espaço neutro, uma de frente para outra, com orientação contralateral, sem movimento, com expressão facial neutra. Esta sinalização é um classificador de forma.

O classificador 2 é realizado em quatro momentos. O primeiro momento é no uso de um classificador de forma, com as mãos de forma simétrica com CM 12 , com movimento retilíneo para baixo, localizado no espaço neutro à frente do corpo, com orientação das mãos uma de frente para outra, com expressão facial neutra. O segundo

momento é o acréscimo de um classificador de instrumento, com CM 02 , mantendo uma mão passiva com CM 12  e a mão ativa com orientação contralateral, movimentando-se retilinearmente para baixo, tocando na mão passiva. O terceiro momento é o afastamento das mãos para ao lados, com CM 12 , representando a abertura da fruta após o corte. E, por fim, o quatro momento é o consumo da fruta, utilizando um classificador de forma, com CM 08 , levando até a boca com expressão facial de mastigação da fruta.

### Item 6: MARACUJÁ



A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item MARACUJÁ.

Figura 183: MARACUJÁ – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 184: MARACUJÁ – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

O classificador 1 é realizado em dois momentos. O primeiro momento é realizado com duas mãos com CM 43 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, tocando-se pela lateral dos dedos indicadores, sem movimento, com orientações contralaterais e expressão facial neutra. O segundo momento é realizado o sinal AMARELO, produzido com a CM 49 , localizado na testa, com movimento retilíneo para baixo até o queixo, com orientação contralateral e expressão facial neutra. Esta sinalização é um classificador de forma, possuindo uma referência icônica a visualidade do sinal na sua forma e na sua cor.

Já o classificador 2 é realizado com as duas mãos, sendo uma ativa e uma passiva. A mão passiva com CM 45 , localizado no espaço neutro à frente do corpo, sem movimento e com orientação para baixo. A mão ativa com CM 39 , localizado em cima do dorso da mão passiva, com movimento retilíneos para baixo, com orientação para baixo. Este classificador é um classificador de forma, fazendo alusão a fruta, e um classificador descritivo em referência as sementes da fruta.

**Item 7: BEIJU**

A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item BEIJU.

Figura 185: BEIJU – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 186: BEIJU – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os classificadores 1 e 2 são descritivos, pois incorporam a cor, forma e ação do item. O classificador 1 incorpora a ação de amassar a borda do beiju, seguido da ação de “enrolar” o beiju para ser consumido. Já o classificador 2, incorpora a cor, a ação de amassar a massa e espalhar a massa no recipiente para ser preparado. Dessa forma, ambos os classificadores são diferentes que descrevem as ações e características do item, conforme podemos ver acessando os vídeos acima.

### Item 8: CAMALEÃO



A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item CAMALEÃO.

Figura 187: CAMALEÃO – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 188: CAMALEÃO – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

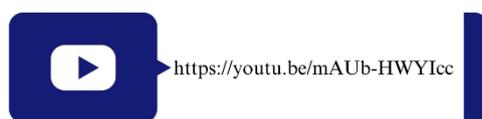
Figura 189: CAMALEÃO – Classificador 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 190: CAMALEÃO - Classificador 4





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 191: CAMALEÃO – Classificador 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os classificadores utilizados pelos informantes para o item CAMALEÃO, trazem à tona as características do animal, como a forma das patas, a língua, etc. Assim, percebemos uma forte iconicidade nestas produções, além de percebermos um conhecimento profundo dos informantes, ao produzirem diversas possibilidades de referências ao item em questão. Assim, os classificadores também podem ser uma alternativa de sinalização deste item.



A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item JUÇARA.

Figura 192: JUÇARA – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

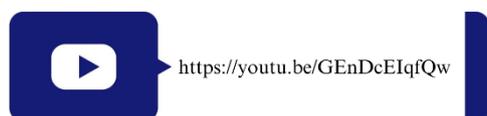
Na variante acima para o item JUÇARA, o informante produziu o ato de tirar do cacho os frutos da juçara que são redondos. Assim, é uma descrição deste momento inicial após colheita de retirar as frutas e, posteriormente, extrair a polpa para consumo. Desse modo, esta produção é icônica, com classificadores de formas e instrumentos.



#### Item 10: PÃO GROSSA

A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item PÃO GROSSA.

Figura 193: PÃO GROSSA – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 194: PÃO GROSSA – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As produções para este item são classificadores de forma, e com motivação icônicas, referindo-se a casca do pão, e do formato. Os classificadores, portanto, podem ser produzidos pelos informantes conforme características, formas, detalhes etc, como percebe-se nestas sinalizações.



**Item 11: PÉ**

A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item PÉ.

Figura 195: PÉ – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

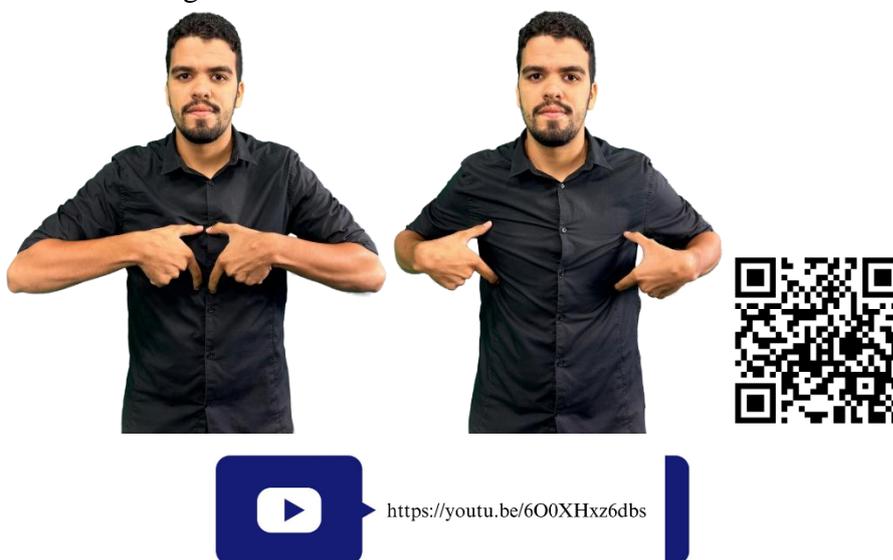
Esta variante faz uma alusão direta ao item, utilizando-se de um classificador de forma, no qual é caracterizado pela perna, mais acima, e o pé, mais em baixo, sendo uma produção icônica.

Item 12: SUTIÃ



A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item SUTIÃ.

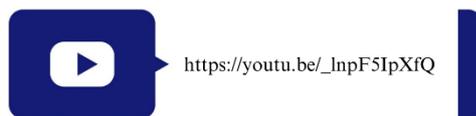
Figura 196: SUTIÃ – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 197: SUTIÃ – Classificador 2





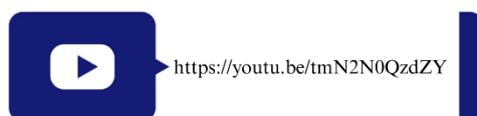
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 198: SUTIÃ – Classificador 3



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

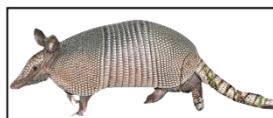
Figura 199: SUTIÃ – Classificador 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

As sinalizações para este item, também, são icônicas, referindo-se a formas do item lexical, como vemos acima.

**Item 13: TATU**



A seguir temos os classificadores utilizados pelos informantes para o item TATU.

Figura 200: TATU – Classificador 1



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 201: TATU – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os classificadores para o item TATU, conforme acima, são icônicos, fazendo referência ao movimento e forma do tatu.

**Item 14: SEXO**



A seguir temos as sinalizações na forma de classificadores para o item SEXO.

Figura 202: SEXO – Classificador 1



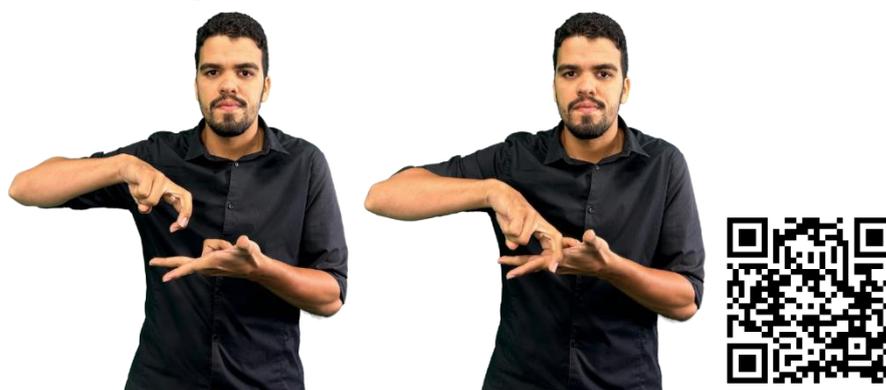
Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 203: SEXO – Classificador 2



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 204: SEXO – Classificador 3





Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 205: SEXO – Classificador 4



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Figura 206: SEXO – Classificador 5



Fonte: acervo pessoal do pesquisador

Os classificadores acima tem uma forte carga icônica, pois os sinais fazem alusão as posições da relação sexual, com classificadores descritivos e de forma. Assim, percebe-se que os classificadores são alternativas para sinalizar este item.

## **5.2 Análise sociolinguística**

Esta análise será dividida em três partes. A primeira parte teceremos considerações sobre a aquisição de Libras e de uso dos informantes da pesquisa, pois essas informações sociais dos informantes nos ajudarão a compreender as variáveis analisadas neste estudo. Na segunda parte da análise apresentaremos as variantes encontradas no dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), estabelecendo relações com as variantes encontradas na variedade da grande ilha de São Luís. Na terceira, e última parte, traremos resultados das variáveis faixa etária, escolaridade e sexo dos informantes da pesquisa.

### **5.2.1 Considerações sobre aquisição e uso linguístico dos informantes**

Os 16 informantes que participaram da pesquisa são filhos de pais ouvintes. Esta informação é importante, pois a entrevista de vida de cada um deles nos mostraram que a maioria das famílias dos informantes desconhecem a Libras e que a forma de comunicação utilizada no cotidiano é por meio de gestos, mímicas ou de forma escrita. Isso nos mostra, portanto, que a responsabilidade da família saber se comunicar por meio da Libras não está sendo cumprido.

Das 16 entrevistas realizadas, apenas duas responderam que a família se comunica em Libras. Porém, apenas alguns familiares. Um dos entrevistados afirmou que só a irmã conhece Libras, e o outro afirmou que apenas a mãe e a irmã conhecem a língua. Assim, os 16 entrevistados afirmaram que aprenderam Libras nas escolas por causa do contato com alunos e/ou professores surdos.

Dentre os informantes, 8 surdos entrevistados afirmaram que estudaram em classe especial e depois estudaram em sala regular inclusiva, e outros 8 afirmaram que não estudaram em classe especial, mas apenas em salas regulares inclusivas com a presença de intérpretes. Alguns desses, que não estudaram em classes especiais, iniciaram a estudar em salas regulares apenas oralizando com professores e alunos e, tempo depois, que começaram a serem acompanhados com intérprete de Libras. Estes, portanto, em casa se comunicavam apenas de forma oralizada.

Como sabemos, a teoria da variação linguística leva em consideração que a língua utilizada por um cidadão é determinada até os 15 anos de idade, Por isso a aquisição da língua é importante para entendermos a variação que ocorre na sinalização.

Assim, a instituição, a faixa etária e o contexto social do indivíduo de aquisição da língua influencia na utilização de variantes diversas, mesmo que indivíduos tenham faixa etária iguais.

### **5.2.2 Considerações sobre a comunidade de prática surda analisada**

Todos os informantes entrevistados residem na ilha de São Luís há mais de 15 anos e, a grande maioria, nasceu onde reside, o que nos indica que o uso linguístico identifica a localidade, mesmo que exista variações entre os bairros.

Dos 16 entrevistados, 9 são estudantes do curso de língua portuguesa para surdos do próprio CAS, que já concluíram o ensino médio, sendo 1 deste auxiliar de serviços gerais. Outros 2 informantes são estudantes de graduação. 5 entrevistados são professores de Libras, trabalhando dando aulas para surdos e ouvintes, que possuem ensino superior completo, sendo 3 destes professores de Libras do CAS, e 2 são professores de Libras de uma rede municipal vizinha. Todos os informantes são fluentes em Libras.

O CAS é, portanto, um local de encontro, interações e trocas de experiências entre pessoas surdas, assim como afirma os informantes deste estudo ao ser indagado sobre o vínculo e frequência ao CAS:

- “Aqui no CAS é onde interação e troca de vivências”;
- “As conversas sinalizadas fazem parte da nossa identidade e é muito gostoso viver isso”.

O encontro de surdos de várias idades no CAS, tempo de sala de aula regular ou classe especial, influência de oralização no uso de datilologias, ou uso de sinais pelos professores, etc, são variáveis que podem ter tido influência nas produções sinalizadas dos informantes da amostra deste estudo.

Portanto, o que pretende-se com este estudo é elaborar uma representação de sinais em Libras utilizados no cotidiano por surdos da ilha de São Luís, de modo a considerar que o dicionário nacionalmente conhecido não registra variantes usadas no Maranhão, por exemplo. Assim, nesta amostra com sujeitos residentes de São Luís, filhos de pais ouvintes, fluentes em Libras, com escolaridade e faixa etária diferentes nos fazem ter uma representação da variedade utilizada pelos surdos da pesquisa e se estas produções sinalizadas são diferentes dos registros encontrados no dicionário nacionalmente denominado.

### 5.2.3 Variantes dicionarizadas e mais recorrentes dos itens coletados

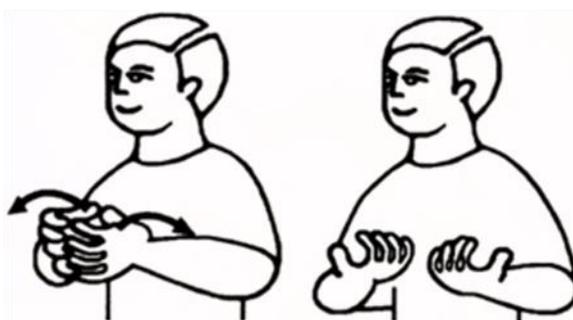
A escolha do dicionário de Libras utilizado como referência deste estudo é o dicionário de Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (Capovilla; Raphael; Temoteo; Martins, 2017), escolhido por ser um dicionário a nível nacional de registro da Libras. Assim, os sinais que possuem registro no dicionário são: AMARELO, ATA, BEIJU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÉ, PEDREIRO, PRETO, SEIO, SEXO, SUTIÃ e TATU. Para os sinais que não possuem registro no dicionário, que é o caso de BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, PÃO FINA e PÃO GROSSA, considerou-se a variante que teve mais recorrência de uso pelos informantes. Cabe ressaltar que o item SAPOTI, teve a produção de três variantes diferentes, com um uso cada. Desse modo, o item SAPOTI não consideramos nenhuma variante com mais recorrência.

Assim, logo abaixo teremos os registros dos sinais referentes aos itens escolhidos, consideradas como variante de dicionário, ou variante padrão para este estudo, e as variantes recorrentes, que não tem registro no dicionário utilizado, mas utilizado pelos informantes.

#### 5.2.3.1 Variantes dicionarizadas

Segue abaixo os sinais considerados como variantes dicionarizadas dos itens lexicais do corpus deste estudo.

Figura 207: Sinal ATA, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



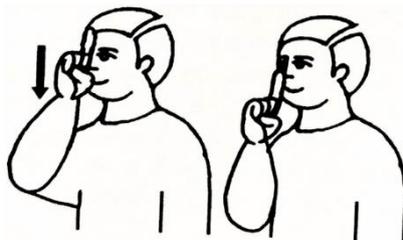
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1356)

Figura 208: Item MARACUJÁ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1770)

Figura 209: Sinal AMARELO, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 178)

Figura 210: Sinal PRETO, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



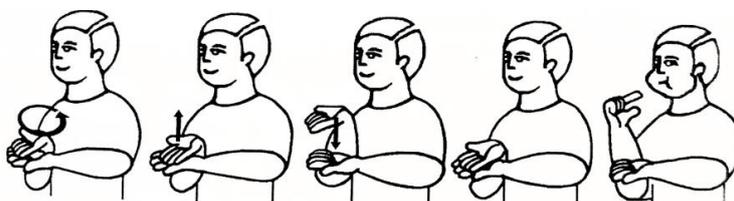
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2300)

Figura 211: Sinal CUPUAÇU, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



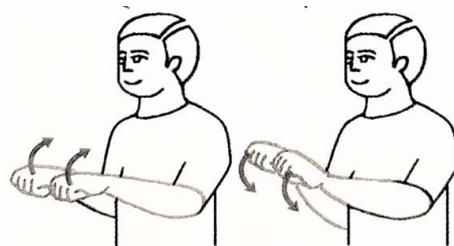
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 839)

Figura 212: Sinal BEIJU, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



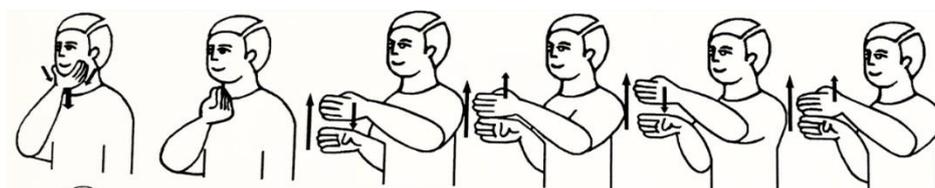
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 399)

Figura 213: Sinal JUÇARA, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



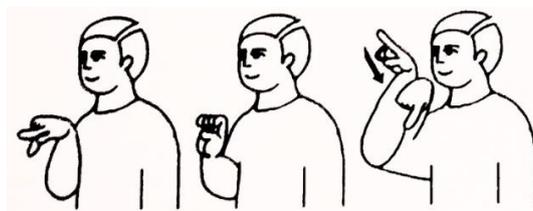
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 1610)

Figura 214: Sinal PEDREIRO, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



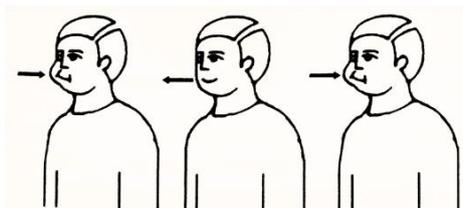
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2135)

Figura 215: Sinal PÉ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



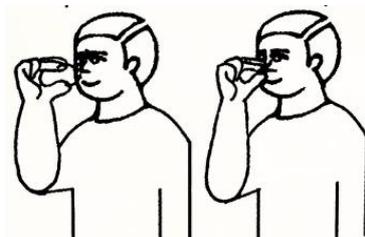
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2127)

Figura 216: Sinal SEXO, usado no CE e PB, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



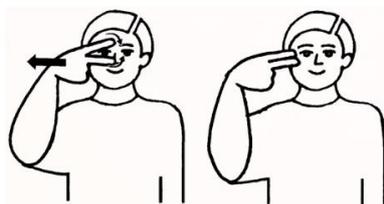
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2577)

Figura 217: Sinal SEIO, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



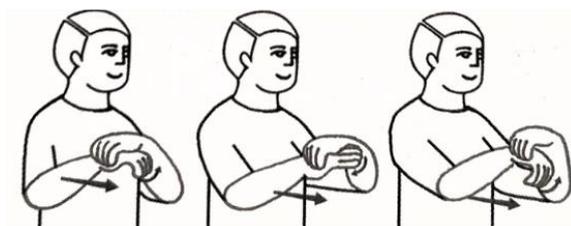
Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2553)

Figura 218: Sinal SUTIÃ, usado no CE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2649)

Figura 219: Sinal TATU, usado no PE, escolhido por ser da região nordeste, mais próximo de São Luís, conforme dicionário Capovilla *et al.* (2017)



Fonte: Capovilla *et al.* (2017, p. 2666)

### 5.2.3.2 Variantes recorrentes

Segue abaixo os sinais que foram mais recorrentes, utilizados pelos informantes deste estudo, que não possuem registro no dicionário de referência desta pesquisa.

Figura 220: Sinal COCO BABAÇU, conforme informantes da pesquisa



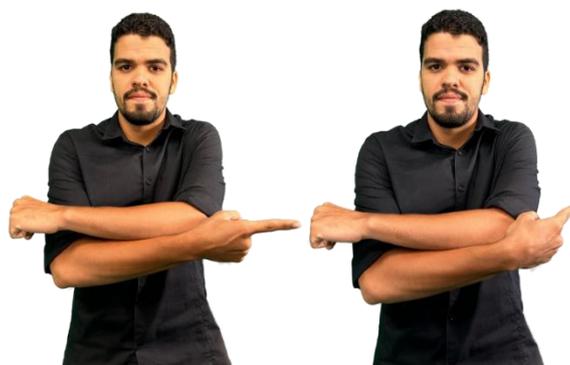
Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 221: Sinal BURITI, conforme informantes da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 222: Sinal CAMALEÃO, conforme informantes da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 223: Sinal PÃO FINA, conforme informantes da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 224: Sinal PÃO GROSSA, conforme informantes da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor

Desse modo, selecionamos então as variantes padrão de cada item, conforme o dicionário, para aqueles que tem registro, e para os sinais que não possuem registro no dicionário, demos destaque a forma mais recorrente utilizada pelos informantes. Segue abaixo cada variante escolhida como referência, seja no dicionário ou a mais recorrente entre os informantes, correspondente a cada item, separada por nível de análise e a variante que há correspondência.

Tabela 2: Variantes padrão

**Variante padrão lexical**

ITEM	VARIANTE PADRÃO
ATA	Variante 1
BURITI	Variante 1
MARACUJÁ	Variante 4
CUPUAÇU	Variante 1
BEIJU	Sem correspondência

CAMALEÃO	Variante 4
JUÇARA	Variante 3
PÃO GROSSA	Variante 3
PÉ	Variante 9
PEDREIRO	Sem correspondência
SEIO	Sem correspondência
TATU	Sem correspondência
SEXO	Variante 1

#### Variante padrão fonológica

ITEM	VARIANTE PADRÃO
BURITI	Variante 1
CUPUAÇU	Variante 1
MARACUJÁ	Variante 1
AMARELO	Variante 1
PRETO	Variante 3
BEIJU	Sem correspondência
CAMALEÃO	Sem correspondência
JUÇARA	Variante 1
PÃO FINA	Variante 1
PÃO GROSSA	Variante 1
PEDREIRO	Sem correspondência
SEIO	Sem correspondência
SUTIÃ	Sem correspondência
TATU	Sem correspondência
SEXO	Sem correspondência

#### Classificadores

ITEM	VARIANTE MAIS RECORRENTE
COCO BABAÇU	Variante 10
SAPOTI	Sem correspondência

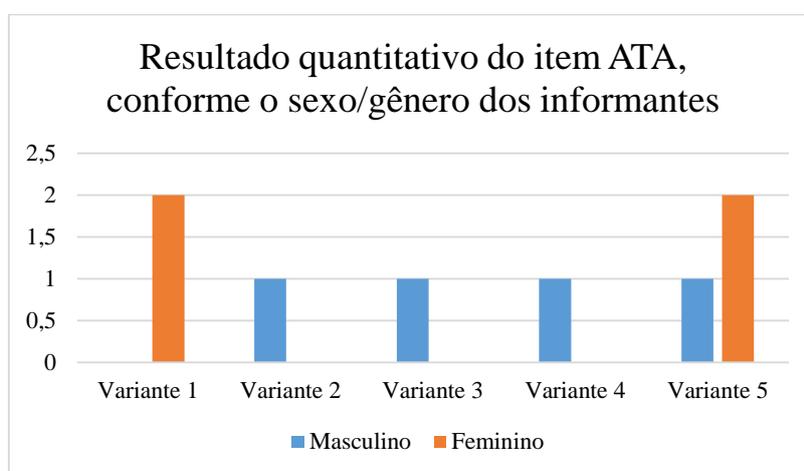
Fonte: Elaborada pelo autor

## 5.2.4 Resultados para a variável Sexo/gênero

A análise desta variável é composta por 50% de informantes do sexo feminino e 50% das informantes do sexo masculino. Desse modo, para cada referente, terá um gráfico para melhor visualização dos resultados.

### 5.2.4.1 Gráficos para variação lexical

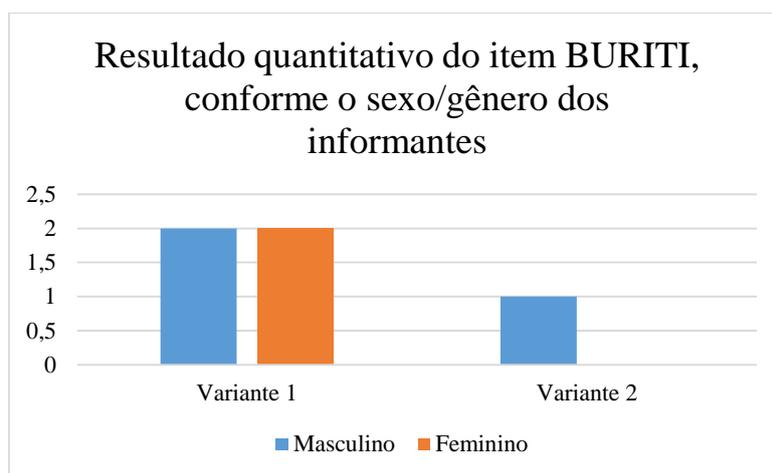
Gráfico 1: Resultado quantitativo do item ATA, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Podemos concluir a partir deste gráfico é que os homens produziram mais variantes do que as mulheres, 4 das 5 variantes. Desse modo, a variante 1, padrão dicionarizada, também é utilizada na variedade de São Luís, do mesmo modo que a variante 5, tida como empréstimo linguístico e podem estar concorrendo entre si, com o mesmo valor de verdade.

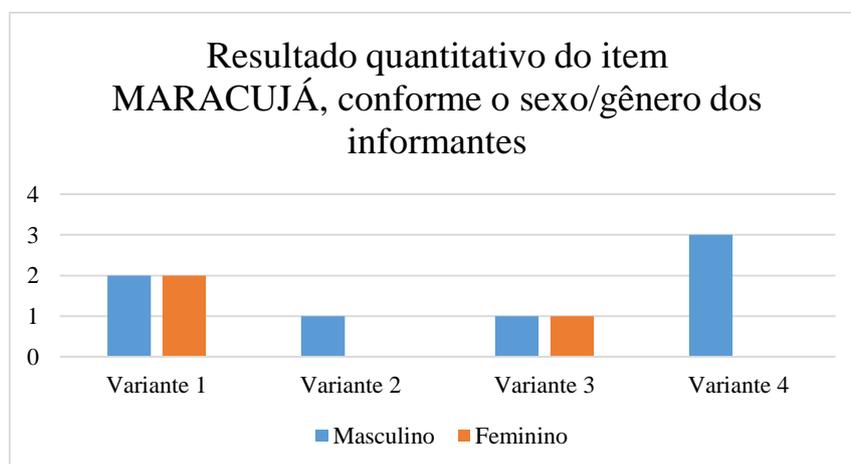
Gráfico 2: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

No item BURITI, a concentração maior está na variante 1 conforme uso de ambos os sexos. O grupo de homens produziu duas variantes, enquanto o grupo de mulheres produziu uma variante. Não há como afirmar, portanto, que um grupo de homens produzem mais uma dada variante, ou vice-versa. Entretanto, os homens produziram uma variante a mais do que as mulheres.

Gráfico 3: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme o sexo/gênero dos informantes

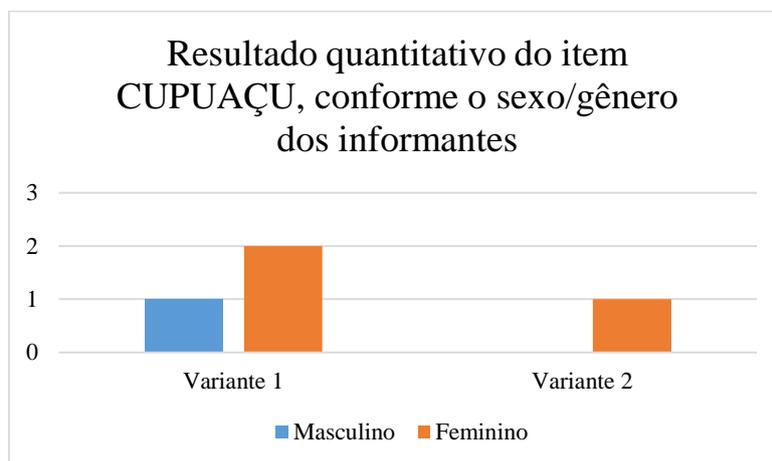


Fonte: Elaborado pelo autor

Neste item MARACUJÁ, a variante padrão encontrada no dicionário é diferente da variante padrão encontrada na variedade de São Luís. Percebe-se, portanto, que a variante 1 teve mais uso pelos informantes por ambos os grupos, totalizando 4 usos. Em contrapartida, a variante 4, variante padrão de dicionário, foi mais utilizada pelos homens.

Assim, percebe-se que somente os homens utilizaram a variante de prestígio, dicionarizada, e produziram mais variantes do que as mulheres, comprovando que, neste item, as mulheres foram mais conversadoras, e os homens mais inovadores.

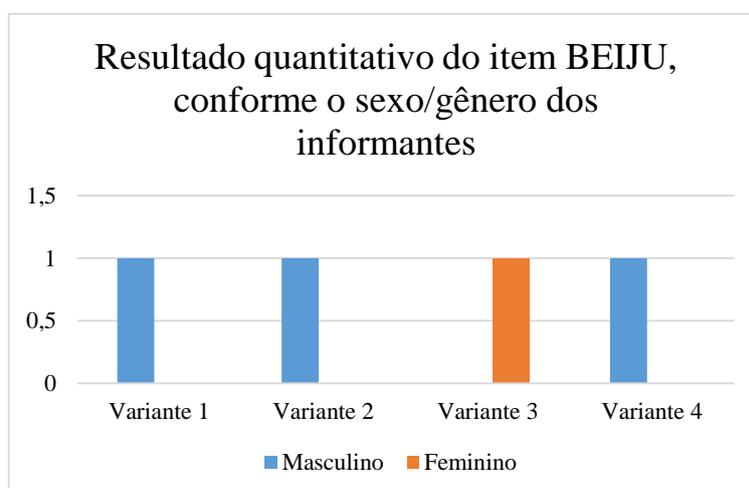
Gráfico 4: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se, por este resultado, que as mulheres foram mais inovadoras do que os homens, pois produziram duas variantes, enquanto os homens produziram apenas uma variante. Não é possível indicar um padrão das mulheres, mas os homens, é possível indicar uma provável variante mais recorrente, pois teve uso apenas da variante 1.

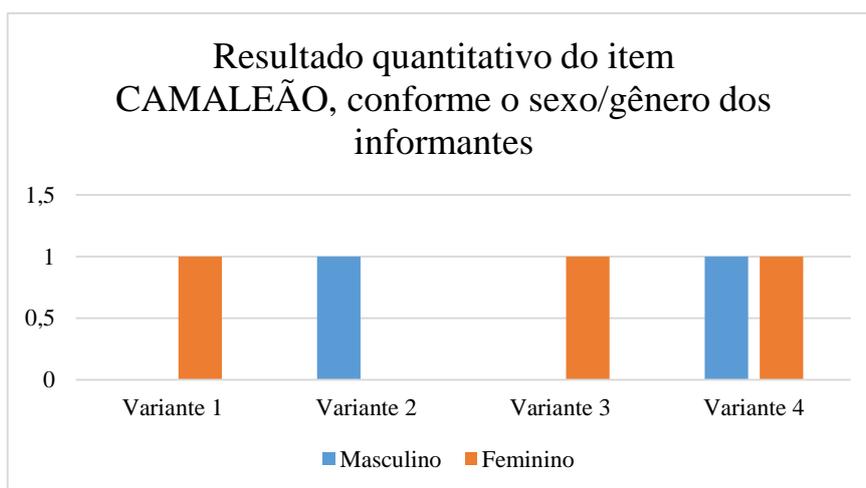
Gráfico 5: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se, a partir desta gráfico, que os homens produziram mais variantes do que as mulheres. Os homens produziram três variantes, enquanto as mulheres produziram uma variante. Assim, os homens foram mais inovadores, enquanto as mulheres mais conservadoras.

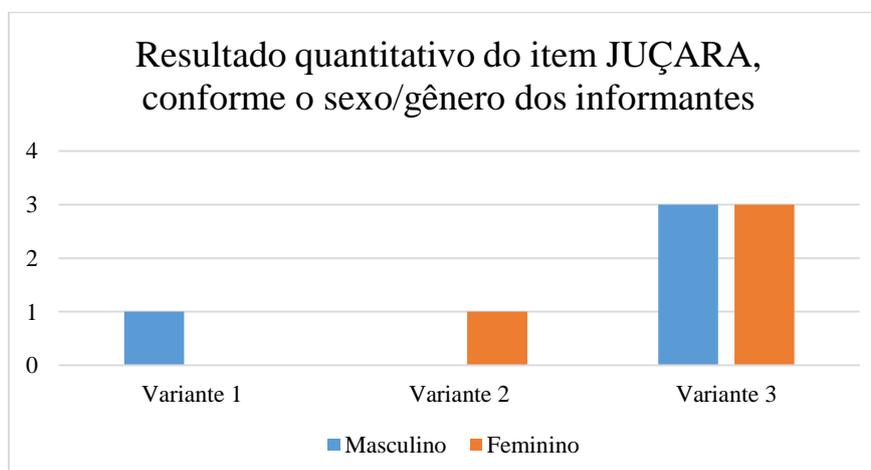
Gráfico 6: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

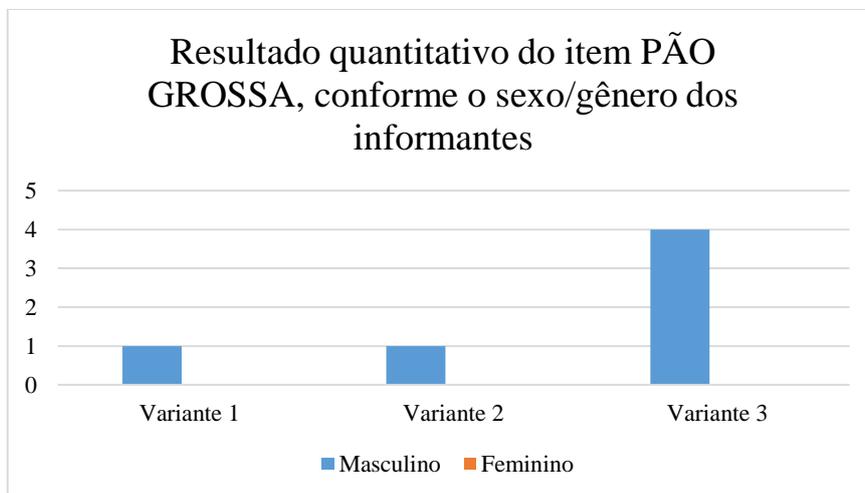
As mulheres, aqui, foram mais inovadoras do que os homens, produzindo três das cinco variantes, incluindo a variante que mais teve uso, e que é a mesma variante padrão dicionarizada, a variante 4.

Gráfico 7: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme o sexo/gênero dos informantes



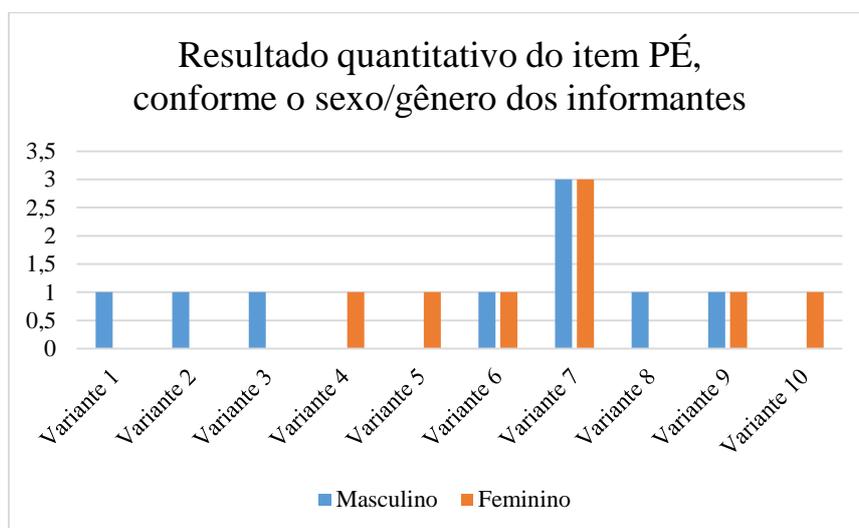
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 8: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme o sexo/gênero dos informantes



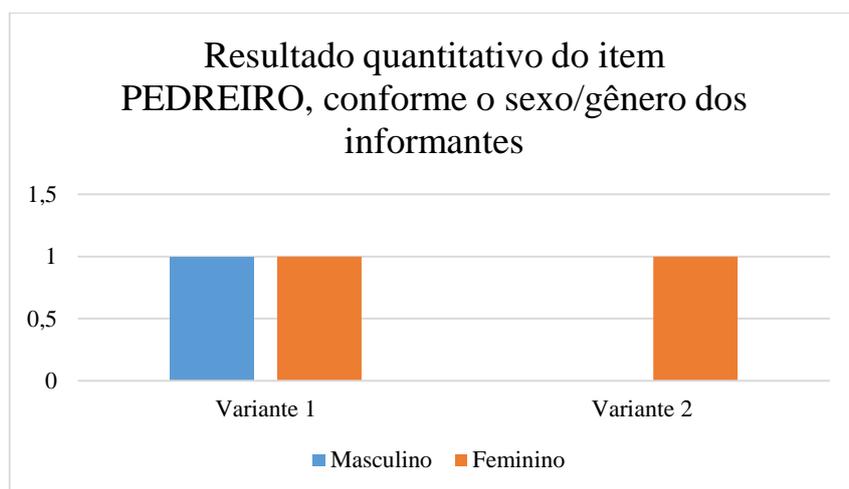
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 9: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme o sexo/gênero dos informantes



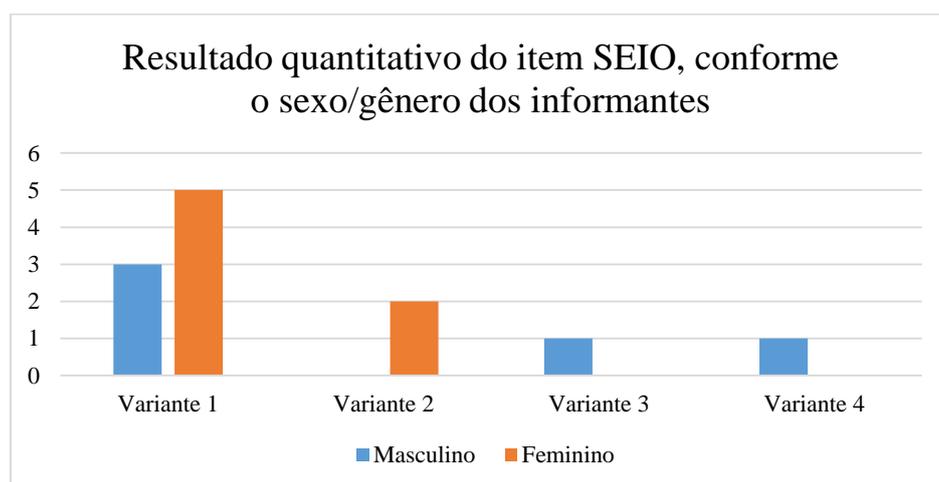
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 10: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme o sexo/gênero dos informantes



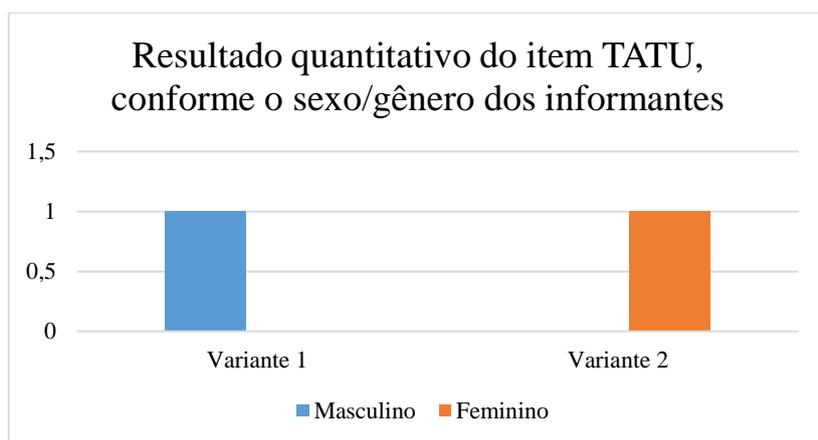
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 11: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme o sexo/gênero dos informantes



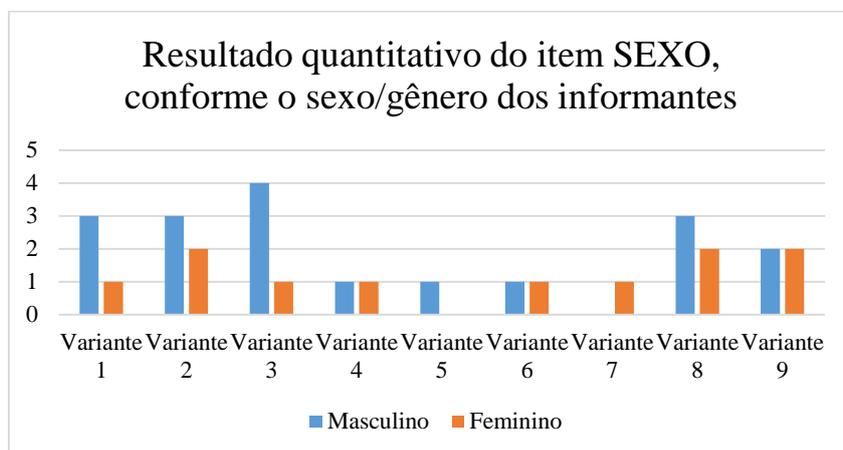
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 12: Resultado quantitativo do item TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

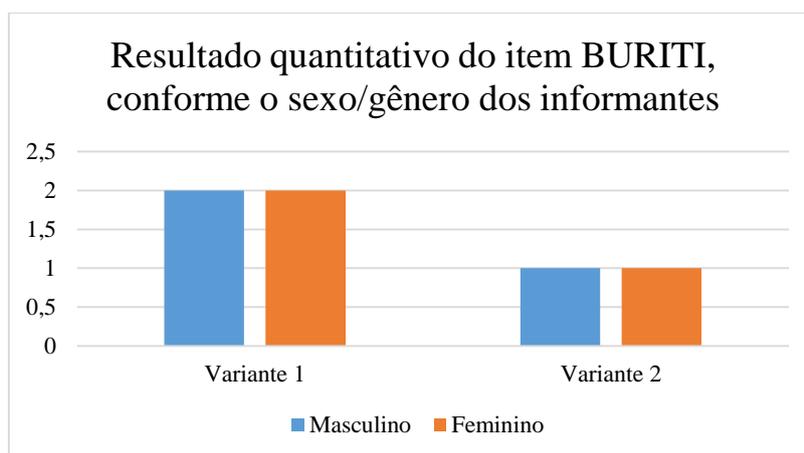
Gráfico 13: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

#### 5.2.4.2 Gráficos para variação fonológica

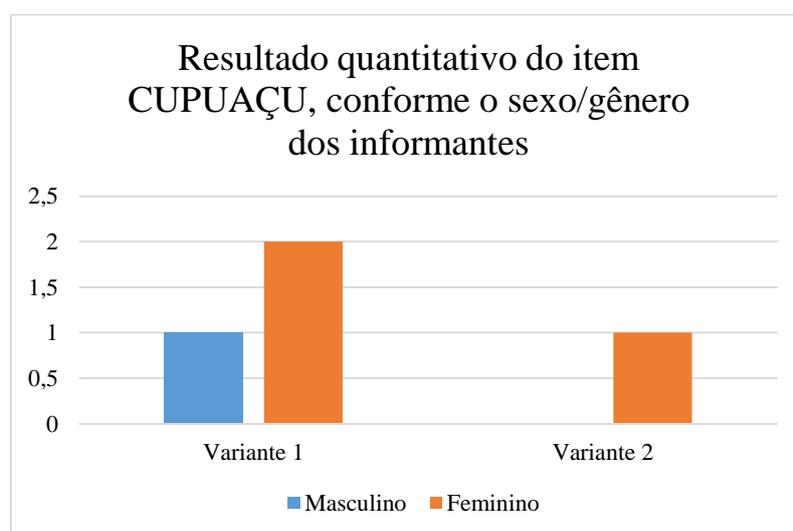
Gráfico 14: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Há uma maior concentração de uso, em ambos os grupos, na variante 1, o que pode indicar um padrão na variedade de São Luís deste item. Porém, partir desses dados, não é possível indicar um padrão de homens e de mulheres separadamente.

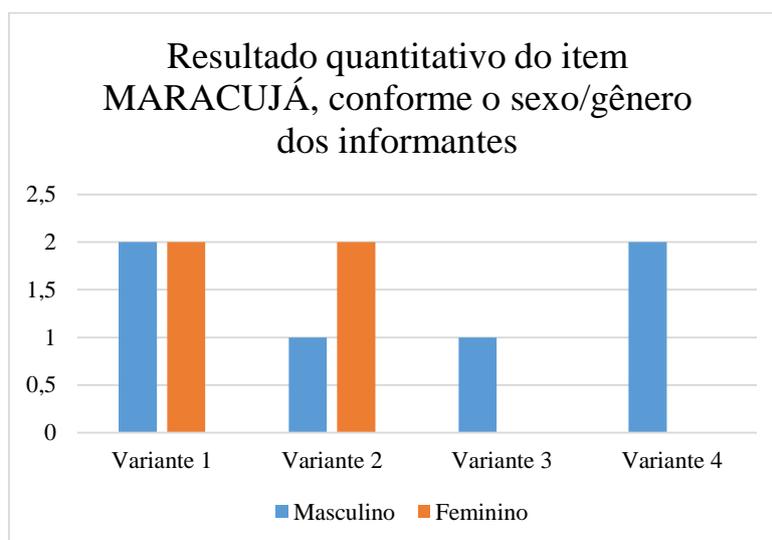
Gráfico 15: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se, por este resultado, que as mulheres foram mais inovadoras do que os homens, pois produziram duas variantes, enquanto os homens produziram apenas uma variante. Não é possível indicar um padrão das mulheres, mas os homens, é possível indicar uma provável variante padrão, pois teve uso apenas da variante 1.

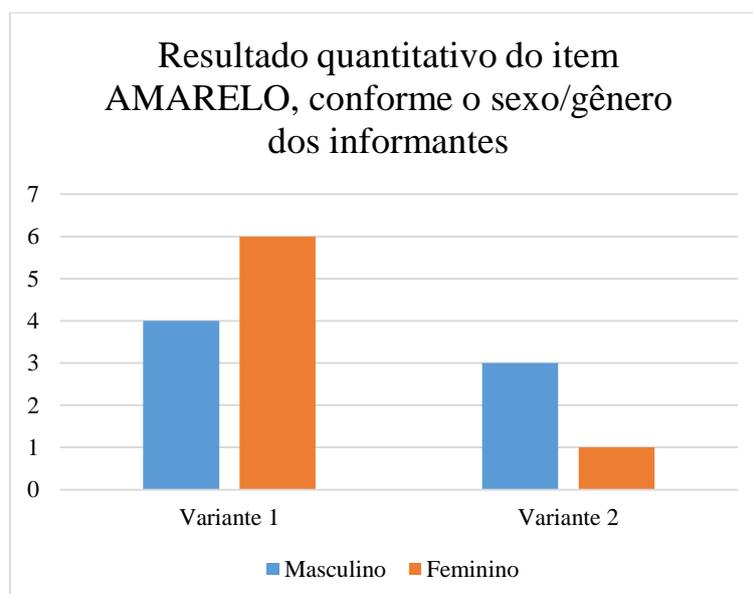
Gráfico 16: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir desta análise, percebe que os homens foram mais inovadores do que as mulheres, produzindo quatro das quatro variantes, enquanto as mulheres foram mais conservadoras, produzindo duas sinalizações. Não é possível indicar um padrão de cada um dos grupos.

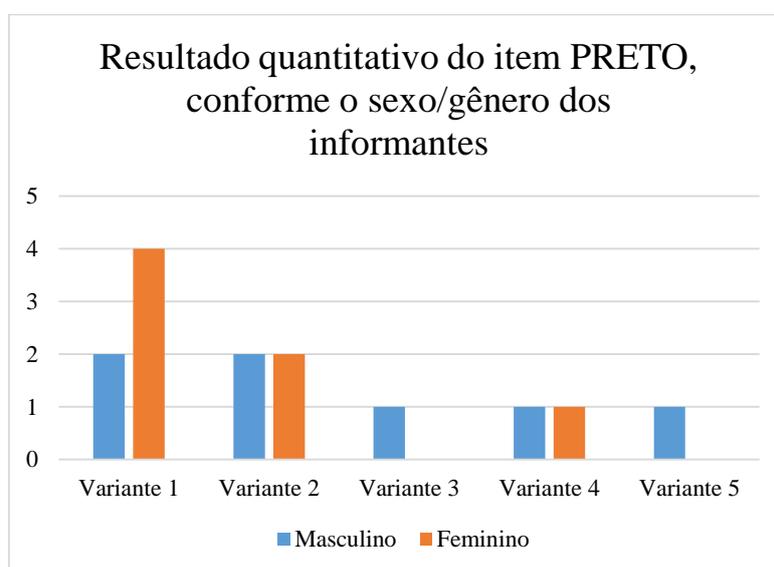
Gráfico 17: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

A partir deste resultado, é possível afirmar que ambos os grupos utilizaram as duas variantes, mas que ambos os grupos utilizam mais a variante 1, padrão dicionarizada. O grupo masculino é difuso, então não é possível afirmar um padrão, visto que a utilização das variantes é bem próximo o quantitativo. Já para o grupo de mulheres, mesmo que tenha tido um uso da variante 2, é provável que a variante 1 seja padrão deste grupo pela quantidade de usos, tendo em vista que todos os informantes produziram este item.

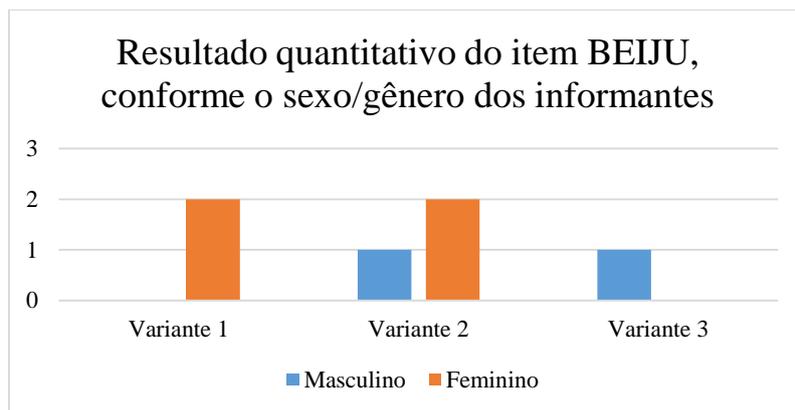
Gráfico 18: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

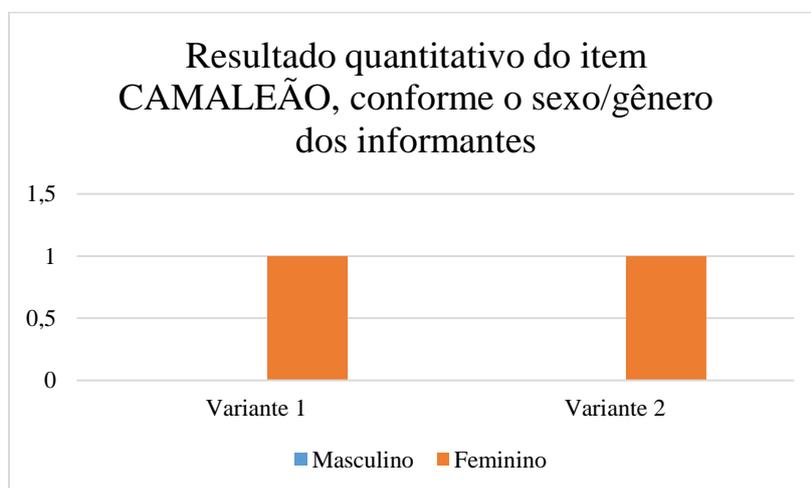
Para este resultado, o grupo de homens foi mais inovador do que as mulheres, visto que os homens produziram 5 variantes, enquanto as mulheres produziram 3 variantes. É possível indicar que o padrão feminino é a variante um, contendo mais usos, mas não é possível afirmar, pois os resultados foram difusos pela quantidade de variantes. É possível afirmar que a variante padrão dicionarizada, não é o padrão de homens e mulheres da variedade de São Luís.

Gráfico 19: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

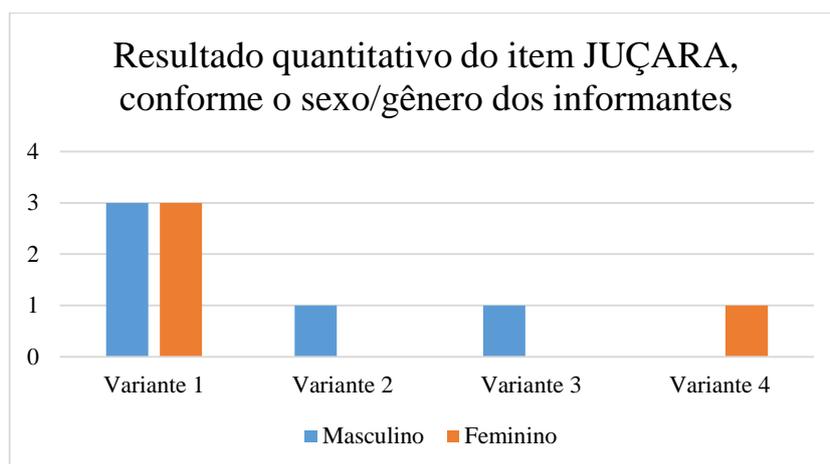
Gráfico 20: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

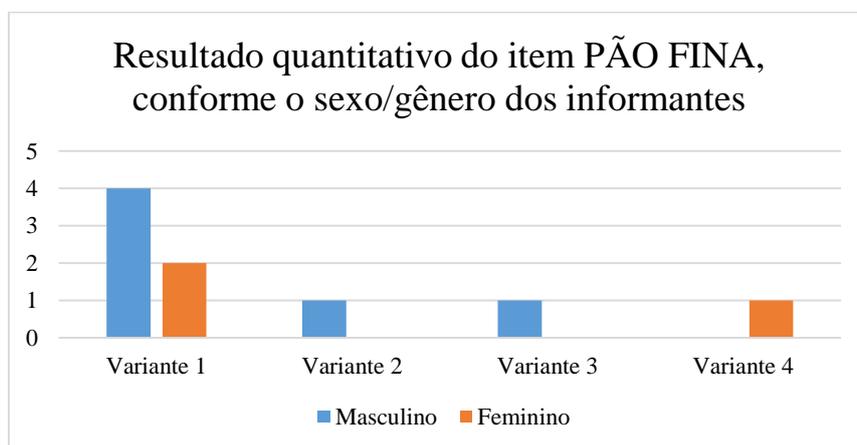
Neste resultado acima, tivemos produções apenas das mulheres. Isso nos mostra que, aqui, as mulheres foram mais inovadoras, e que as produções das mulheres tendem a ter diferenças mínimas entre os parâmetros.

Gráfico 21: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme o sexo/gênero dos informantes



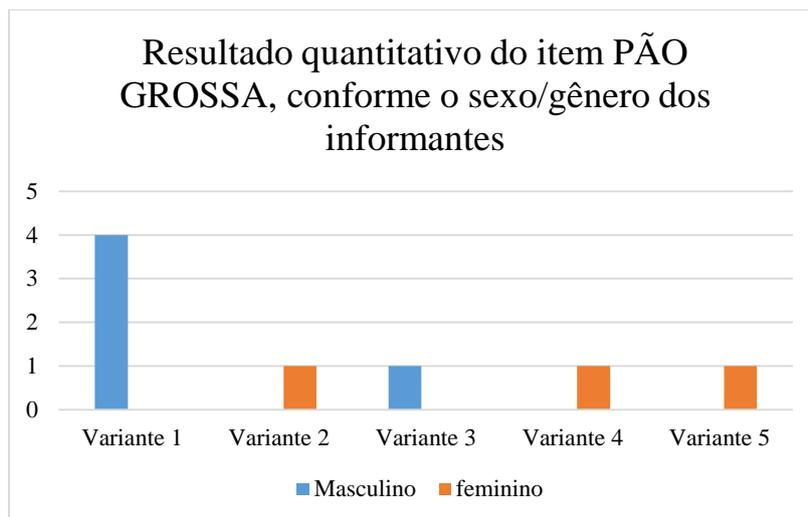
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 22: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme o sexo/gênero dos informantes



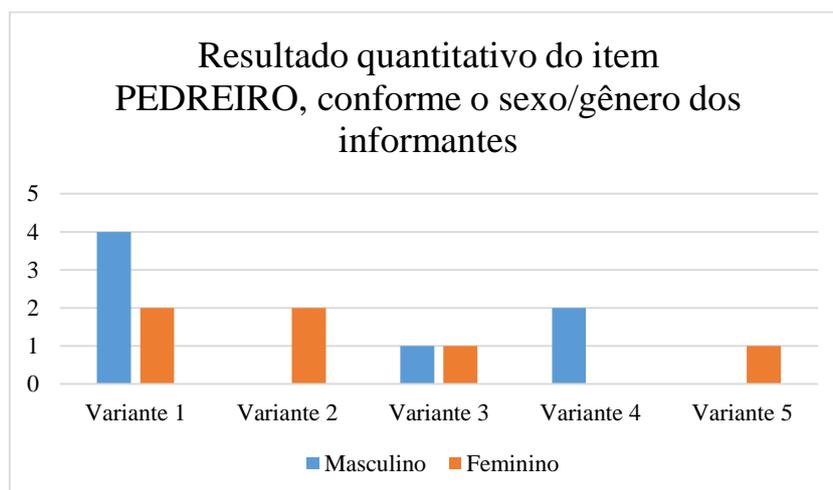
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 23: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme o sexo/gênero dos informantes



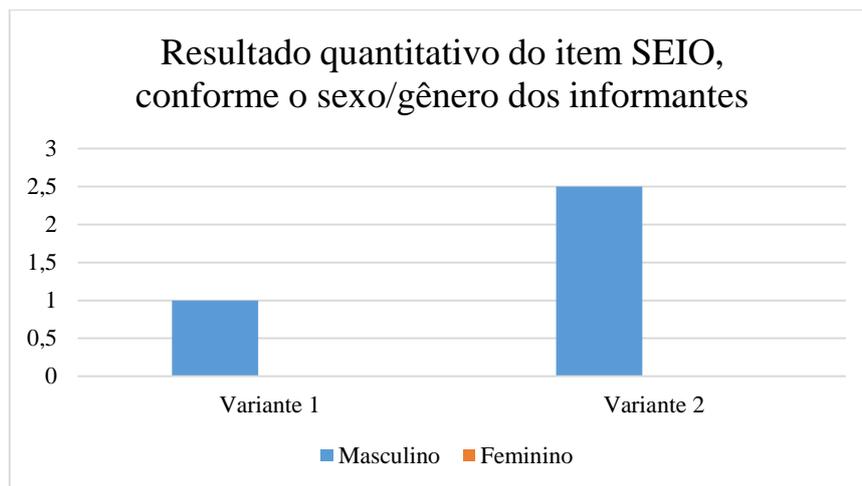
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 24: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme o sexo/gênero dos informantes



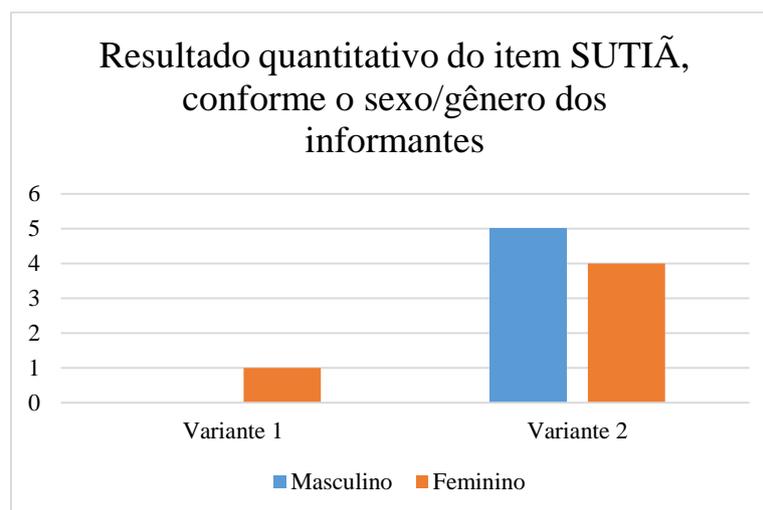
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 25: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme o sexo/gênero dos informantes



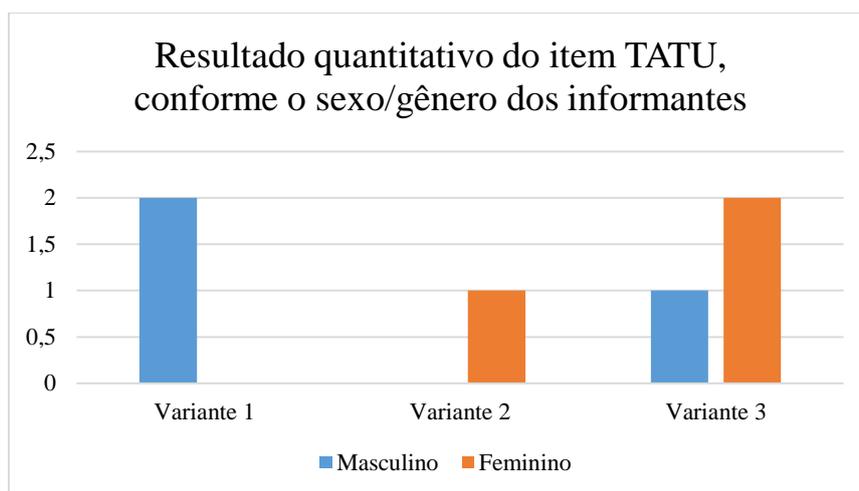
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 26: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme o sexo/gênero dos informantes



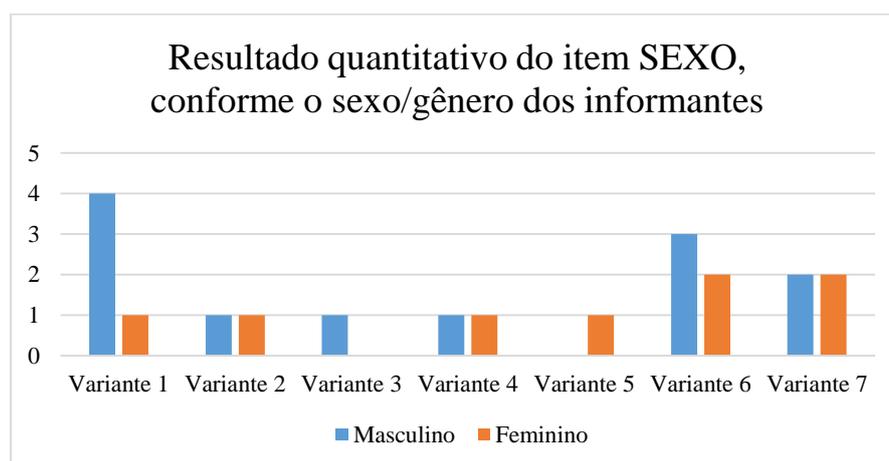
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 27: Resultado quantitativo do item TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

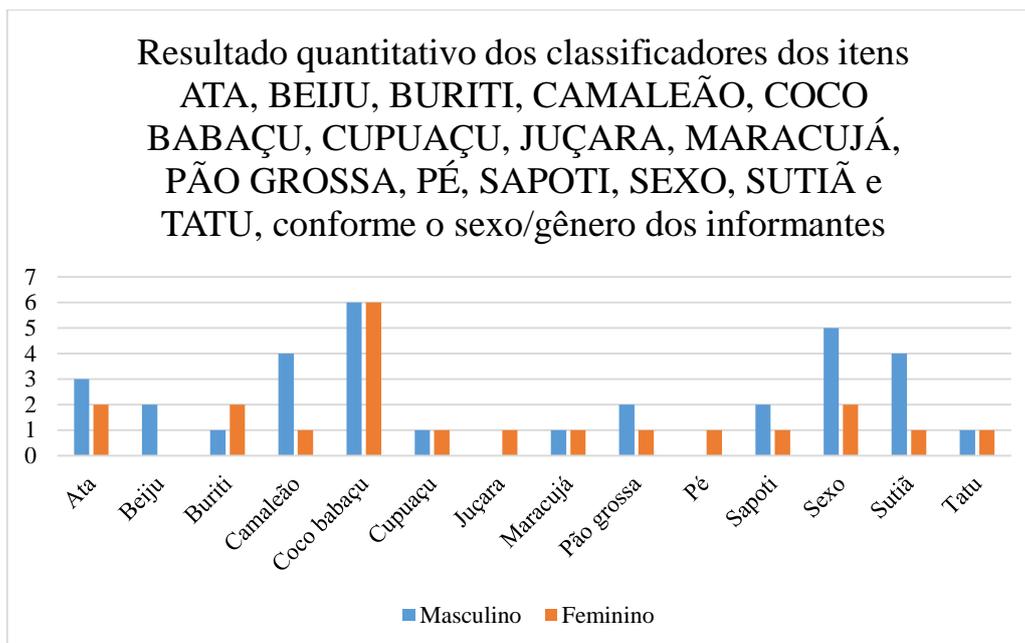
Gráfico 28: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

### 5.2.4.3 Gráfico para classificadores

Gráfico 29: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme o sexo/gênero dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

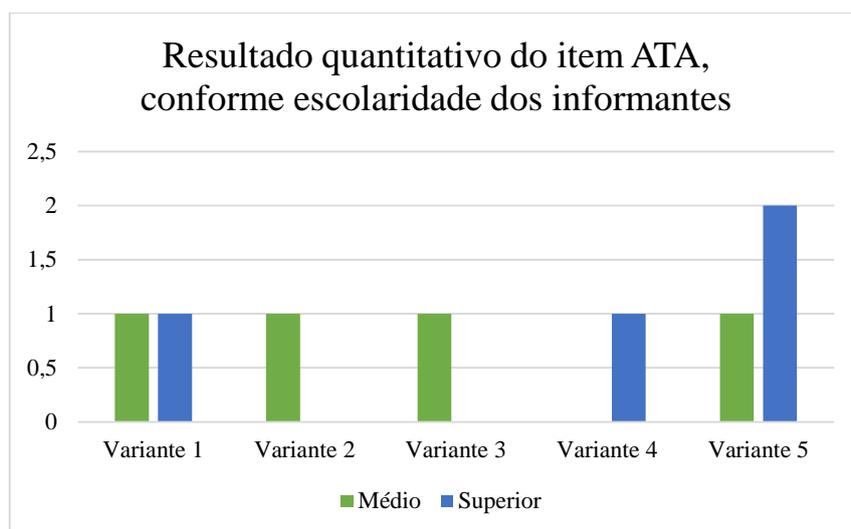
Percebe-se, a partir deste resultado, que cada grupo produziu a mesma quantidade de variantes, 6 cada uma. É possível perceber, também, que os homens utilizaram mais este recurso do que as mulheres para estes itens acima.

### 5.2.5 Resultados para a variável escolaridade

A amostra da nossa comunidade de prática surda possui informantes estratificados em dois níveis de escolaridade: Ensino Médio e Ensino Superior. Assim, segue abaixo os gráficos com a análise dos resultados quantitativos de cada item analisado.

#### 5.2.5.1 Gráfico para variação lexical

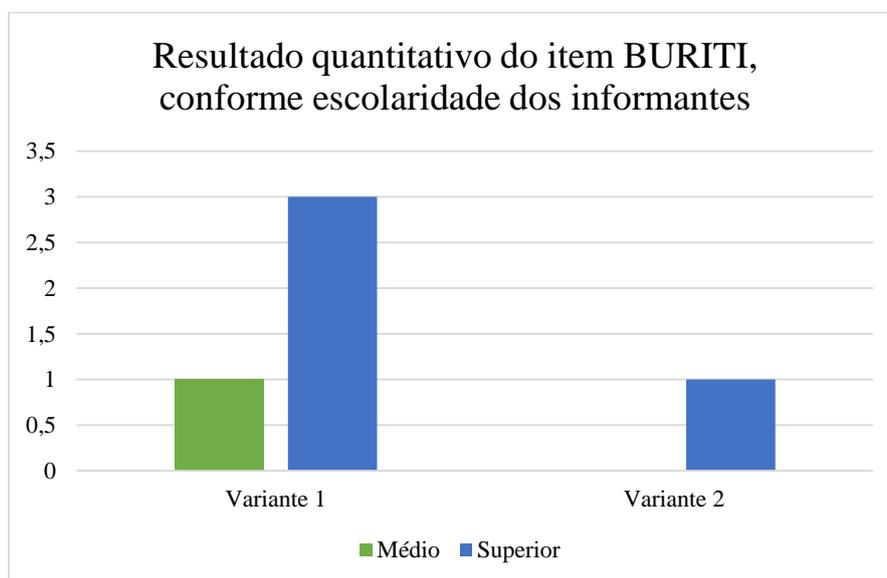
Gráfico 30: Resultado quantitativo do item ATA, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

No item apresentado acima vemos uma grande quantidade de usos da variante 5, o que pode indicar que a variante 5 é uma variante de prestígio, pois o grupo do ensino médio produziram 4 das 5 variantes cada com um uso apenas.

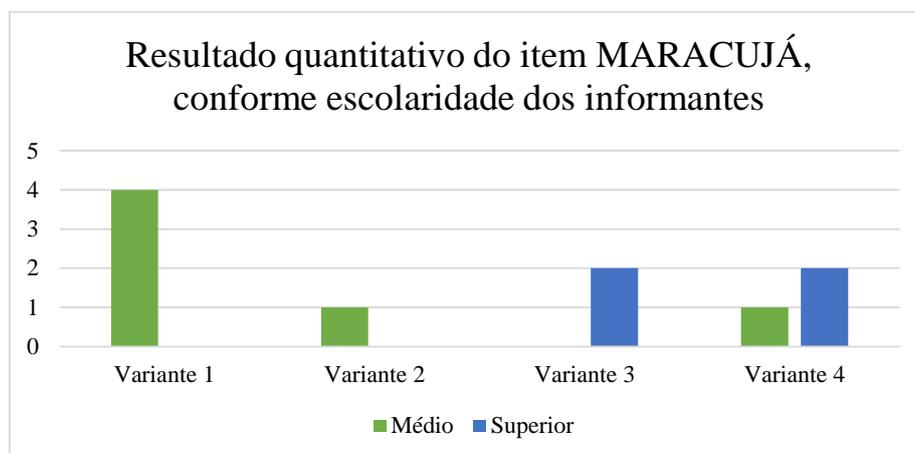
Gráfico 31: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

O grupo do ensino superior produziram duas variantes distintas, enquanto o grupo do ensino médio só produziu a variante 1. Isso pode indicar que a variante 1 é a variante de prestígio.

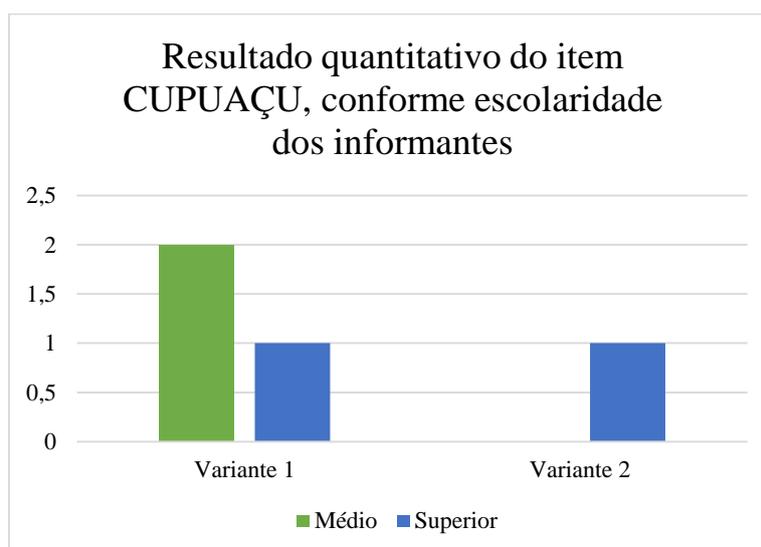
Gráfico 32: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao grupo do ensino superior, vemos que a maioria utilizou a variante 1, podendo ser marcada como variante de prestígio, mesmo sendo diferente da variante padrão dicionarizada (variante 4). Desse modo, percebe-se que a variedade de São Luís utiliza uma variante padrão, diferente do que está dicionarizado.

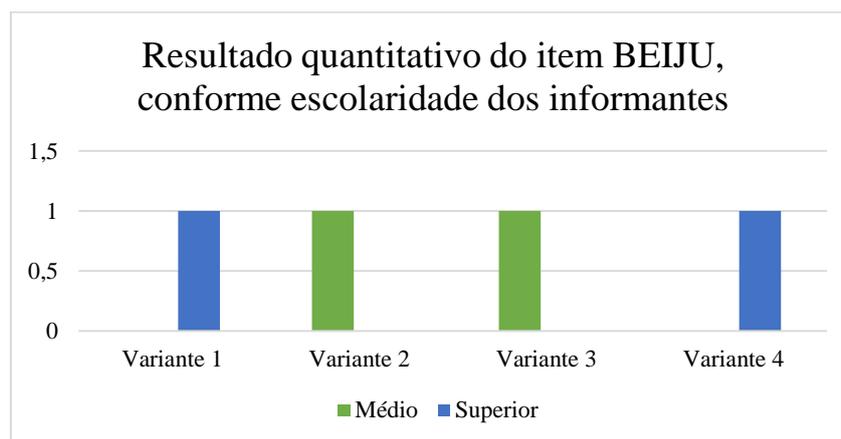
Gráfico 33: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

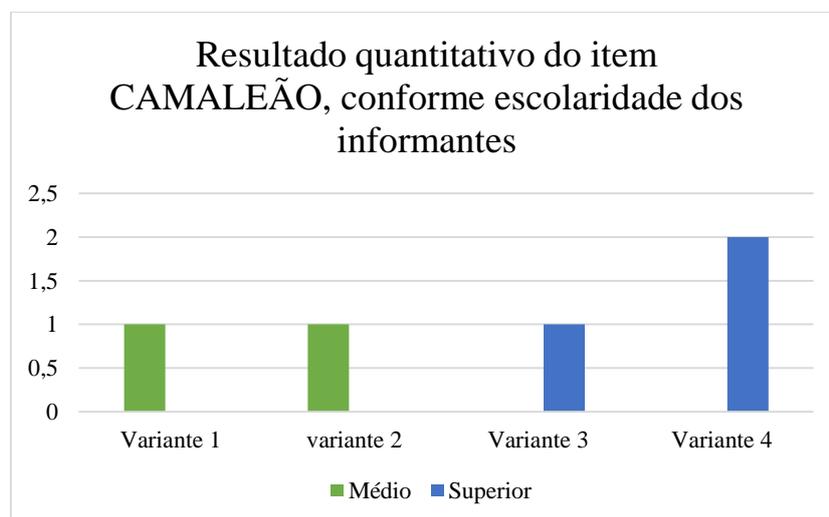
Com este resultado, parece indicar que a variante 1, considerada como padrão, é uma variante mais conservadora, utilizada por ambos os grupos. Não é possível indicar uma variante padrão do grupo superior, e para o grupo de ensino médio, indica que a variante 1 é a que tem mais uso.

Gráfico 34: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme escolaridade dos informantes



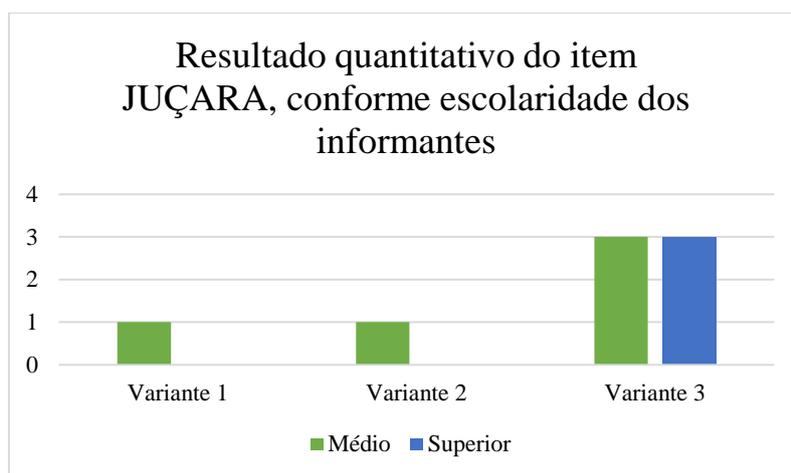
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 35: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme escolaridade dos informantes



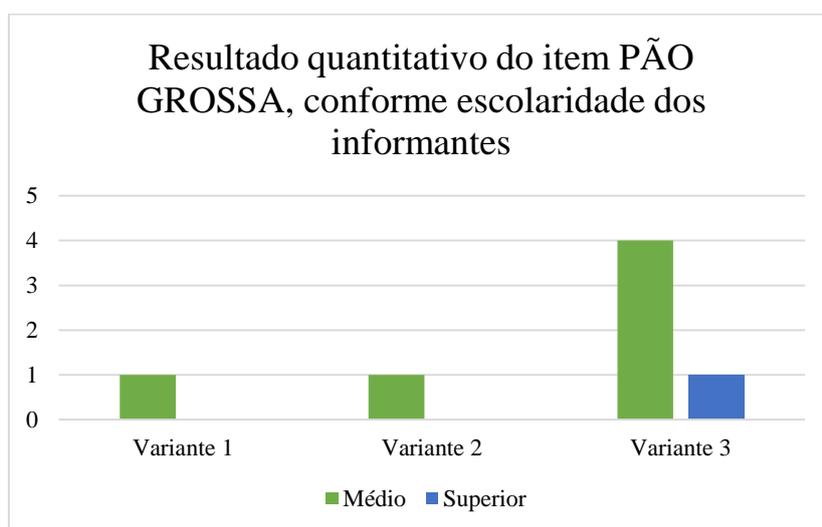
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 36: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme escolaridade dos informantes



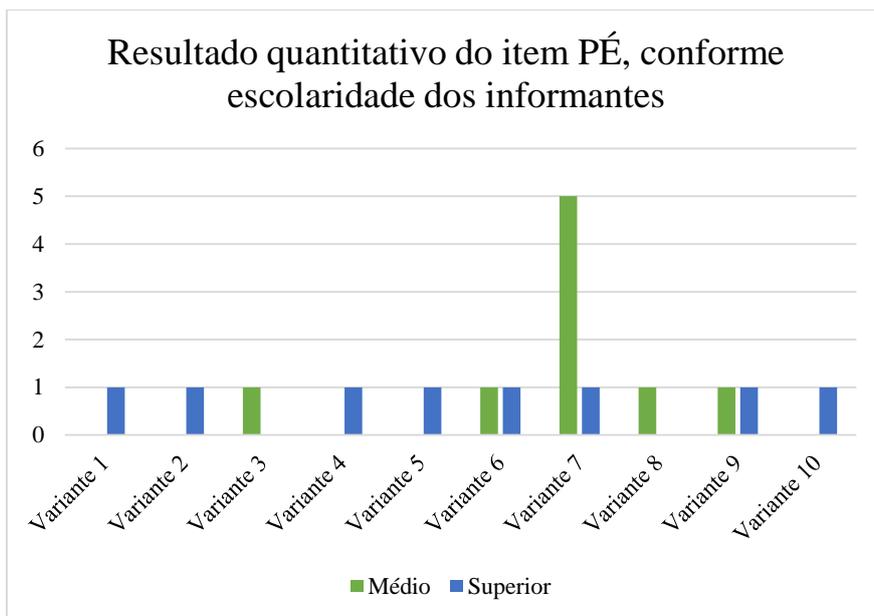
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 37: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme escolaridade dos informantes



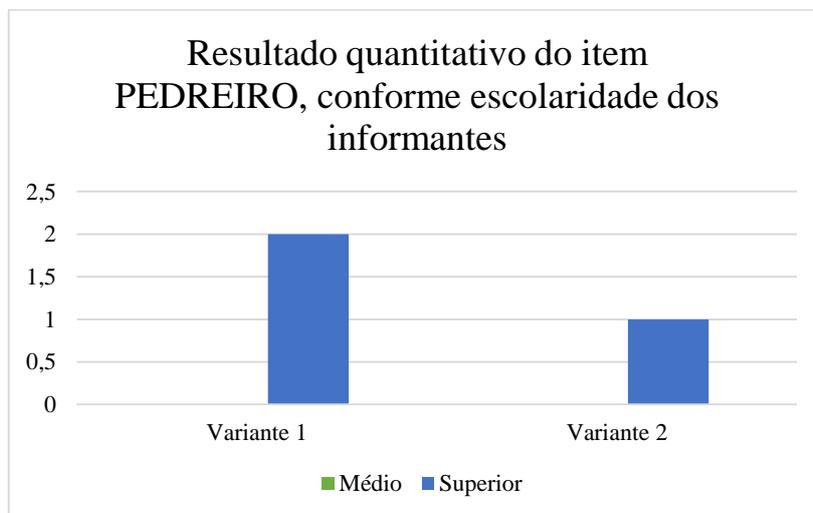
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 38: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme escolaridade dos informantes



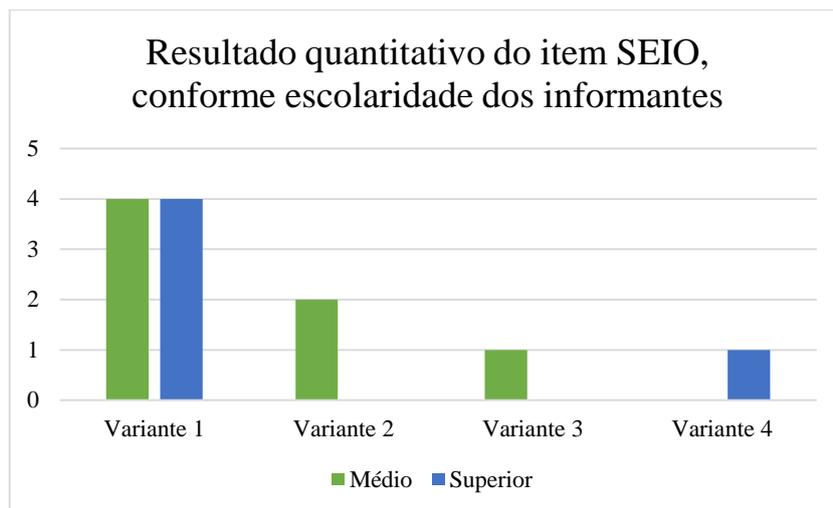
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 39: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme escolaridade dos informantes



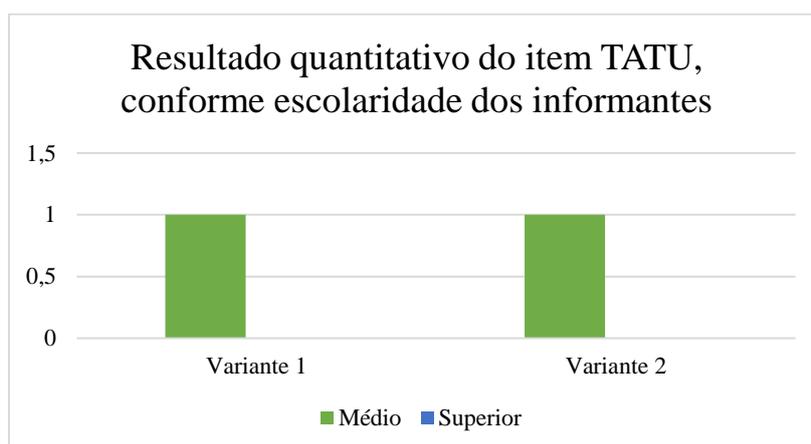
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 40: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme escolaridade dos informantes



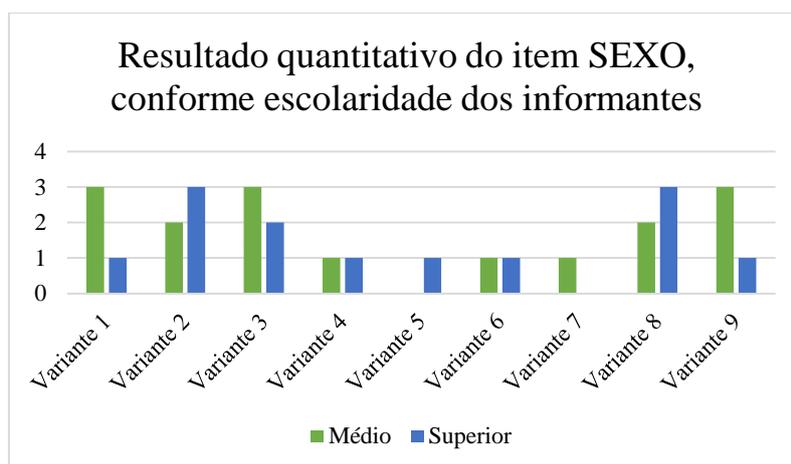
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 41: Resultado quantitativo do item TATU, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

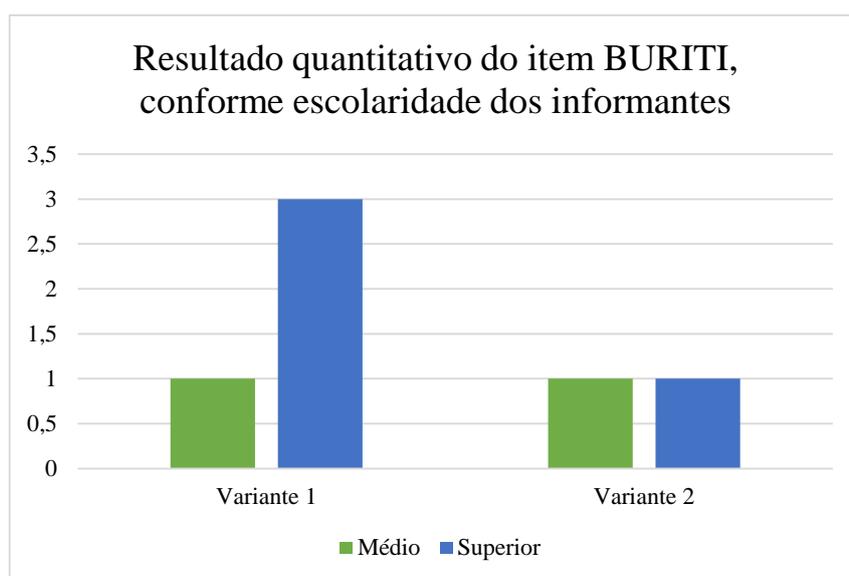
Gráfico 42: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

### 5.2.5.2 Gráficos para variação fonológica

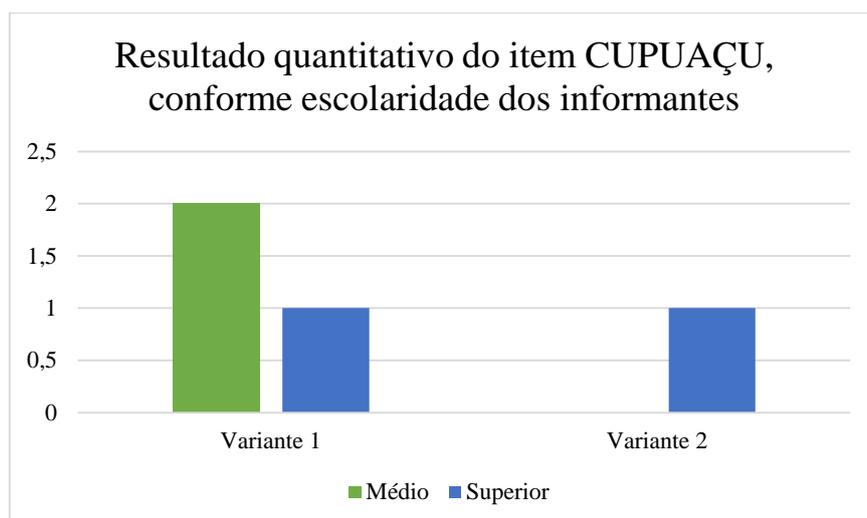
Gráfico 43: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao que indica, o grupo de ensino superior tem um prestígio a mais pela variante 1, mas que também teve uso de outra variante (variante 2). Ambos os grupos produziram duas variantes.

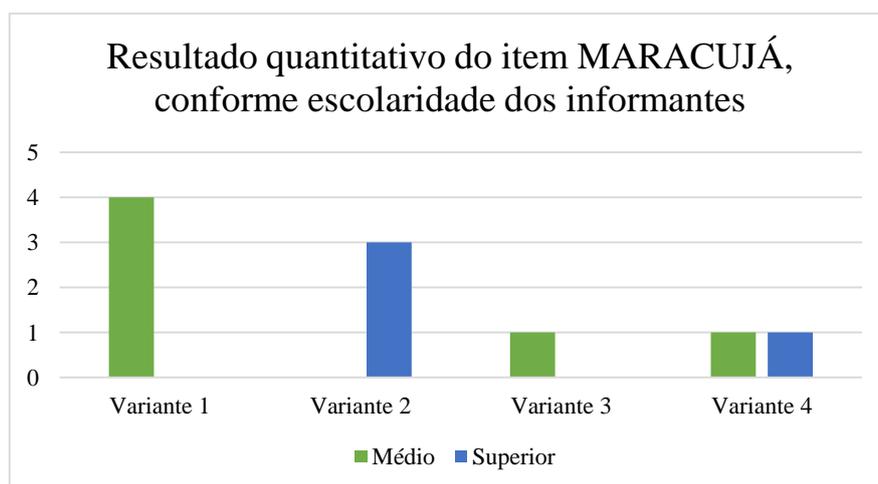
Gráfico 44: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Com este resultado, parece indicar que a variante 1, considerada como padrão, é uma variante mais conservadora, utilizada por ambos os grupos. Não é possível indicar uma variante padrão do grupo superior, pela produção de duas variantes que concorrem entre si, e para o grupo de ensino médio, indica que a variante 1 é a que tem mais uso, mas não é possível afirmar uma padronização.

Gráfico 45: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme escolaridade dos informantes

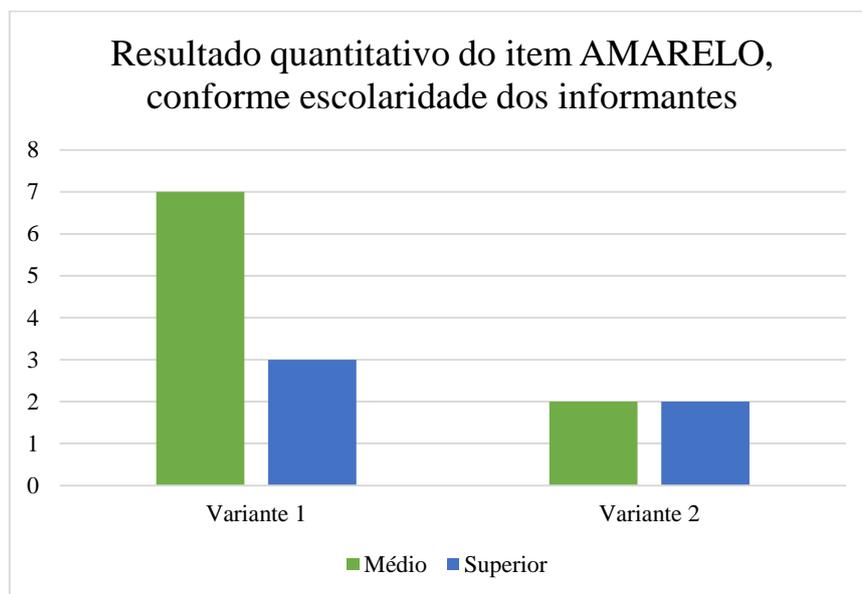


Fonte: Elaborado pelo autor

O grupo de ensino médio foi mais inovador, produzindo 3 das 4 variantes, enquanto o grupo do ensino superior produziu duas das três variantes. O que estes grupos tem em comum é que todas as variantes realizadas são utilizadas com apenas uma mão,

não tendo diferenças entre escolaridade neste parâmetro. O grupo superior usa mais a mão dominante aberta do que os informantes do grupo médio, que usam a mão dominante de forma mais fechada.

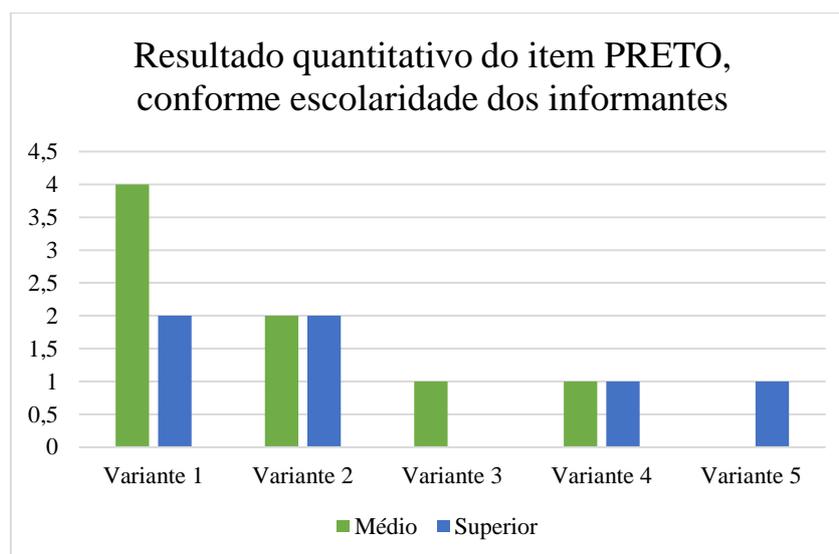
Gráfico 46: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme resultado, ambos os grupos tem uma maior concentração na utilização da variante 1, mesmo possuindo duas variantes. Assim, ambos os grupos coincidem com a variante padrão dicionarizada, a variante 1, podendo esta ser marcada como variante de prestígio, pois esteve presente na maioria das produções de ambos os grupos.

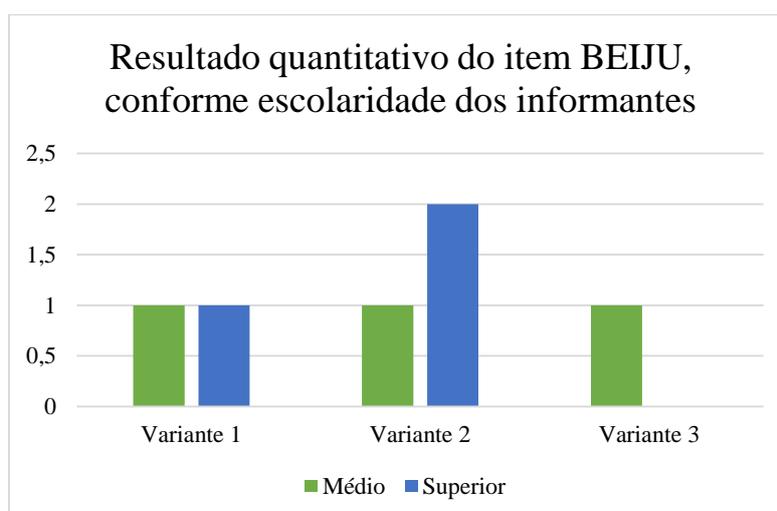
Gráfico 47: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

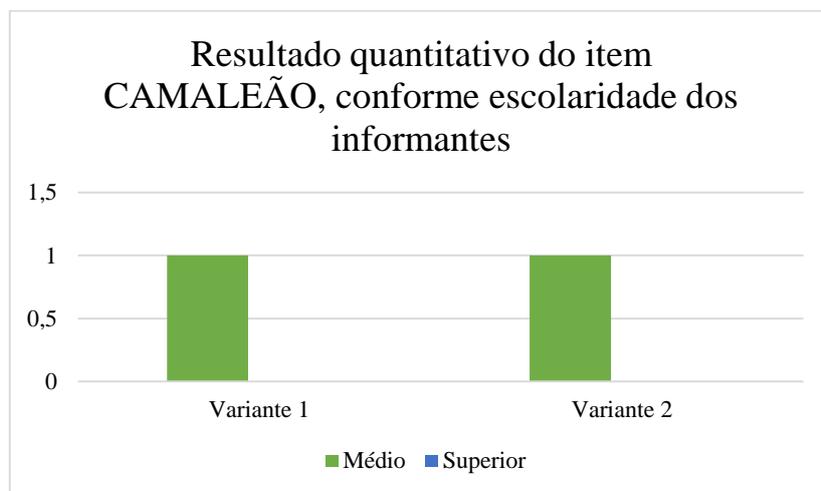
Para este resultado, ambos os grupos tiveram a mesma quantidade de variantes, mas apenas o grupo de ensino médio utilizou a variante padrão dicionarizada. O grupo médio utilizou mais a mão base fechada do que o grupo superior. Pelos resultados, a mão base fechada tem mais uso e pode ser um indicativo de prestígio, visto que a variante que teve mais uso por ambos os grupos foi a variante 1. Pode-se afirmar, portanto, que a variante padrão dicionarizada não é a variante mais recorrente utilizada pelo grupo de ensino superior.

Gráfico 48: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme escolaridade dos informantes



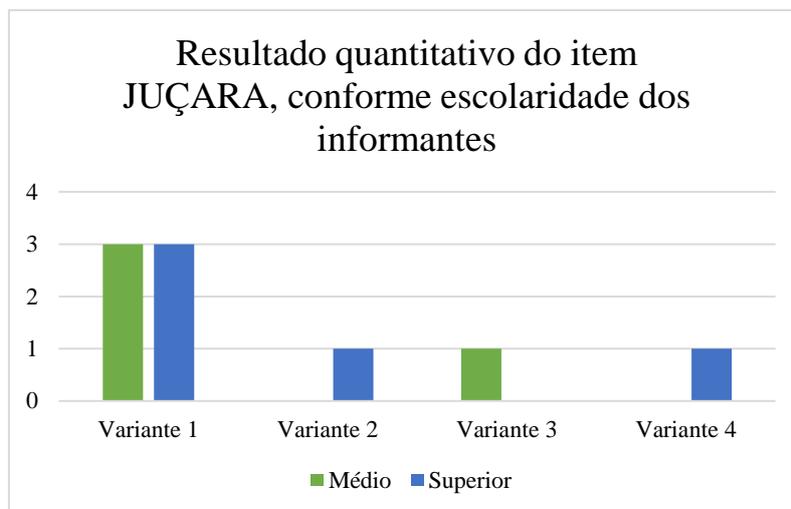
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 49: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme escolaridade dos informantes



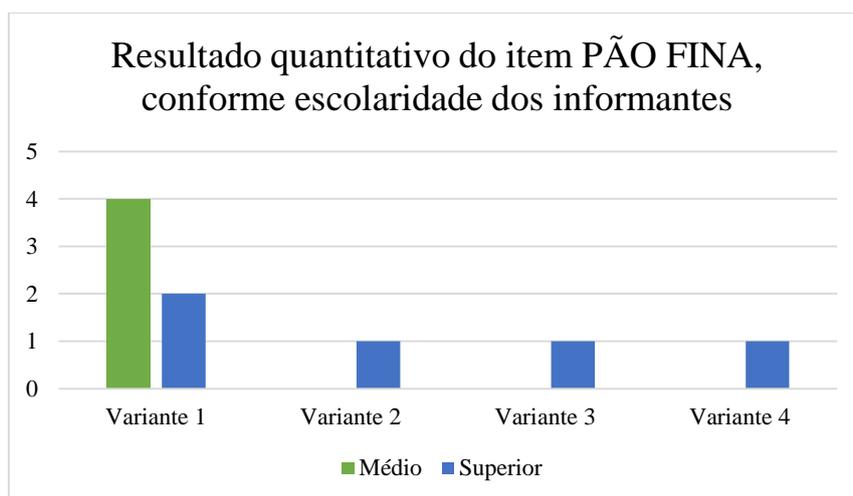
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 50: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme escolaridade dos informantes



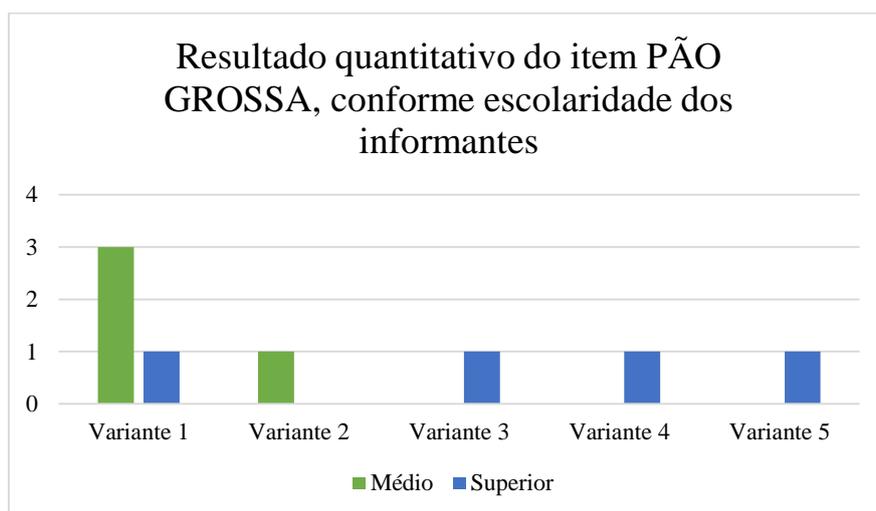
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 51: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme escolaridade dos informantes



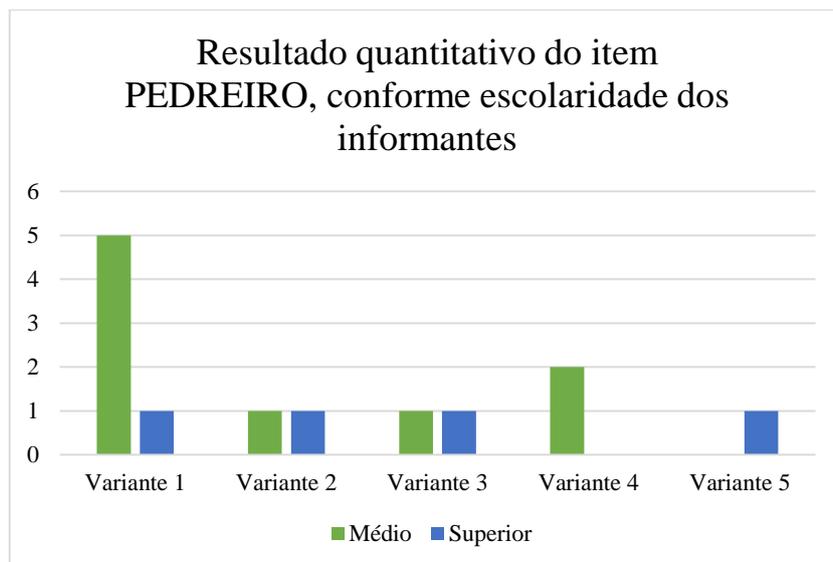
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 52: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme escolaridade dos informantes



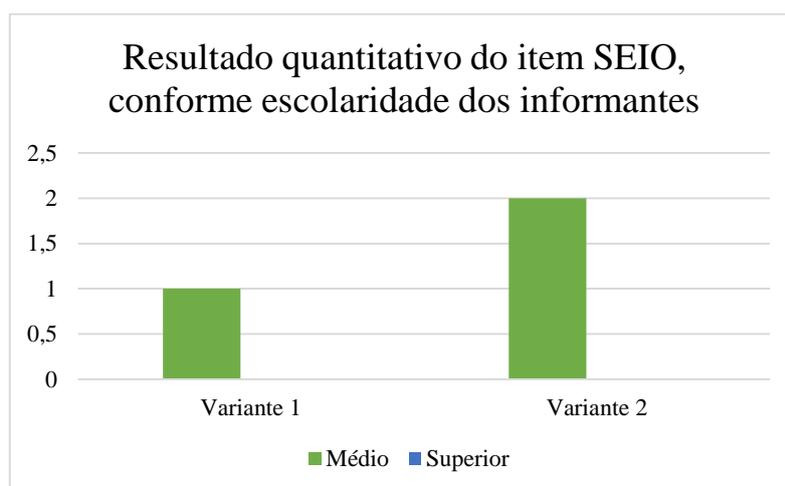
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 53: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme escolaridade dos informantes



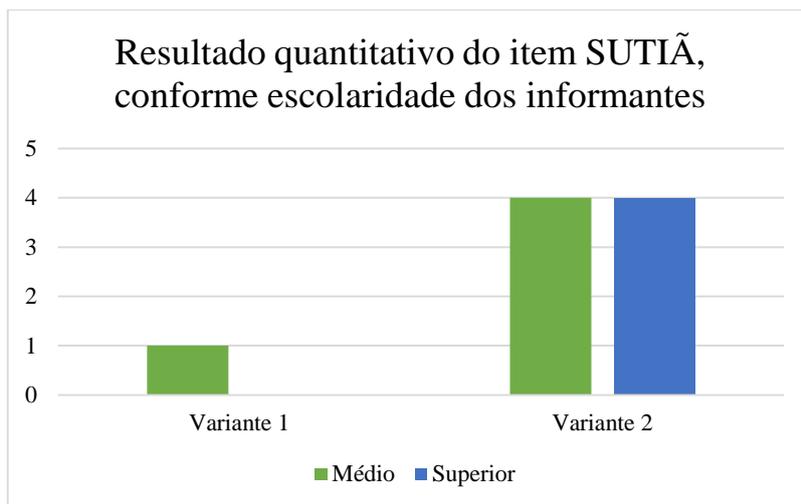
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 54: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme escolaridade dos informantes



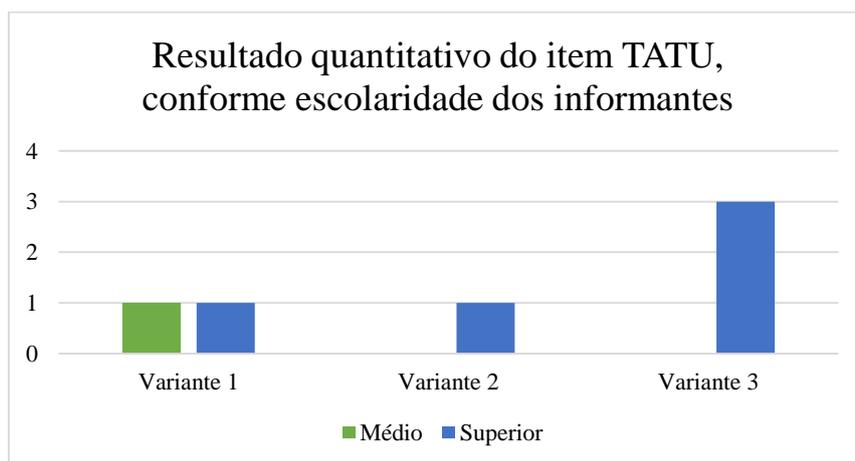
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 55: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme escolaridade dos informantes



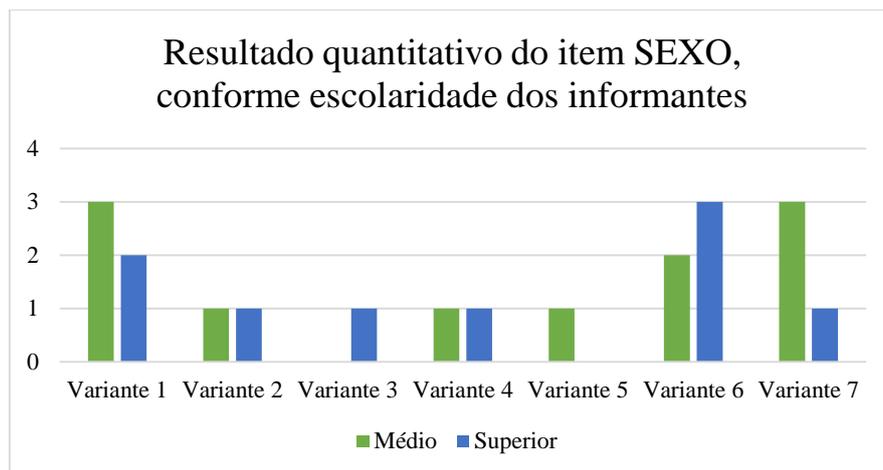
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 56: Resultado quantitativo do item TATU, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

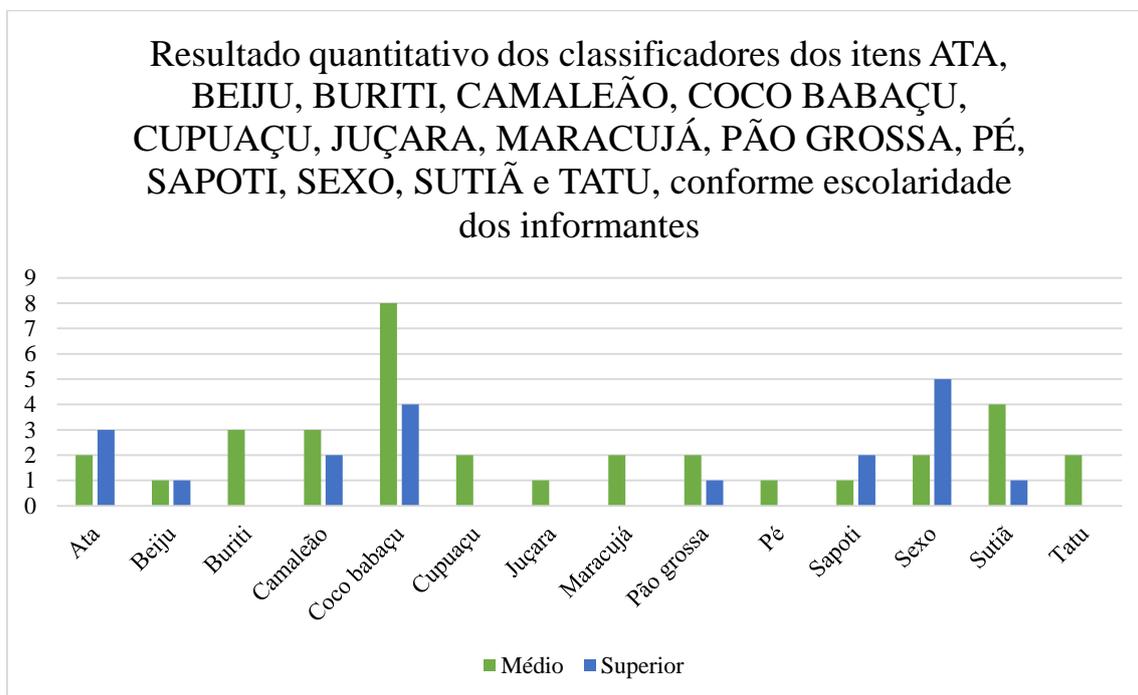
Gráfico 57: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme escolaridade dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

### 5.2.5.3 Gráfico para classificadores

Gráfico 58: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme escolaridade dos informantes



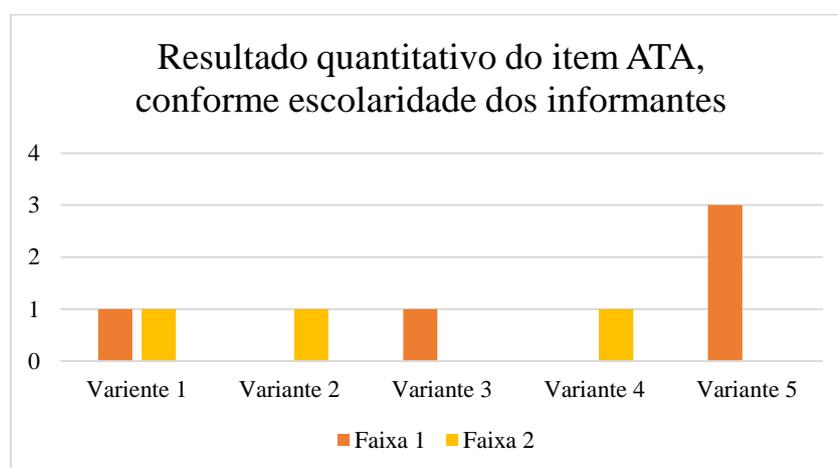
Fonte: Elaborado pelo autor

## 5.2.6 Resultados para a variável faixa etária

A amostra da nossa comunidade de prática surda possui informantes estratificados em duas faixas etárias: faixa 1 – entre 18 a 29 anos; e faixa 2 – de 30 até 49 anos. Assim, segue abaixo os gráficos com a análise dos resultados quantitativos de cada item analisado.

### 5.2.6.1 Gráficos para variação lexical

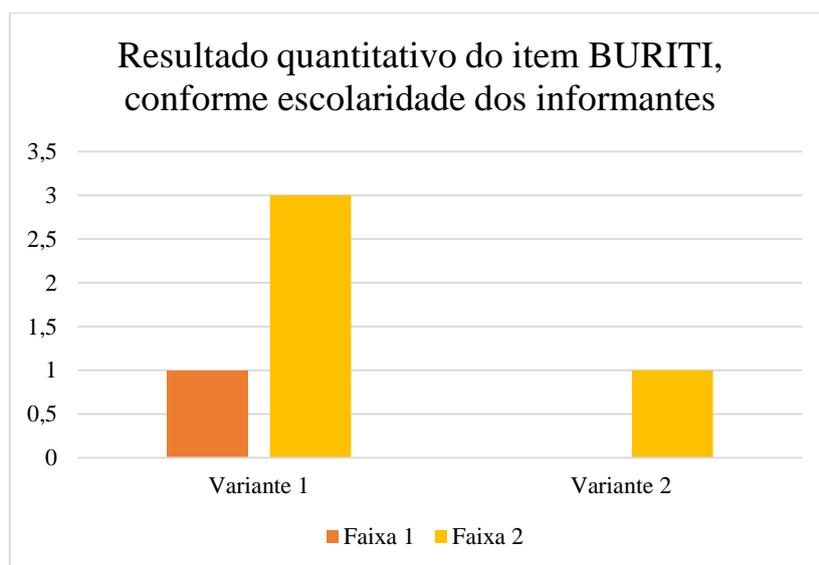
Gráfico 59: Resultado quantitativo do item ATA, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se, diante desse resultado, que os grupos variaram na mesma proporção, cada grupo produzindo três variantes cada. Não há como afirmar um padrão no grupo de até 49 anos, pois produziram três variantes distintas, mas para o grupo de dos mais jovens de até 29 anos, pode-se indicar que o padrão deste grupo é a sinalização utilizando o empréstimo linguístico da palavra, possivelmente por serem mais novos e desconhecerem o sinal, ou, até mesmo, indicar uma mudança futura para esta produção.

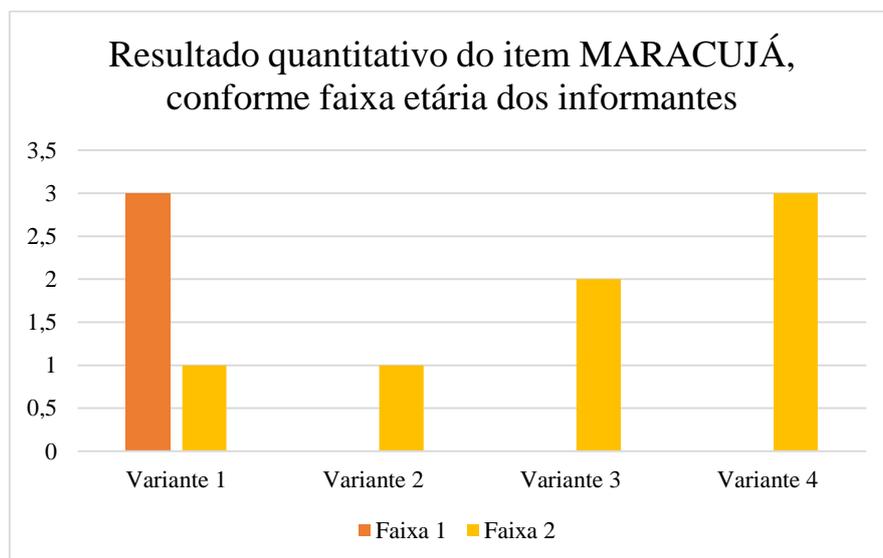
Gráfico 60: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Neste item, o grupo da faixa 1 produziu apenas uma variante, e o grupo da faixa 2 produziu duas variantes. Assim, não é possível definir um padrão de cada grupo, mas indicar que a variante 1 parece ser a variante padrão para o grupo da faixa 2, igual a variante de dicionário.

Gráfico 61: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme faixa etária dos informantes

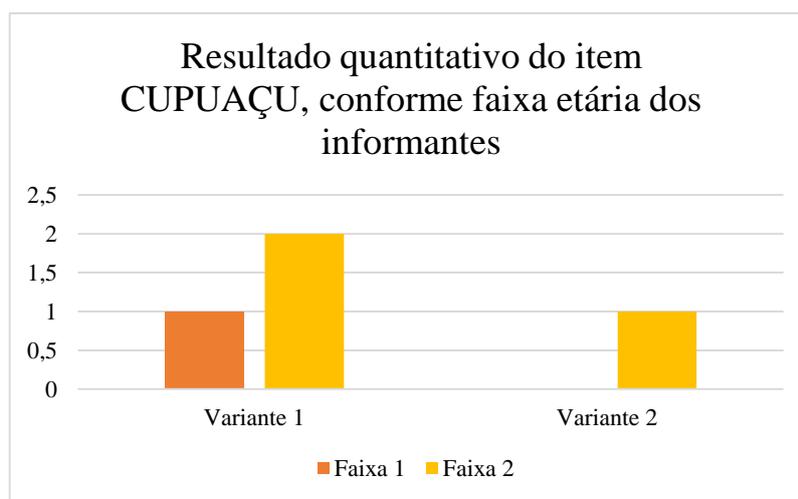


Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que o grupo da faixa 2 é mais inovador do que o grupo da faixa 1, isso mostra que o item MARACUJÁ tem possibilidades de sinalizações e que não é

possível afirmar que tenha um padrão, devido a quantidade de variantes. Entretanto, o grupo da faixa 1 indica que o padrão é a variante 1, diferente da variante padrão do dicionário. Além disso, para o grupo da faixa 2, mesmo que não indiquemos um padrão, a variante mais utilizada por este grupo foi a variante 4, estabelecida como padrão de dicionário.

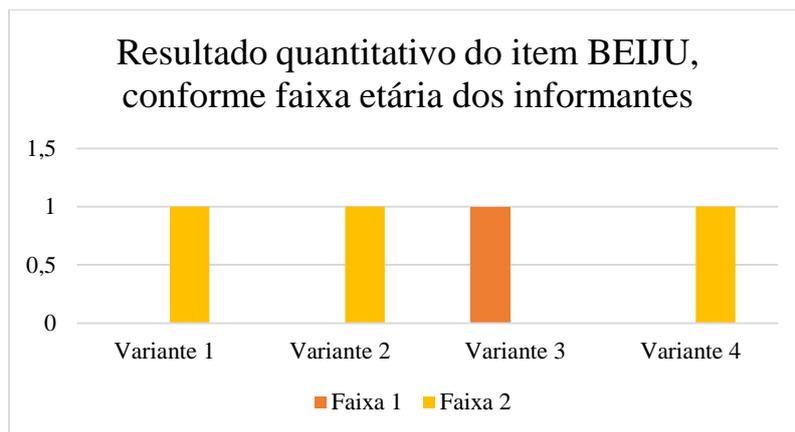
Gráfico 62: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

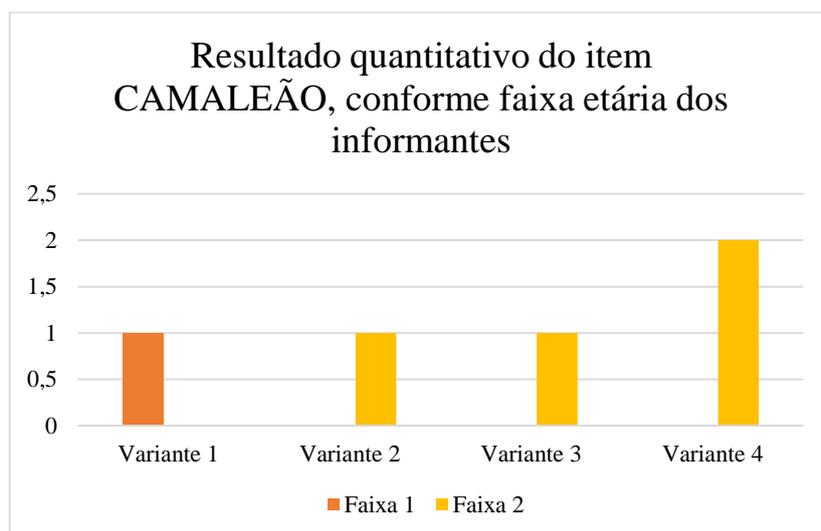
O resultado nos mostra que o grupo da faixa 2 é mais inovador, tendo em vista que produziram duas variantes, enquanto o grupo da faixa 1 produziu uma variante. É possível afirmar que ambos os grupos produziram mais a variante 1, considerada como padrão dicionarizada para nosso estudo, indicando que a variedade de São Luís utiliza mais esta variante.

Gráfico 63: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme faixa etária dos informantes



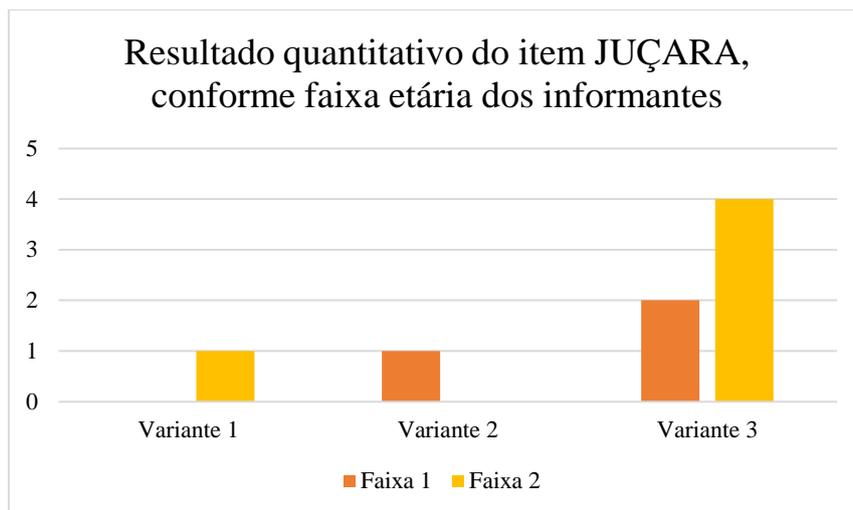
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 64: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme faixa etária dos informantes



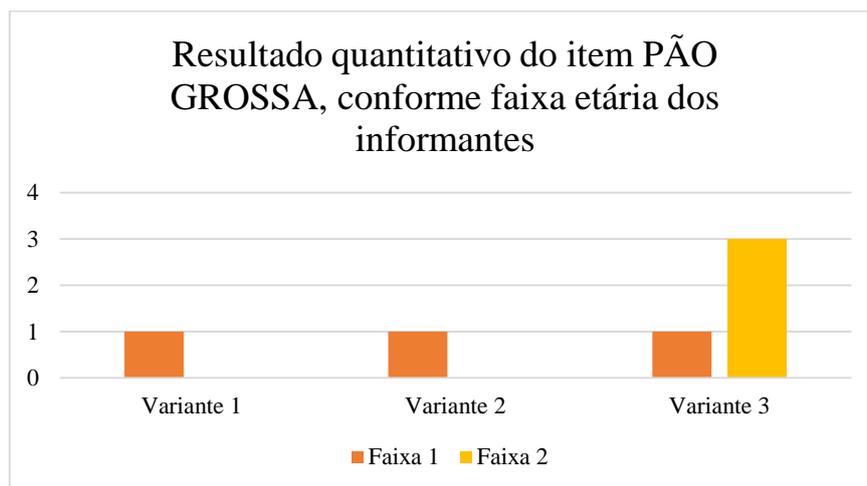
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 65: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme faixa etária dos informantes



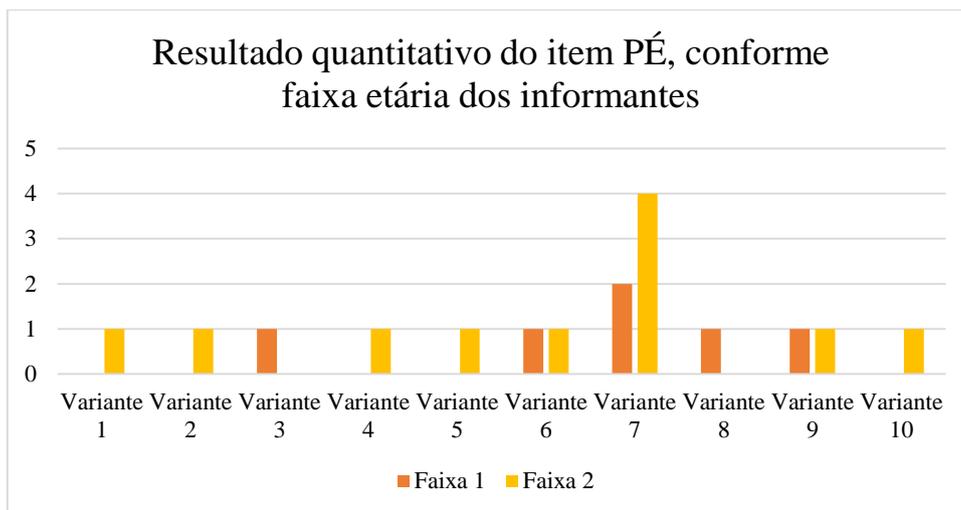
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 66: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme faixa etária dos informantes



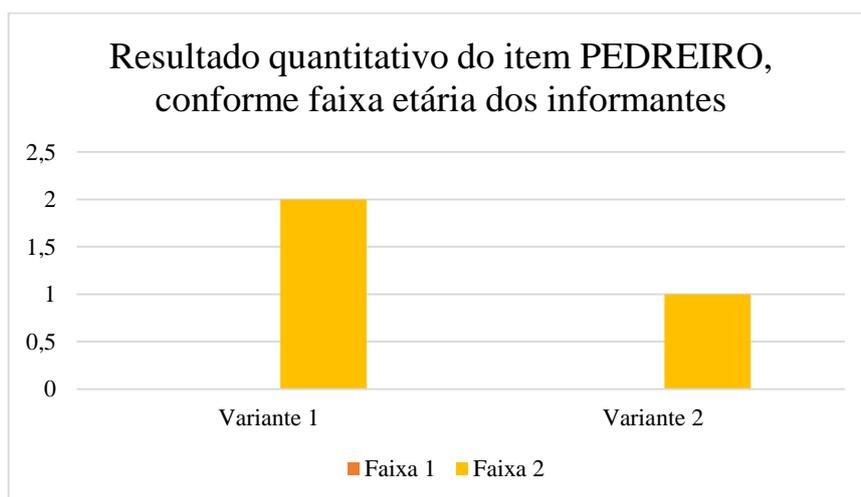
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 67: Resultado quantitativo do item PÉ, conforme faixa etária dos informantes



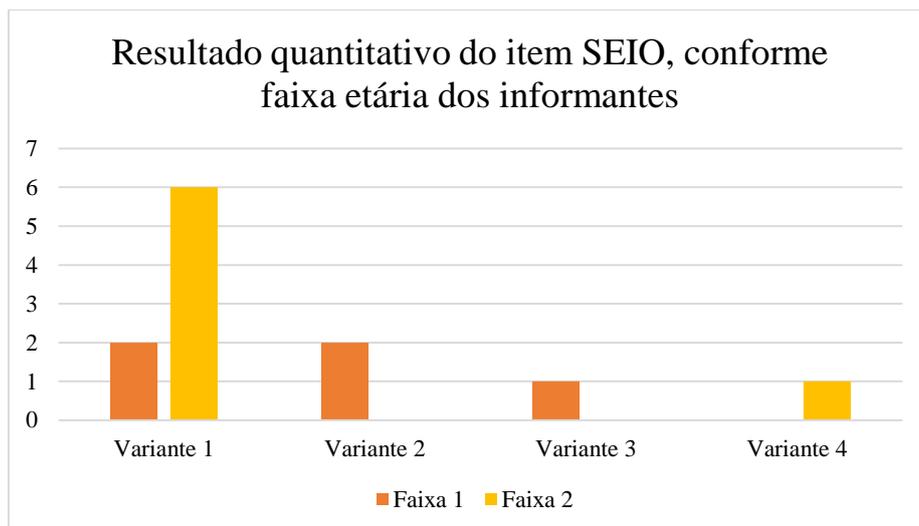
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 68: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme faixa etária dos informantes



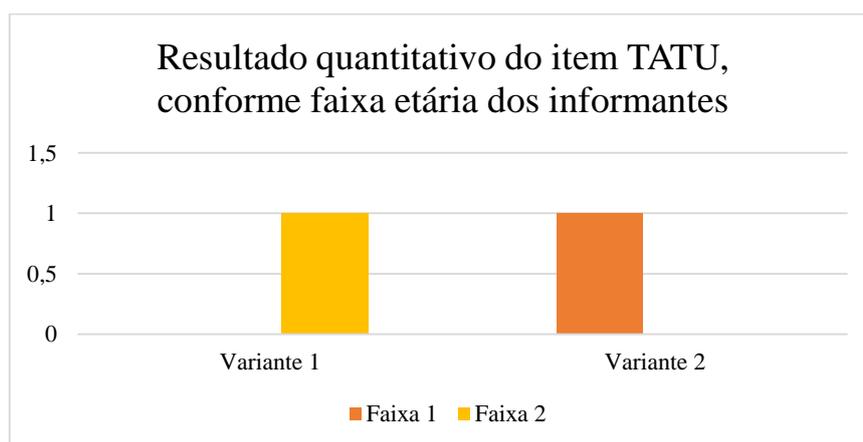
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 69: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme faixa etária dos informantes



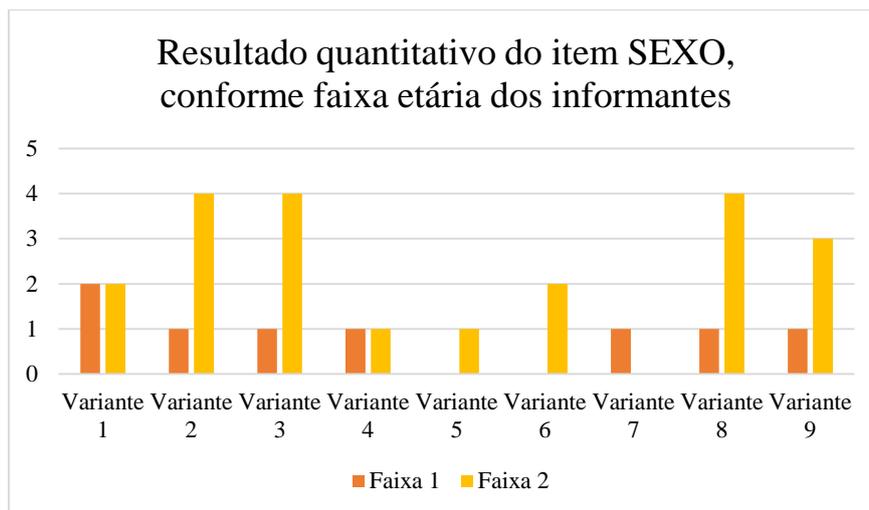
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 70: Resultado quantitativo do item TATU, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

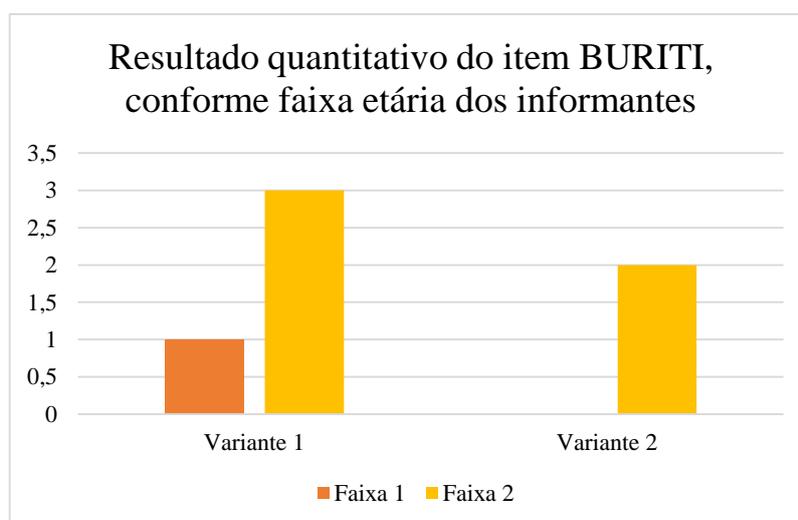
Gráfico 71: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

### 5.2.6.2 Gráficos para variação fonológica

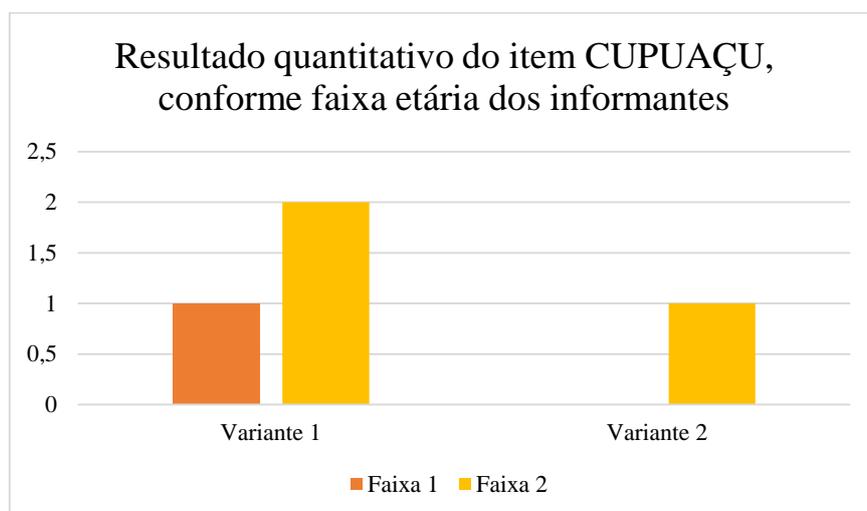
Gráfico 72: Resultado quantitativo do item BURITI, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

O grupo da faixa 2 foi mais inovador, pois produziu duas variantes, enquanto o grupo da faixa 1 produziu uma variante. Assim, indica-se que ambos os grupos utilizaram mais a variante 1, variante padrão deste estudo, diferente da variante padrão dicionarizada.

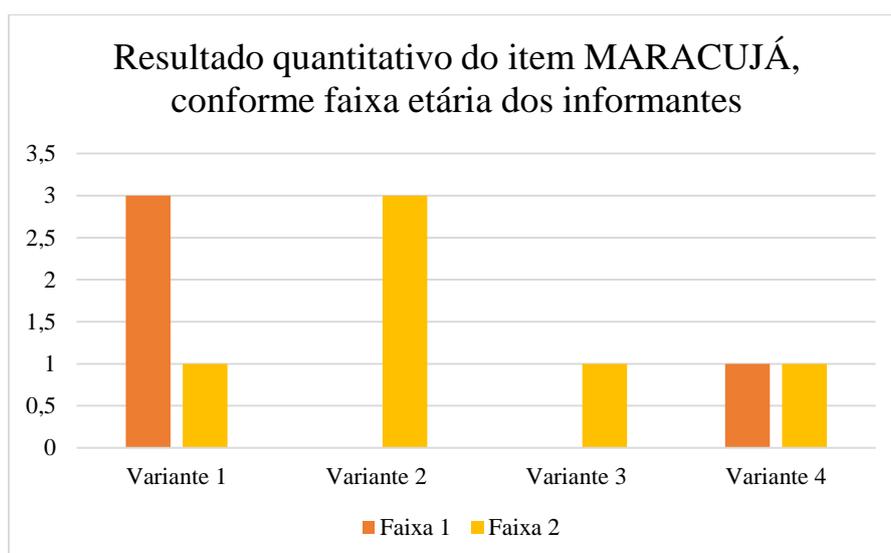
Gráfico 73: Resultado quantitativo do item CUPUAÇU, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

O resultado nos mostra que o grupo da faixa 2 é mais inovador, tendo em vista que produziram duas variantes, enquanto o grupo da faixa 1 produziu uma variante. É possível afirmar que ambos os grupos produziram mais a variante 1, considerada como padrão dicionarizada neste estudo, indicando que a variedade de São Luís utiliza mais esta variante.

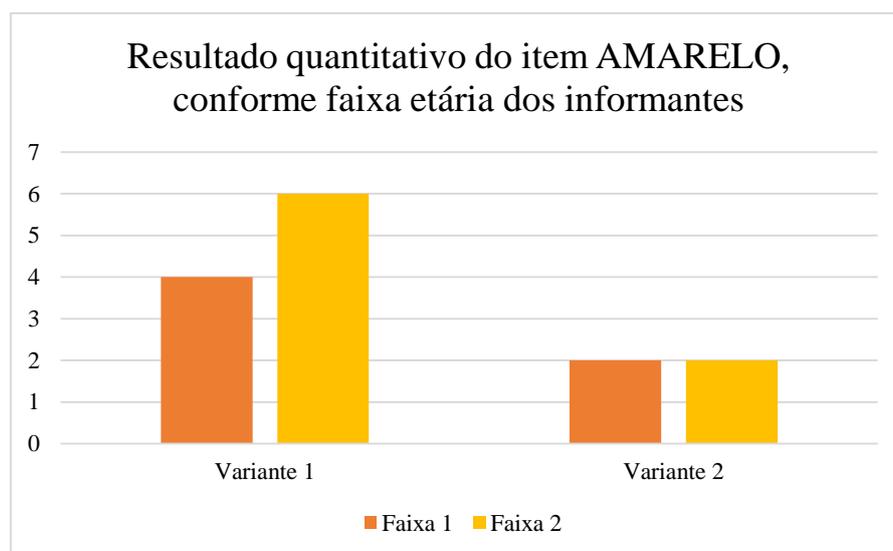
Gráfico 74: Resultado quantitativo do item MARACUJÁ, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Indica-se que as variantes 1 foi a mais utilizadas entre os informantes de grupos distintos. Isso quer dizer que não podemos afirmar uma variante padrão para cada grupo, devido a quantidade de variantes, mas indica que o grupo da faixa 1 utiliza mais a variante 1, padrão dicionarizada, enquanto o grupo da faixa 2 utiliza mais a variante 2, variante utilizada dentro da variedade de São Luís.

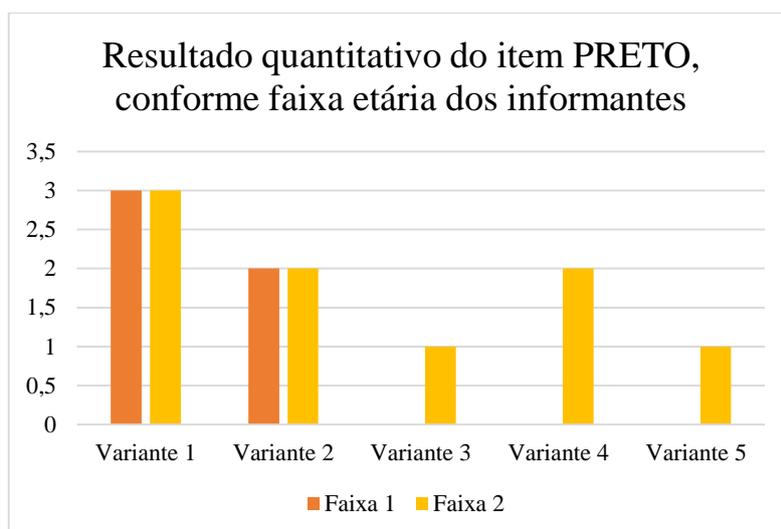
Gráfico 75: Resultado quantitativo do item AMARELO, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Para este resultado, ambos os grupos produziram mais a variante 1, tida como padrão. Assim, percebe-se que o grupo da faixa 2 produziu mais a variante 1.

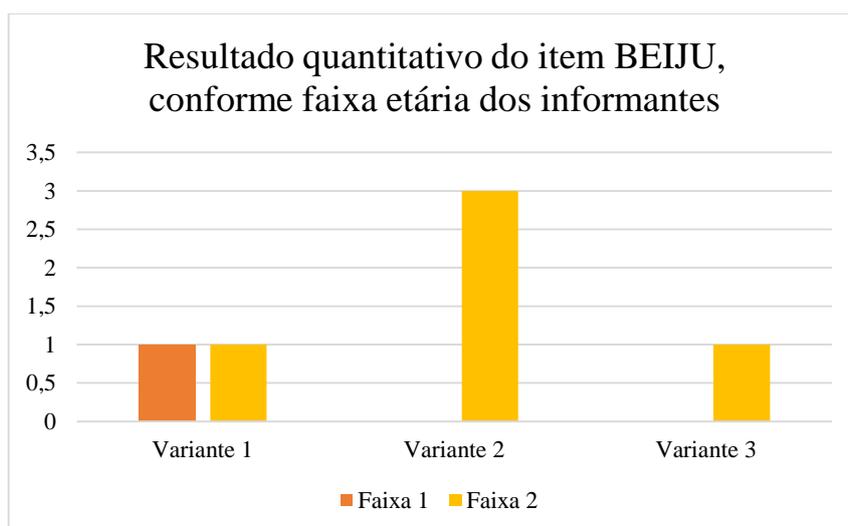
Gráfico 76: Resultado quantitativo do item PRETO, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

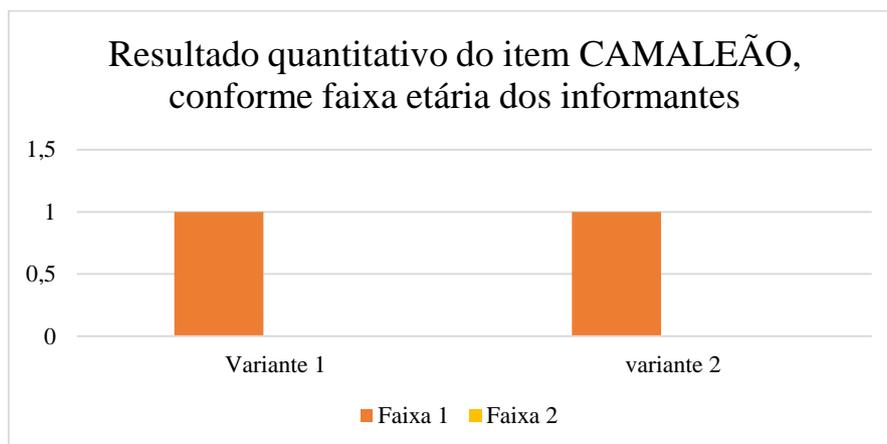
Para este resultado, percebe-se que não há como se estabelecer um padrão para o grupo da faixa 2 porque os resultados estão difusos pela quantidade de variantes produzidas. Porém, é possível identificar uma maior concentração no uso da variante 2 por ambos os grupos. A variante 3, padrão dicionarizada, teve apenas um uso por um informante do grupo da faixa 2. Assim, o padrão dicionarizado não é o mesmo sinal mais recorrente utilizado pelo grupo da faixa 1.

Gráfico 77: Resultado quantitativo do item BEIJU, conforme faixa etária dos informantes



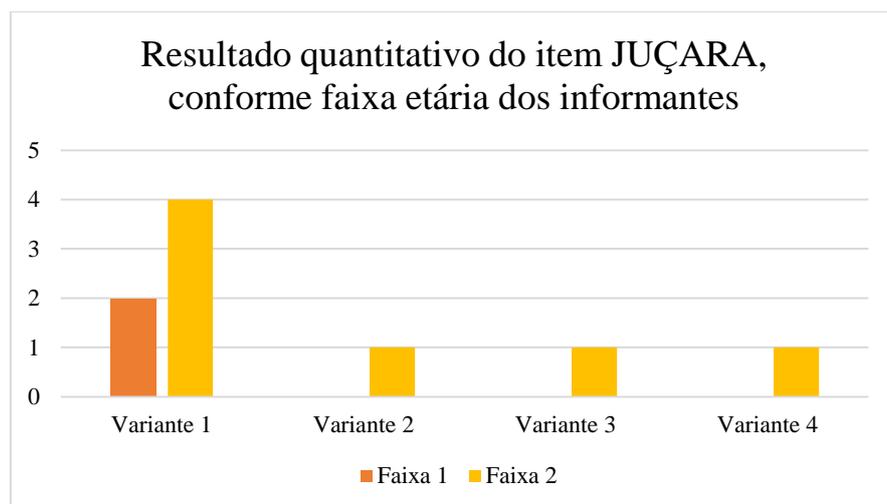
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 78: Resultado quantitativo do item CAMALEÃO, conforme faixa etária dos informantes



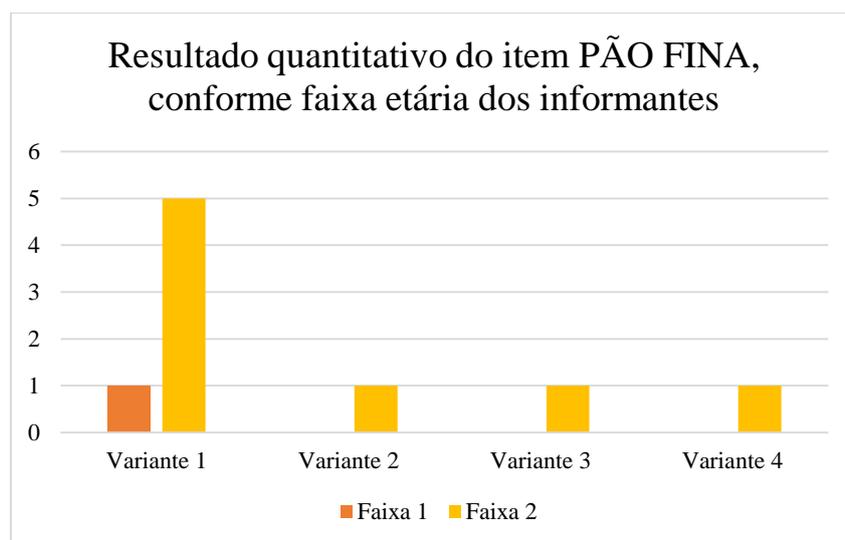
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 79: Resultado quantitativo do item JUÇARA, conforme faixa etária dos informantes



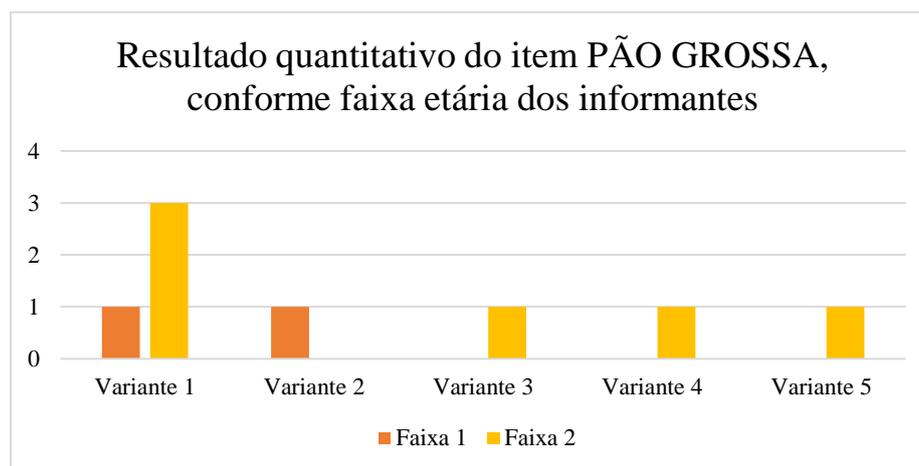
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 80: Resultado quantitativo do item PÃO FINA, conforme faixa etária dos informantes



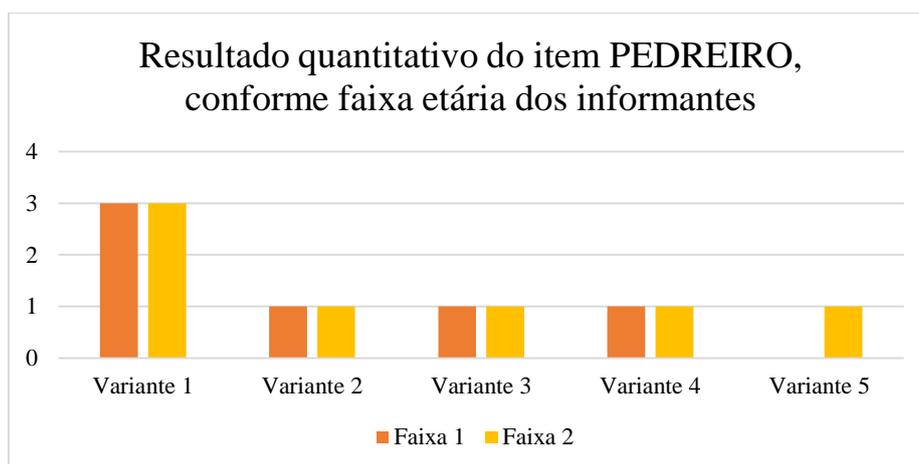
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 81: Resultado quantitativo do item PÃO GROSSA, conforme faixa etária dos informantes



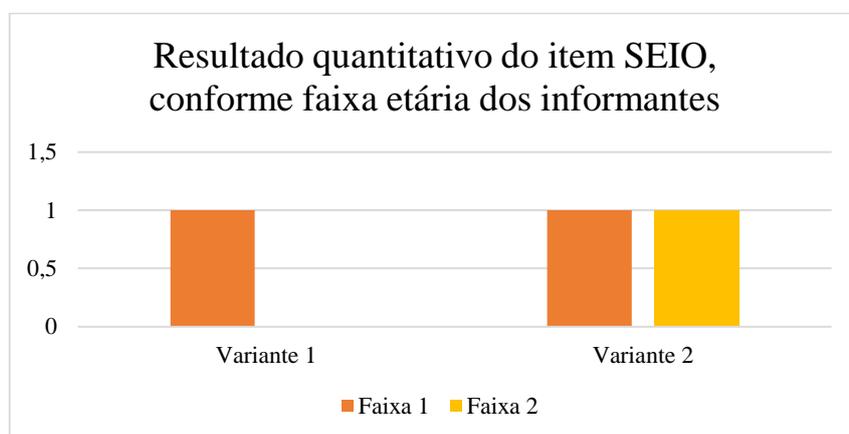
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 82: Resultado quantitativo do item PEDREIRO, conforme faixa etária dos informantes



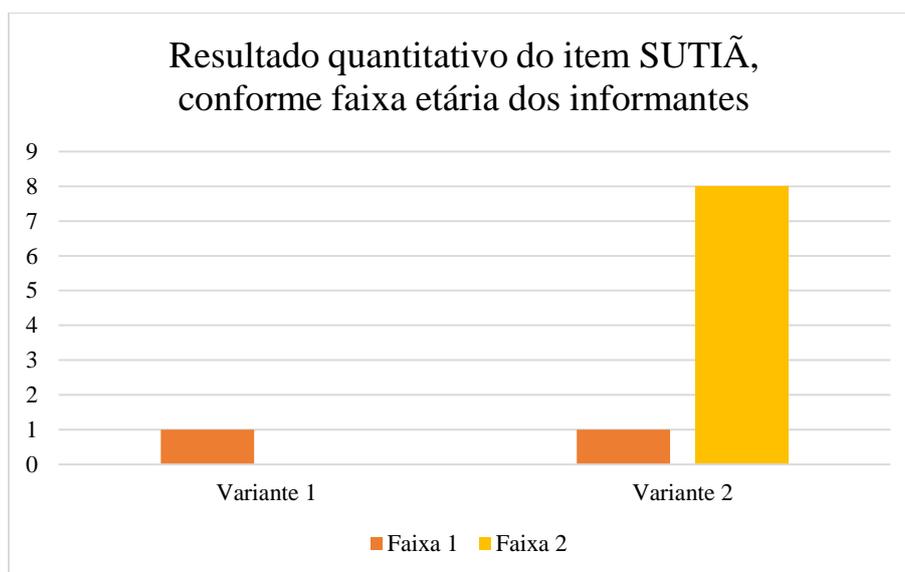
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 83: Resultado quantitativo do item SEIO, conforme faixa etária dos informantes



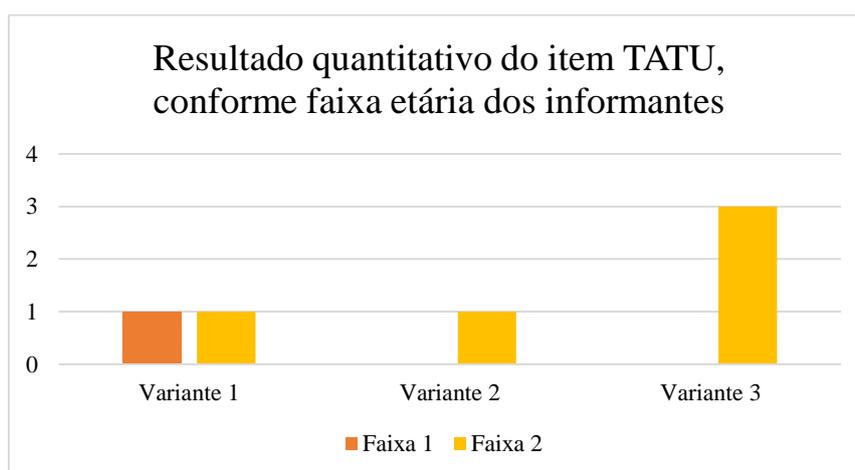
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 84: Resultado quantitativo do item SUTIÃ, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

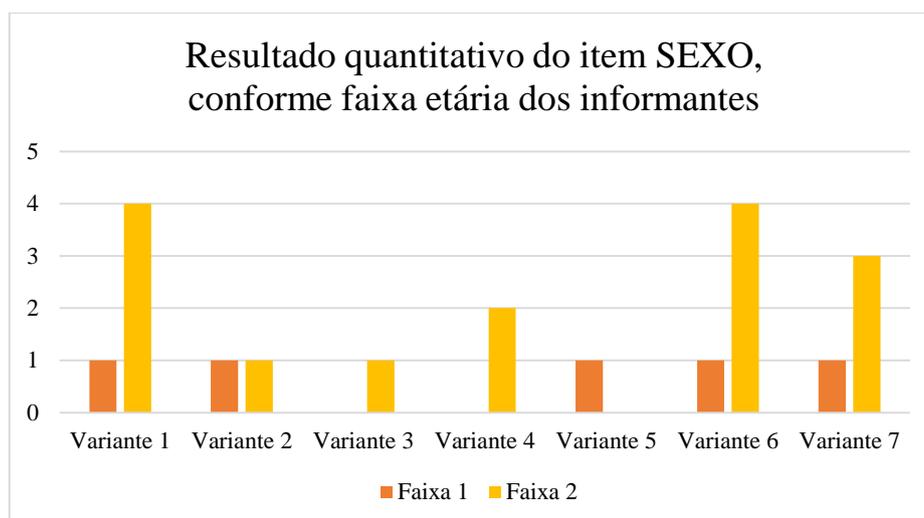
Gráfico 85: Resultado quantitativo do item TATU, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Aqui, no resultado acima, os informantes da faixa 2 são mais inovadores do que os mais jovens da faixa 1, indicando que, mesmo não sendo uma forma dicionarizada, a faixa 2 utilizou a variante 3 como forma mais recorrente, mostrando que, para este item, há diferenças na variedade de São Luís, demarcando, mais uma vez, a identidade da comunidade de prática surda analisada neste estudo.

Gráfico 86: Resultado quantitativo do item SEXO, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

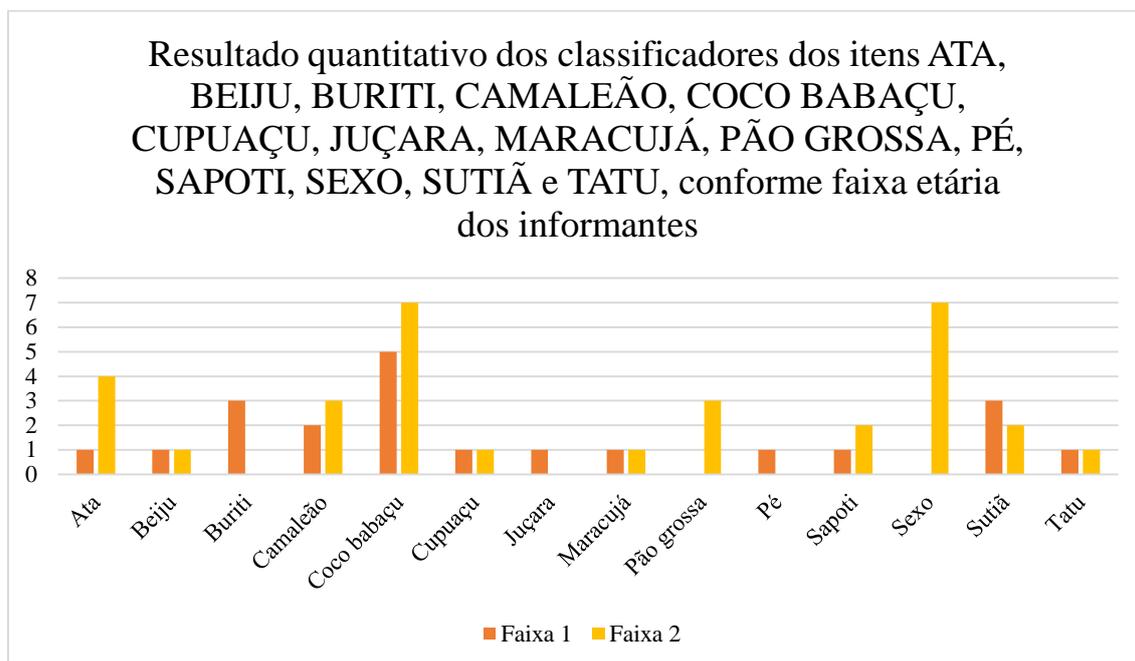
Ao analisarmos estes dados, percebe-se que os informantes da faixa 2 produziram mais variantes do que os informantes da faixa 1. Quatro informantes, em específico, da faixa 1, sendo apenas mulheres, ao ver a imagem referente ao item SEXO, relataram vergonha ao sinalizar este item, sendo um tabu linguístico, por ser considerado como chulo ou impróprio, causando certo desconforto entre os informantes. Destes quatro informantes, dois informaram não conhecer nenhum sinal deste item, e nem mesmo produziram algum classificador, certamente por desconforto, percebido pela expressão facial ao se deparar com a imagem apresentada. Percebe-se, portanto, que alguns informantes da faixa etária 1, sendo mulheres, sentiu este desconforto, o que não ocorreu com os informantes da faixa etária 2, nem com homens e nem com mulheres, que produziram muitas variantes, incluindo classificadores com uma forte carga icônica.

Isso mostra que o item SEXO, enquadra-se no léxico tabu, por se tratar de um nome atribuído a uma zona sexual, ao ato sexual, denominado também de léxico proibido (Orsi e Zavaglia, 2012). Nesse viés, Marinho (2009: *apud* Orsi; Zavaglia, 2012, p. 158) afirma que os tabus linguísticos é tudo aquilo “que não pode ser usado, feito ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor”. Assim, conforme a análise, a faixa etária 1 foi mais conservadora na produção das variantes deste item.

### 5.2.6.3 Gráfico para classificadores

Gráfico 87: Resultado quantitativo dos classificadores dos itens ATA, BEIJU, BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÃO

GROSSA, PÉ, SAPOTI, SEXO, SUTIÃ e TATU, conforme faixa etária dos informantes



Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme a análise acima, os informantes da faixa 2 utilizaram mais classificadores, ou seja, mais iconicidade, contendo formas, ações, características dos itens, em comparação a faixa etária 1. Isso indica que, por terem mais vivência, utilizam-se de detalhes para descrever e produzir sinalizações, na ausência de um sinal.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o que podemos considerar, sem dúvidas, é que muito ainda precisa ser explorado sobre a variação linguística em Libras. Investigações como esta precisam ser feitas, mesmo que com poucos dados, para que o fenômeno da variação seja compreendido, por ser algo intrínseco de línguas naturais, e aperfeiçoado com descrições linguísticas mais apuradas utilizando-se de métodos precisos para análise.

Ainda assim, é notório afirmarmos que a variação linguística na Libras ocorre no nível lexical e fonológico. Percebe-se, então, a partir das variantes encontradas, a forte influência da iconicidade na produção das sinalizações, motivo este que justifica a quantidade de variantes produzidas pelos informantes neste estudo. Como vimos, há produções com maior iconicidade do que outros, a depender das formas, características, cores, ações e, até mesmo, sinais associados a própria raiz morfológica da palavra, como no caso de CORAÇÃO (sendo este um empréstimo da LSF), fazendo referência a fruta da paixão, e SONO para o item MARACUJÁ.

Cabe retomar aqui o objetivo deste estudo de analisar a variação na sinalização para os campos semânticos referentes animais, comidas, convívio, cores, corpo humano, frutas, profissões e vestuário e acessórios, por indivíduos surdos residentes na ilha de São Luís, no Maranhão. Especificamente, buscou-se verificar se há, entre surdos da ilha de São Luís, diferenças na sinalização para itens lexicais, selecionados a partir dos campos semânticos citados, na grande ilha de São Luís. Assim, todos os itens investigados apresentaram alto grau de variabilidade, apresentando produções icônicas referente aos itens.

Dentre os itens investigados como AMARELO, ATA, BEIJU, CUPUAÇU, JUÇARA, MARACUJÁ, PÉ, PEDREIRO, PRETO, SEIO, SEXO, SUTIÃ e TATU, possuem registro do dicionário de referência utilizado neste estudo, apenas as variantes padrão dos itens JUÇARA e PÉ correspondem ao mesmo padrão de uso da comunidade analisada. Em contrapartida, os itens PEDREIRO, SEIO, SUTIÃ e TATU, mesmo possuindo registro no dicionário, não possuem correspondência de uso na comunidade de prática surda investigada. Desse modo, compreende-se que as comunidades de prática surda também possuem uma identidade que perpassa pelo uso da língua.

Por outro lado, os sinais que não possuem registro no dicionário, como BURITI, CAMALEÃO, COCO BABAÇU, PÃO FINA e PÃO GROSSA, tiveram uso pelos informantes, mostrando que, mesmo que não haja um registro nacional para tais itens, a

comunidade a utiliza, podendo ser variantes de uma mesma variável, ou, até mesmo, classificadores e/ou empréstimos linguísticos.

No que tange a análise quantitativa das variáveis extralinguísticas (sexo/gênero, escolaridade e faixa etária), percebemos que as mulheres utilizaram mais empréstimo linguístico, uso de datilologias para se referir aos itens, do que os homens. A faixa etária 1 e os informantes com ensino médio, também, utilizaram mais empréstimos do que a faixa 2 e os informantes com ensino superior. O grupo de frequentadores do CAS (em sua maioria com ensino superior completo), também, utilizaram mais os empréstimos para produzir os itens, indicando que na ausência de um sinal, a palavra soletrada é, também, um recurso a ser utilizado, se comparado ao grupo dos alunos, tendo em vista que são alunos do curso de língua portuguesa para surdos (apesar de terem ensino médio completo), podendo não ter, ainda, conhecimento sobre as palavras correspondentes aos itens, fazendo uso de formas mais icônicas na produção dos itens.

Neste estudo, verificou-se que os grupo de homens foram mais inovadores, enquanto as mulheres foram mais conservadoras. Para os itens que possuem registro no dicionário, os informantes do ensino superior, em sua maioria, tiveram maior recorrência no uso destes sinais. Informantes com ensino médio e informantes da faixa etária 2 utilizaram formas mais icônicas na produção dos itens.

Após análise das produções realizadas pelos informantes, comprovamos e ratificamos, portanto, que a variação linguística é inata as línguas naturais, e isso inclui a Libras. Desse modo, a variação lexical na Libras é recorrente, da mesma forma como a variação fonológica, por pequenas alterações nos parâmetros linguísticos da Libras. Assim, as variantes que sofreram alteração a nível lexical e fonológico, consideramos como variantes de uma mesma variável, do mesmo modo como o uso de empréstimos da língua portuguesa, pela recorrência de uso. Houveram produções mais icônicas, algumas referindo-se as formas, ações, instrumentos, cores, características etc, consideramos como classificadores, e não como sinais, apesar de que os classificadores são possibilidades de produzir um item, mas não é, ainda, um sinal, podendo, ao longo do tempo, ser lexicalizado e incorporado como sinal.

Em relação ao uso de classificadores, apesar de não ser o foco central deste estudo, foram considerados como uma possibilidade de sinalizar os itens, mas não foram considerados como variantes de uma mesma variável. O grupo de homens, informantes com ensino médio e a faixa 2 foram os que mais utilizaram este recurso na produção dos itens. Pela forte carga icônica que carrega os classificadores, indica que estes grupos são

mais prováveis em utilizar este recurso, e formas mais icônicas, para produzir um item na ausência de um sinal.

Cabe ressaltar que o sinal para o item ATA, tem muitas possibilidades de sinalização, nos quais foram encontrados variantes de uma mesma variável, classificadores, mas que o uso do empréstimo linguístico da palavra soletrada pode estar se tornando o sinal padrão. Isso é perceptível pela quantidade de usos desta produção. Além do mais, a maioria dos sinais para ATA são realizados com duas mãos, mas que, o uso de uma mão pode estar sendo mais utilizado, como o uso da palavra soletrada, podendo ser uma mudança em progresso.

Em relação ao sinal de SEXO, por ser um tabu linguístico ainda hoje, a faixa etária 1 foi mais conservadora na produção das variantes deste item, enquanto os informantes da faixa 2 foram mais inovadores.

Percebemos, após análise dos itens a luz do dicionário que, há um padrão mais concentrado das regiões sul e sudeste, e quando comparamos os dados coletados, vemos que as formas mais recorrentes de uso, por vezes, não é a forma dicionarizada, entendemos, portanto, que o dicionário não dá conta da demarcação da identidade surda local. Ainda que os surdos da variedade de São Luís utilizem as formas dicionarizadas, mas não são a maioria das produções, pois as sinalizações marcam as características e identidade da comunidade de prática surda analisada.

A comunidade de prática surda analisada nesta pesquisa foi fundamental para entender o uso linguístico e as relações que influenciam nas produções dos informantes. A comunidade de prática surda, agora pensava em indivíduos surdos, marca relações sociais, uso linguísticos e práticas sociais.

Este trabalho contribui, portanto, teoricamente, porque traz para o centro do interesse a discussão em torno de variante de uma mesma variável em Libras, e critérios para se estabelecer se é uma variação lexical, variante de uma mesma variável, ou classificador, além de contribuir com a noção de comunidade para estudos sociolinguísticos de línguas sinalizadas e, metodologicamente, propõe-se um desenho para se estudar descrição sociolinguística de dados oriundos de línguas de sinais em comunidades surdas.

## REFERÊNCIAS

AVER VANIN, Aline. **Considerações relevantes sobre definições de 'comunidade de fala'**. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 31, n. 2, 2009.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BAYLEY, R., LUCAS, C., & ROSE, M. **Variation in American Sign Language: The case of DEAF**. Journal of Sociolinguistics, 4(1), 81-107. doi: 10.1111/1467, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em 30 de janeiro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em 30 de janeiro de 2024.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. v. 1.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. v. 2.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. v. 3.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. **Gesto, Sinal ou Classificador?: Reflexões sobre o processo de lexicalização na Libras**. In: Língua Brasileira de Sinais: Linguística Aplicada, Educação e Descrição Linguística. 1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2023.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais brasileira (LIBRAS):** um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais, dissertação de mestrado, CCE/UFSC, 2010.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.  
ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. *Communities of practice: where language, gender, and power all live*. Language and Gender. Cambridge University Press, 1992.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Similarities & differences in two brazilian sign languages**. In: *Sign Language Studies*. Spring, nº 42, p. 45-56, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203575>. Último acesso em: 12 jan. 2025.

FREITAG, R. M; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD. 2010.

GUMPERZ, J. J. The Speech Community. In P. P. Giglioli (ed.), *Language and Social Context*. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 219-231.

HONORA, M., & FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. Vol. 1. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

HYMES, Dell H. **Foundations in sociolinguistics:** an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KUSTERS, Annelies ; LUCAS, Ceil. **Emergence and evolutions:** Introducing sign language sociolinguistics. *Journal of Sociolinguistics*, v. 26, n. 1, p. 84–98, 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/josl.12522>. Acesso em: 4 jan. 2025.

KLIMA, E. S. & U. BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, WILLIAM. **Principles of linguistic change** Vol 1: Internal factors. Oxford/Cambridge: Basil Blackwell, 1994.

LABOV. **Sociolinguística:** uma entrevista com William Labov.. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero.

LUCAS C.; BAYLEY R.; VALLI C.; ed. 2001. **Sociolinguistic:** Variation in American SignLanguage. Washington, DC: Gallaudet Univ. Press.

LUCAS, C., BAYLEY, R., MCCASKILL, C., & HILL, J. **The intersection of African**

**American English and Black American Sign Language.** International Journal of Bilingualism, 19(2), 156-168, 2013.

LUDWIG, C. R.; QUADROS, R. M. **Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins.** (Projeto de Pesquisa). Porto Nacional: UFT, 2018.

MACHADO, Rodrigo N. **Empréstimos Linguísticos na Libras:** Primeira turma do curso de letras Libras da UFSC. dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2016.

MCCASKILL, C., LUCAS, C., BAYLEY, R., & HILL, J. **The hidden treasure of Black ASL: Its history and structure.** Washington, DC: Gallaudet University Press, 2011.

MCcCLEARY, L. **Sociolinguística.** Disciplina do Curso de Letras/Libras -UFSC, 2008.  
MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. **Itens lexicais tabus: “usá-los ou não. Eis a questão”.** Todas as Letras, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012.

PETTER, M. (2006). Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) (2006). *Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos.* 5ª ed. São Paulo: Contexto.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Coleção Cadernos CED n. 13. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, Ronice M. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, Angélica. **As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional.** In: *Sensos-e*, 6 (1), 90–103, 2019.

ROSA, I. de M. F. KRIEGER, M.; ARAUJO, R. M. E.; PORTA, S. L. **Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação.** Internal Research Reports, 2016.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil.** *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2. P. 187-207, jul./dez. 2011. p. 187-207.

SANTOS, R.; VITÓRIO, E. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas.* Maceió: EDUFAL, 2011.

SANTOS, Wendel Silva dos; AZEVEDO, Renan Pires. **Um estudo de variação lexical em Libras entre surdos residentes da região metropolitana de São Luís, Maranhão.** In: *Working Papers em Linguística*, nº 25, vol. 1. Florianópolis, 2024, p. 121-148.

SAUSSURE, F. de. (2006) **Curso de lingüística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 27ª ed. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

SILVA, Alan David Sousa. **Variação fonológica e lexical em Libras**. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

VILLALVA, A. & SILVESTRE, J. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

XAVIER, A. N. **Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais**. In: XVI SETA - Seminários de Teses em Andamento, 2011, Campinas. Anais do SETA (UNICAMP), 2011. v. 5. p. 119-145.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DO ESPAÇO PARA PESQUISA  
ACADÊMICO-CIENTÍFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBa  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL – PPGLB  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
DISCENTE: RENAN PIRES AZEVEDO  
ORIENTADOR: PROF. DR. WENDEL SANTOS

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-  
CIENTÍFICA

Prezada Senhora,

Thays Nayara Frazão Silva

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa de dissertação do acadêmico Renan Pires Azevedo, orientado pelo Professor Doutor Wendel Silva dos Santos, tendo como título “A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo sociolinguístico de variação lexical”. O Objetivo Geral da pesquisa é verificar se há variação na sinalização para termos referentes aos campos semânticos referentes a comidas, frutas, fauna, vestuário e acessórios, profissões, corpo humano e relação sexual, e se há distintas maneiras de sinalização para o mesmo referente, além de analisar os fatores sociais dos informantes.

A coleta de dados será feita por meio de entrevistas filmadas na sala de vídeo deste Centro de Apoio à Pessoa com Surdez – CAS. Todos os participantes assinarão um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando, ou não, a divulgação de sua imagem.

A presente atividade é requisito para a conclusão do **Mestrado Acadêmico em Letras**, da Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

São Luís, 20 de janeiro de 2025.

---

Mestrando pesquisador

---

Professor Orientador

Deferido ( )

Indeferido ( )

---

Thays Nayara Frazão Silva  
Gestora geral do CAS

## APÊNDICE B

### FICHA DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL – CCBa  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL – PPGLB  
 MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
 DISCENTE: RENAN PIRES AZEVEDO  
 ORIENTADOR: PROF. DR. WENDEL SANTOS



FICHA DO PARTICIPANTE		Nº DA FICHA:
1. NOME COMPLETO:		2. DATA DA ENTREVISTA:
3. IDADE:	4. SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO	
5. SURDEZ ADQUIRIDA OU CONGÊNITA:	6. PRIMEIRO CONTATO E APRENDIZADO DA LIBRAS:	
7. ESTADO CIVIL:	8. NATURALIDADE:	
9. CIDADE/ESTADO QUE RESIDE:	10. QUANTO TEMPO VIVE NO MUNICÍPIO:	
11. ESCOLARIDADE:	12. PROFISSÃO:	
13. ANOS DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA:	14. SABE A LÍNGUA PORTUGUESA:	
15. ESTUDOU EM CLASSE ESPECIAL OU CLASSE REGULAR INCLUSIVA:		
16. TEVE INTÉRPRETE DE LIBRAS EM SALA DE AULA:		
17. QUAL O VÍNCULO COM O CAS:		
18. SE NÃO É ALUNO ATUALMENTE, QUAL O MOTIVO QUE FREQUENTA O CAS:		
19. OUTRAS INFORMAÇÕES:		

**APÊNDICE C****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA  
LIBERAÇÃO E DIVULGAÇÃO DO USO DE IMAGEM**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS - CCEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACABAL  
MESTRADO EM LETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo sociolinguístico de variação lexical, sob a responsabilidade do discente pesquisador Renan Pires Azevedo, mestrando em Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) de Bacabal. Esta pesquisa de campo é orientado pelo Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos, professor do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nesta pesquisa busca-se investigar a variação sociolinguística dos sinais usados na área por meio de coleta de dados em vídeo. Sendo assim, necessitamos que você seja filmado para fins de análise dos dados coletados e divulgação do sinal realizado por você. Justifica-se ao fato que, com a publicação de sua imagem realizado o sinal, os dados serão mais fidedignos, visto que o pesquisador não consegue reproduzir, fidedignamente contendo todos os parâmetros e traços estruturais da Libras, o sinal realizado pelo você como usuário da língua. Quanto a publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade será preservada, como nome e informações pessoais e, em nenhum momento, será identificado. Por se tratar de uma pesquisa com coleta de dados através de entrevista presencial, os riscos envolvidos nesta pesquisa giram em torno de possíveis constrangimentos aos participantes por não saber determinado sinal. Caso sintam-se constrangidos com qualquer realia apresentada que não conhecer o sinal em Libras, podem optar por não responder, o que não lhes acarretará nenhum prejuízo ou ônus. Aos participantes, terão o benefício direto em receber os resultados da pesquisa, na qual serão compartilhados após a conclusão da pesquisa. O benefício está em contribuir significativamente com o avanço da ampliação dos estudos sociolinguísticos da Libras no Maranhão compreendendo o sistema linguístico da Libras e do estudo da variação na sinalização da comunidade surda presente na ilha de São Luís. Esta pesquisa não lhe acarretará nenhum ônus, tampouco lhe renderá lucros financeiros. Informamos que a qualquer tempo você é livre para deixar de participar da pesquisa sem nenhum prejuízo ou coação. Caso ocorra alguma eventualidade que julguem ser necessária a intervenção do Comitê e ter acesso aos dados da pesquisa posteriormente, consulte e recorra ao Comitê de Ética em Pesquisa, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, localizado na Avenida dos Portugueses, nº 1966, CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado. Bairro: Bacanga. CEP: 65.080-805. UF: MA. Telefone: (98)3272-8708. Município: São Luís – MA. Telefone: (98)3272-870. CEP: 65.080-805. E-mail: cepufma@ufma.br, instituição responsável pela pesquisa. Além disso, para maiores esclarecimentos, entrar em contato com o próprio pesquisador Renan Pires Azevedo, residente em Rua Holanda, Quadra – 24, Nº 07, bairro Anjo da Guarda. CEP: 65.085-104. Município: São Luís. Telefone para contato: (98)98266-1112. E-mail: renan.pires@discente.ufma.br, responsável pela pesquisa.

São Luís (MA), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

---

Mestrando Pesquisador: Renan Pires Azevedo

---

Prof. Orientador: Dr. Wendel Silva dos Santos

Eu aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Participante da pesquisa

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE D****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PRESERVAÇÃO E NÃO USO DE IMAGEM PARA DIVULGAÇÃO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS - CCEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACABAL  
MESTRADO EM LETRAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ILHA DE SÃO LUÍS: um estudo sociolinguístico de variação lexical, sob a responsabilidade do discente pesquisador Renan Pires Azevedo, mestrando em Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) de Bacabal. Esta pesquisa de campo é orientado pelo Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos, professor do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nesta pesquisa busca-se investigar a variação sociolinguística dos sinais usados na área por meio de coleta de dados em vídeo. Sendo assim, necessitamos que você seja filmado apenas para fins de análise dos dados coletados. Quanto a publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade e sua imagem será preservada, como nome, imagem e informações pessoais e, em nenhum momento, será identificado, exibido ou divulgado. Por se tratar de uma pesquisa com coleta de dados através de entrevista presencial, os riscos envolvidos nesta pesquisa giram em torno de possíveis constrangimentos aos participantes por não saber determinado sinal. Caso sintam-se constrangidos com qualquer realia apresentada que não conhecer o sinal em Libras, podem optar por não responder, o que não lhes acarretará nenhum prejuízo ou ônus. Aos participantes, terão o benefício direto em receber os resultados da pesquisa, na qual serão compartilhados após a conclusão da pesquisa. O benefício está em contribuir significativamente com o avanço da ampliação dos estudos sociolinguísticos da Libras no Maranhão compreendendo o sistema linguístico da Libras e do estudo da variação na sinalização da comunidade surda presente na ilha de São Luís. Esta pesquisa não lhe acarretará nenhum ônus, tampouco lhe renderá lucros financeiros. Informamos que a qualquer tempo você é livre para deixar de participar da pesquisa sem nenhum prejuízo ou coação. Caso ocorra alguma eventualidade que julguem ser necessária a intervenção do Comitê e ter acesso aos dados da pesquisa posteriormente, consulte e recorra ao Comitê de Ética em Pesquisa, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, localizado na Avenida dos Portugueses, nº 1966, CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado. Bairro: Bacanga. CEP: 65.080-805. UF: MA. Telefone: (98)3272-8708. Município: São Luís – MA. Telefone: (98)3272-870. CEP: 65.080-805. E-mail: cepufma@ufma.br, instituição responsável pela pesquisa. Além disso, para maiores esclarecimentos, entrar em contato com o próprio pesquisador Renan Pires Azevedo, residente em Rua Holanda, Quadra – 24, Nº 07, bairro Anjo da Guarda. CEP: 65.085-104. Município: São Luís. Telefone para contato: (98)98266-1112. E-mail: renan.pires@discente.ufma.br, responsável pela pesquisa.

São Luís (MA), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

---

Mestrando Pesquisador: Renan Pires Azevedo

---

Prof. Orientador: Dr. Wendel Silva dos Santos

Eu aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Participante da pesquisa

Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_